

**#MarielleFranco: Estudo da Utilização das *Hashtags*
como Ferramenta de Mobilização no Contexto do
*Ciberativismo***

Weldson Silva Medeiros

**Dissertação de Mestrado em Novos Media e Práticas
Web**

maio, 2020

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Novos Media e Práticas Web, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Marisa Torres da Silva.

*Dedico este trabalho à vereadora Marielle Franco
que foi brutalmente assassinada em 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro e a
todas as mulheres, negros e LGBTQI+ que morrem por crimes de ódio no Brasil.
Dedico também aos ciberativistas que criam conteúdos e promovem debates de
direitos humanos nas redes sociais.*

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram e incentivaram em momentos de alegria e adversidade durante o mestrado.

Agradeço aos meus professores, em especial, à professora Doutora Marisa Torres pelos ensinamentos e orientações que me possibilitaram desenvolver a pesquisa.

Agradeço, também, às investigadoras Janna Omena e Mara Magalhães pelas boas informações sobre métodos de investigação nas redes sociais.

#MarielleFranco: Estudo da Utilização das Hashtags como Ferramenta de Mobilização no Contexto do *Ciberativismo*

Weldson Medeiros

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo de caso sobre o uso da *hashtag* no contexto *ciberativista* no Instagram, após o assassinato da vereadora Marielle Franco, a 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. As *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente foram analisadas por meio dos Métodos Digitais em temas ligados a direitos humanos dos seguintes grupos sociais: mulheres, LGBTQI+ e negros. O estudo expõe a adesão e participação de artistas no processo viral das *tags* na rede social e identifica personagens políticos que motivaram a utilização das *hashtags*.

Palavras-chave: *Ciberativismo*; *Hashtag*; #MarielleVive; #MariellePresente; Redes Sociais.

#MarielleFranco: Study of the Use of Hashtags as a Mobilization Tool in the Context of Cyberactivism

Weldson Medeiros

ABSTRACT

This dissertation presents a study on the use of the hashtag in the cyberactivist context on Instagram, after the murder of city councilor Marielle Franco, in March 2018, in Rio de Janeiro. The hashtags #MarielleVive and #MariellePresente were analyzed using Digital Methods on themes related to the human rights of social groups: women, LGBTQI + and black people. The study exposes the adhesion and participation of artists in the viral process of tags on the social network and identifies political characters that motivate the use of hashtags.

Keyword: Cyberactivism; *Hashtag*; #MarielleVive; #MariellePresente; Social Networks.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: <i>Ciberativismo</i> e as Mobilizações Sociais	4
1.1 Momentos Marcantes do <i>Ciberativismo</i>	5
1.2 <i>Ciberativismo</i> e a <i>Hashtag</i>	18
Capítulo II: Comunicação Mediada por Computador (CMC) e a <i>Hashtag</i> como Ferramenta de Contexto. O Assassinato de Marielle Franco	21
2.1 <i>Hashtag</i> como Ferramenta de Contexto	26
2.2 Marielle Franco e as <i>Hashtags</i>	30
Capítulo III: Repertório dos Movimentos Sociais e Lutas da Comunidade Feminina, LGBTQI+ e Negra no Brasil	40
3.1 Marcos Históricos da Luta Feminista no Mundo e no Brasil	42
3.2 As Causas LGBTQI+	47
3.3 A Militância da Comunidade Negra no Brasil	49
Capítulo IV: Método de Investigação	54
4.1 A Era do Big Data e as Discussões Metodológicas	55
4.2 Métodos Digitais e a <i>Hashtag</i>	64
4.3 Processo Analítico e as Ferramentas	68
Capítulo V: Processamento Técnico de Dados e Identificação Temática.....	70
5.1 Visualização Expandida.....	71
5.2 Visualização Modal	74
5.3 Ordem das Comunidades por Importância e Cor	75
Capítulo VI: #Marielle: Análise das <i>Hashtags</i> no Contexto <i>Ciberativista</i> e a Representatividade dos Grupos Sociais	79
6.1 #Marielle: comunidade LGBTQI+	79
6.2 #Marielle: a sororidade feminina	91
6.3 #Marielle: movimento da população negra.....	103
Capítulo VII: #MarielleVive e #MariellePresente: Os Influenciadores e o Uso Atemporal das <i>Hashtags</i>	120
7.1 – #Marielle: do tapete vermelho do Oscar às ruas de paredes pintadas	120
7.2 - Uso das <i>Hashtags</i> e os Personagens Envolvidos na Promoção e Discussão do Assunto no Instagram	134
7.3 – Outras Personalidades Políticas Associadas às <i>Tags</i> #MarielleVive e #MariellePresente.....	143
Conclusão	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	155
Lista de Figuras.....	164

Introdução

Esta investigação académica propõe-se a realizar um estudo sobre a utilização das *hashtags* no âmbito do *ciberativismo*. A repercussão nas redes sociais digitais do caso da vereadora carioca Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro, a 14 de março de 2018, será estudada e explicada no decorrer do trabalho em dois momentos marcantes do caso: após a morte da política e, depois, com a prisão dos primeiros acusados. A análise deste caso dar-se-á por meio das *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente que foram publicadas no Instagram.

A pesquisa tem o objetivo de constatar a importância da *hashtag* como uma ferramenta das plataformas digitais, capaz de inspirar os utilizadores a produzirem conteúdo e mobilizarem atos ativistas nas redes sociais e nas ruas, bem como expor a forma como a cerquilha (#), símbolo gráfico é utilizado em diferentes mídias, tornando-se um recurso para a promoção de debates de assuntos de cunho sociopolítico. Neste sentido, a tese terá como foco a investigação do uso da *hashtag* no contexto do assassinato da vereadora Marielle, a análise de temas ligados à igualdade social, género e racial correlacionados às cerquilhas em homenagem à vereadora e verificar a participação dos artistas e digital *influencers* no processo viral das *hashtags*.

O crime que acabou com a vida da vereadora indica uma mudança nas relações e na forma como as pessoas se expressam nas redes sociais, no que diz respeito ao assunto. Simpatizantes e não simpatizantes de Marielle Franco criaram padrões digitais (*hashtags*), como #MarielleVive e #MariellePresente, para opinar, discutir e solicitar investigações sobre o crime. Partindo deste princípio, a investigação tentará responder a algumas questões, nomeadamente:

- De que maneira as *hashtags* que envolvem Marielle Franco estão associadas às lutas pela igualdade de direitos de grupos vulneráveis?

- De que forma os integrantes de grupos sociais, como negros, homossexuais e mulheres aderiram, compartilharam e criaram conteúdos associados ao elemento cerquilha como forma de passar uma mensagem política?

- Qual impacto das celebridades no processo de adesão do movimento *online* #MarielleFranco?

O caso do assassinato de Marielle Franco, vereadora eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e militante dos direitos humanos, provocou revolta e vários discursos nas redes sociais. O crime com envolvimento de policiais e de mandantes desconhecidos lança um novo padrão de mobilização social que começa na *Internet* e depois ganha multidões nas ruas. Marielle Franco era mulher, negra, mãe, lésbica e cria da favela da Maré, como gostava de descrever-se nas redes sociais. A vereadora estava envolvida na luta de igualdade de gênero, raça e orientação sexual e tornou-se um ícone, representada por *hashtags* nas redes sociais, na promoção e discussão de temas dos direitos humanos.

O modelo de investigação adotado baseia-se nos Métodos Digitais que se fundamenta na manipulação e análise de informações extraídas das redes sociais por meio de *software*. Para o estudo, os programas Instagram Scraper, desenvolvidos pela Universidade de Amsterdão para extração de dados relacionados às *hashtags*, e o Gephi são utilizados para fazer a modulação dos dados. O tratamento de dados será a primeira fase de investigação e após a identificação e mapeamento do conteúdo no Instagram.

O embasamento teórico está dividido em 4 capítulos. No capítulo 1, “*Ciberativismo e Mobilizações Sociais*”, apresenta-se o conceito do ativismo visto nas redes sociais atualmente e como as *hashtags* estão relacionadas com as atividades cibernéticas. Neste capítulo, abordam-se os pontos levantados por Becker e Gomes (2017), de como as novas mídias possibilitaram novas maneiras de organizações dos movimentos sociais e as explicações das terminologias que envolvem o ativismo nas redes sociais, em consonância com Alcântara (2015).

No capítulo 2, a “*Comunicação Mediada por Computador, a Hashtag como Ferramenta de Contexto e o Caso de Femicídio de Marielle Franco*”, ilustra-se como os utilizadores empregam símbolos e elementos gráficos para transmitir uma mensagem. Ver-se-á as cinco características no processo de interação entre os utilizadores apontadas por Recuero (2012) e como as *hashtags* são usadas como expressões individuais e sentimentais nas redes sociais explicado por Costa-Moura (2014).

No capítulo 3, “*Repertórios dos Movimentos Sociais e Lutas da Comunidade Feminina, LGBTQI+ e Negra no Brasil*”, expõe um panorama da trajetória de conquistas e desafios enfrentados por mulheres, negros e LGBTQI+. Apresenta os dados que demonstram que o Brasil ainda lidera o *ranking* mundial de mortes de transexuais,

registando altos índices de mortes de negros, comparado com a comunidade branca, e casos de feminicídio.

No capítulo 4, “Método Investigativo”, decorre-se sobre as metodologias e as formas de desenvolvimento da pesquisa por meio dos Métodos Digitais, tendo com base as explicações de Roger (2016), Omena (2019), See et al. (2016), Boyd e Crawford (2012) que discorrem sobre *big data* e técnicas de investigação. Os autores pontuam questões éticas e práticas da manipulação de informações e as oportunidades de estudos de caso por meio da análise de dados.

A descrição do processo de extração, modulação, identificação de comunidades e o mapeamento de conteúdo nas páginas das *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente no Instagram é apresentado no capítulo 5, “Processamento Técnico de Dados e Identificação Temática”. Neste tópico constam os detalhes do processamento de dados.

No capítulo 6, “#Marielle: Análise das *Hashtags* no Contexto Ciberativista e a Representatividade dos Grupos Sociais” consta a análise dos dados extraídos e a contextualização do uso das *hashtags* em diferentes contextos que envolvem as lutas das mulheres, negros e LGBTQI+. Finalmente, o capítulo 7, “MarielleVive e #MariellePresente: Os Influenciadores e o Uso Atemporal das *Hashtags*”, traz uma abordagem dos propulsores, personalidades artísticas e políticas que estão relacionadas com a utilização das *hashtags* pelos internautas.

Na conclusão, apresentam-se os principais pontos identificados na investigação, os resultados alcançados e as respostas às perguntas que originaram o interesse em pesquisar as *hashtags* no contexto ciberativista.

Capítulo I: *Ciberativismo* e as Mobilizações Sociais

A sociedade contemporânea tem vivenciado uma transformação no que tange às formas de manifestações pessoais e/ou de grupos com o advento da *Internet*. A todo momento, é possível verificar que boa parte da participação popular transformou-se em demonstrações virtuais por meio de *post*, *lives* e outras formas de comunicação *online*. A Era Digital e os novos mídias, que possibilitam a conexão entre indivíduos, acrescentaram novos mecanismos de como os movimentos sociais convocam, divulgam e unem as pessoas que estão alinhados sob os mesmos interesses (Becker e Gomes, 2017).

Alcântara (2015), explica que as formas de protestos que eram comuns nos anos 1990 e a própria organização dos movimentos sociais tiveram um *upgrade* com a eclosão das mobilizações sociais e digitais logo na primeira década do século XXI. A ideia de “novo”, devido à utilização de novas tecnologias da comunicação e da informação (NTICs) pelos ativistas - situação denominada atualmente por *ciberativismo* - tem uma definição pouco explicativa. Para a autora, em citação à Melucci (1996), a novidade é entendida como um conceito relativo de curta duração quanto ao número de ações coletivas ao longo da história.

A autora acredita que pode ser “considerada frutífera” a ideia de novidade quando se tem intenções de transformar as ações ativistas e os seus integrantes, bem como os processos de manifestações sociais. Existe uma complexidade na explicação do sentido de novidade no contexto do ativismo quando é necessário interpretar as ações relacionadas ao *ciberativismo*, devido à variação de termos existentes, como: “ativismo midiático, novas mídias, comunicação em rede, comunicação sem fio, ativismo digital, *click-ativismo*, *hackeativismo*, ativismo eletrônico, desobediência civil eletrônica, *smart mobs*” (Alcântara, 2015, p.76). A autora pondera que, apesar de serem distintos, os termos são utilizados como sinónimos. A variação da terminologia incide com o aumento de estudos empíricos que procuram explicar situações específicas e como ocorrem algumas semelhanças no *ciberespaço*.

Para entender o ativismo no ambiente *online*, Alcântara (2015) recorre à ideia de Araújo et al. (2012), que entendem o ativismo como acontecimentos sociais que surgem das redes de comunicação criando uma ligação entre as ações, indivíduos e meios. A autora cita quatro fases para contextualizar o *ciberativismo* (p.77):

- surgimento: momento inicial da *Internet*, o *ciberativismo* gera uma forma de disputa "*tecnosocial*" que impulsiona o mundo *online* a evoluir para uma "tecnologia não proprietária";
- *pré-web*: ideia sobre a *Internet* como um espaço de comunicação para a troca de mensagens de texto. A autora cita a PeaceNet como plataforma de comunicação mais viável entre os ativistas;
- popularização da *web*: ascensão da *Internet*, momento que Alcântara aponta para a criação de sites de apoio ativista, protestos, coberturas de eventos, sendo as "primeiras práticas de Desobediência Civil Eletrônica" e as ações de *hackerativismo*.
- *Web 2.0*: ocasião em que as novas tecnologias possibilitam diferentes formas de interação entre utilizadores e organizações através das tecnologias móveis.

Alcântara (2015), explica que o *ciberativismo* a que estamos a assistir na atualidade tem uma sucessão histórica no campo da tecnologia, da cultura e da política. A autora pondera que é possível entender uma continuidade das características de outros momentos de mobilização do passado e, também, uma descontinuidade com as novas interações que surgem nos movimentos sociais e das ações coletivas com as novas tecnologias.

1.1 Momentos Marcantes do *Ciberativismo*

Em retrospectiva, Alcântara (2015), elenca quatro eventos históricos que trazem uma ideia de teoria e conceito para o *ciberativismo*. Entre os eventos citados por ela, estão os seguintes: Zapatismo, Batalha de Seattle, Queda do presidente das Filipinas (2001) e Pós-2010.

Primeiro ciclo: a causa indígena cibernética

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), grupo de uma comunidade indígena mexicana, surge em janeiro de 1994 quando os índios que viviam às margens de Chiapas, no Sul do México, revoltaram-se contra o governo motivados pela situação de descaso do Estado para com a comunidade (Ortiz, 2005).

As estratégias de comunicação utilizadas por eles, segundo Ortiz (2005), são diferentes das demais ações coletivas ocorridas à época, porque a comunidade usou as mídias para passar as suas mensagens com tom de cultura indígena - com a *Internet* -, o que resultou num movimento pioneiro e de grande repercussão global.

Com adeptos de toda a parte do mundo, o grupo utilizou as ferramentas tecnológicas a seu favor, criando uma rede de comunicação de ativistas dos direitos humanos, movimentos sociais e simpatizantes da causa via *Internet* (Ortiz, 2005). Os comunicados e acontecimentos no local eram acompanhados pela *Internet* e ganhavam cada vez mais visibilidade devido às citações literárias e mitológicas bem-humoradas (Ortiz, 2005).

De acordo com o autor, o subcomandante Marcos teve um papel promissor no processo viral do movimento e de visibilidade da causa. Marcos tornou-se o primeiro "super-herói" da *Internet* por ativistas dos direitos humanos da época, assim como pelo *site* estadunidense "*web art zapatista*". Ortiz (2005), argumenta que os zapatistas sabiam que não poderiam enfrentar o exército com o pobre recurso de armamento que detinham, mas havia munições suficientes, - o apoio social e comoção virtual -, para lutar e defenderem-se dos ataques do inimigo.

"O governo mexicano, que durante quase sete décadas de monopólio do PRI no poder, tentou exercer um controle explícito e reconhecido poder de influência sobre grande parte dos meios de comunicação do país, sobretudo quando se tratava da televisão e o mega-império, Televisa, teve que recuar quando as notícias vindas diretamente da zona de conflito desmentiram a versão oficial de que não havia ataques do exército federal sobre áreas civis. Os comunicados zapatistas e as denúncias dos organismos humanitários circulavam pelo ciberespaço quase em tempo real, abastecendo os ativistas de direitos humanos em todo o mundo e a imprensa internacional antes dos comunicados oficiais do governo" (Ortiz, 2005, n/a).

Para Alcântara (2015), o primeiro movimento *ciberativista* é registado com as revoltas Zapatistas. A autora comenta que o mecanismo adotado pela comunidade indígena teve grande repercussão e chamou à atenção dos pesquisadores americanos, John Arquilla e David Ronfeldt, do órgão estadunidense que investiga questões de segurança da informação (RAND - National Security Research Division). A análise dos pesquisadores resultou em dois conceitos: "*social netwar*" (guerra de rede) e "*swarming*" (redes de enxame), que, segundo a autora, são dois termos muito difundidos no contexto do *ciberativismo*.

Arquilla e Ronfeldt (1996) explicam que o termo de *cyberwar*, conceito trazido por eles em 1993, está relacionado com as informações obtidas por meio de tecnologia para serem usadas em operações militares com o objetivo de interromper algum ataque do adversário; entretanto, "*netwar*" está voltada à ideia de uma baixa-intensidade de um conflito que é criada com um propósito de transformação e nova estrutura social. A mudança de termos, de "*cyberwar*" para "*netwar*", foi verificada pelos autores como a melhor opção, devido à diversidade de agentes protagonistas que pode haver num conflito, podendo eles ser militares ou não (Arquilla e Ronfeldt, 1996, p.1).

Na conceção de Arquilla e Ronfeldt (1996), a "*netwar*" ofusca o que é a linha tênue entre paz e guerra, ofensiva e defensiva e combatente e não-combatente. Os autores, por exemplo, citam os terroristas, membros de gangues, fundamentalistas, radicais, ativistas não violentos como agentes que se aproveitam de informações obtidas por meio de novas tecnologias para uma finalidade definida pelo grupo. Uma característica, de acordo com os autores, é a necessidade que os protagonistas têm para criar uma doutrina, estratégia e comunicação com os adeptos com os novos media (p.2-5).

Em outro estudo realizado por Arquilla e Ronfeldt (2000), a conceituação de "*swarming*" pode ser entendida como a orientação estratégica e operacional de uma doutrina militar, ou seja, a atividade de grupos pequenos e dispersos e com uma organização de rede. De acordo com os autores, esse conceito é percebido como um plano de ação rápida, no qual as intervenções, ataque e retirada ocorrem de forma descentralizada e dispersa.

De acordo com Wray (1998), os anos de 1990 foram marcados por grandes manifestações e ações coletivas, situações que emergem às ideias de *hackerativismo* e desobediência civil, o que o autor chama de guerra de *browser*. Segundo Alcântara (2015), o ano de 1998 teve bastante notoriedade com o surgimento do primeiro grupo autointitulado de *ciberativistas*, o Eletronic Disturbance Theater, que esquematizou a ocupação do *site* do governo mexicano em apoio aos Zapatistas. O *software*, batizado de FloodNet, foi desenvolvido e utilizado por pelo grupo ativista *cibernético*. O movimento hacker recebeu o nome de "project SWARM" e teve registo também em outros países, por exemplo, na Grã-Bretanha com a atuação do hacker "JF" que ocupou trezentos *sites* e implantou mensagens e imagens antinucleares (Alcântara, 2015).

Wray (1998 apud Alcântara, 2015) divide o ativismo online de três formas: "ativismo computadorizado, desobediência eletrónica social e *hackeamento* politizado". No que concerne ao ativismo computadorizado, o autor explica que isso se

dá pela relação entre os movimentos sociais e os mecanismos de comunicação mediada por computador.

De acordo os autores, essa modalidade advém com a criação do PeaceNet, uma rede de ligação entre ativistas de diferentes partes do mundo. Nesse sentido, os investigadores argumentam que, para além do compartilhamento de informações e interação entre agentes do grupo, o ativismo computadorizado incita a "*infoguerra*" que é a transformação social global via *Internet*.

Já a desobediência civil eletrónica é caracterizada pela "ação direta e descentralizada, no meio eletrónico, que promove o bloqueio virtual de *sites*" (p. 80). O nome, segundo Alcântara (2015), tem relação com os trabalhos dos artistas do *Critical Art Ensemble* que traduzem as manifestações de rua para um cenário digital. Quanto ao *hackerativismo* politizado, não envolve mobilização e participação de um grupo, sendo o anonimato o meio característico das ações.

Segundo os autores, a diferença entre desobediência civil eletrónica do hackerativismo politizado é que a última está associada ao comportamento ilegal e criminoso. Assim, Alcântara (2015) descreve que "a definição de um novo tipo de conflito (*netwar* ou guerra de *browser* e *infoguerra*) e de novos repertórios de ações (*swarming*, ativismo computadorizado, desobediência civil, *hackeamento* politizado) têm como pano de fundo a possibilidade de comunicação, organização e articulação abertas pelo uso das tecnologias digitais e *Internet*" (p.81).

Segundo ciclo: a organização dos movimentos e ativistas

Alcântara (2015) lembra que se o Zapatismo incubou as atividades *ciberativistas*, os protestos contra o capitalismo nas ruas de Seattle foram o desenvolvimento da tendência *ciberativista* que vinha de anos atrás. Em 1999, a Batalha de Seattle foi mediaticamente divulgada face às manifestações contra as políticas neoliberais na ocasião em que acontecia a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Bringel e Muñoz (2010) indicam que os protestos em Seattle e as ações contra a globalização marcam uma mudança na sociedade internacional com as novas formas de mobilização politizada. Os autores defendem que a ocasião proporcionou uma renovação nos movimentos coletivos de modo dinâmico, internacional e transnacional.

Os pesquisadores ainda identificam que a partir dos protestos, os movimentos sociais, organizações não-governamentais, sindicatos e coletivos universitários, entre

outros, começam a desenvolver atividades estratégicas e diferentes maneiras de participação. Assim, o poder estatal ver-se diante de uma situação diferente e, de forma quase obrigatória, incluem políticas públicas em que o foco está na participação da sociedade civil e organizações.

Numa avaliação estrutural, Bringel e Muñoz (2010) creem que os movimentos criaram uma capacidade de mobilização por meio das redes sociais. Eles comentam que:

"o movimento antiglobalização demonstrou uma importante capacidade de organização (criando amplas redes sociais ou celebrando encontros relevantes, entre os quais se destaca, entre outros, o Fórum Social Mundial), de mobilização (Seattle foi somente o primeiro exemplo de uma série de ações coletivas que tiveram seu momento auge em Gênova, em 2001, nas mobilizações contra a guerra do Iraque ou nos protestos contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e de incidência (em diferentes escalas, esferas e eixos de atuação) no cenário internacional. Constatamos, ainda, que esse movimento vive atualmente uma etapa de crise como ator, porém com grande parte do seu legado sendo assumido em um novo marco de ação coletiva transnacional" (Bringel & Muñoz, 2010, p. 29).

Os movimentos antiglobalização na interpretação de Bringel e Muñoz (2010) têm características marcantes, principalmente, no que tange à adesão, à promoção e às ações coletivas dos grupos (p.30):

- A primeira está relacionada a diversidade da agregação de grupos com ideologias e atuações diferentes, tornando-se a reunião destes grupos algo diversificado e heterogêneo, como grupos políticos e sociais de ideais de esquerda;
- Em segundo lugar, os autores referem-se ao repertório das ações coletivas que contribuem para uma maior visibilidade mediática com temáticas relacionadas ao "pacifismo, ação direta, inovação cultural e resistência ativa";
- Na terceira indicativa estão as novas tecnologias de informação e comunicação. Os pesquisadores apontam, como exemplo, a plataforma que surge em Seattle, a Indymedia, e, conseqüentemente, o media centre de Gênova, além dos outros meios de "contrainformação". Neste ponto Bringel e Muñoz (2010) destacam a criação de "ferramentas-chaves" sem fronteiras com o objetivo de captar e canalizar as informações dos movimentos sociais e utilizá-las como instrumentos para mobilizar, procurar a participação e adesão de agentes, criando, assim, uma identidade;

- Na quarta expositiva, os autores prendem-se a forma descentralizada de organização, tomadas de decisões em conjunto e a fuga do formato de estruturas hierárquicas e de representatividade. O espaço democrático e ações decididas em consenso permitem uma estrutura horizontal e longe do conceito de centralidade (Bringel & Muñoz, 2010);
- A quinta característica está nas conexões globais que permitem um panorama internacional das causas e um entendimento das situações que ocorrem em outros lugares, permitindo uma maior identificação e união de forças em redes dispersas. Neste quesito, existe uma ideia de logística de atuação local, porém, com uma base global, o que possibilita uma integração e percepção dos trabalhos pouco vistos;
- E o último ponto ilustra a revolta contra um o sistema socioeconómico em que as ideias de "*There is no plan B*", por exemplo, sustenta e incentiva os movimentos, ou seja, a necessidade da rutura social imposta.

Bringel e Muñoz (2010) apontam que diferenciar o ativista de um movimento global de um militante de um movimento anti global ainda é um desafio no que se refere à interpretação e entendimento dos perfis do grupo e integrantes. Para isso, os autores recorrem à explicação de Tarrow (2005), que introduz uma ideia quanto ao "novo tipo de ativistas". Tarrow (2005, apud Bringel e Muñoz, 2010) sugere uma classificação "cosmopolitas arraigadas" (*rooted cosmopolitans*), que são “pessoas e grupos arraigados em contextos nacionais específicos, mas comprometidos com atividades de contestação política que os envolvem em redes transnacionais de contatos e conflitos” (p.29).

Bringel e Muñoz (2010) complementam que

"a noção pode ser muito útil para determinado perfil de ativistas, porém não para todos, uma vez que, em alguns casos, os ativistas podem não estar arraigados em contextos nacionais específicos (por migrações, histórias de vida, entre outros muitos motivos), senão a vários, evidenciando múltiplos referenciais e uma incorporação à vida militante de forma direta à contestação global e transnacional" (p. 31)

As manifestações de Seattle contaram com a plataforma Indymedia, que, segundo Alcântara (2015), intermediou e facilitou a relação entre comunicação alternativa e o ativismo. Para Carrol e Hackett (2006, apud Alcântara, 2015), a comunicação no contexto

do ativismo mediático é o que protagoniza o meio e o fim de uma batalha, o que se torna necessário para a transformação, mudança de controle e poder.

Juris (2005) conta que a Indymedia impulsionou a mobilização dos ativistas de todo o mundo a ajudar na formação de um movimento social radical, que informava a sociedade sobre os fatos sob outra ótica, criando uma "comunicação internacionalista". Não obstante, os termos "ativismo midiático, midiativismo e mídia alternativa" algumas vezes são usados como sinónimos de *ciberativismo* (Alcântara, 2015, p.82).

Lievrouw (2011, p. 19) diz que "a nova mídia alternativa e ativista emprega ou modifica os artefactos de comunicação, práticas e arranjos sociais das novas tecnologias da comunicação e da informação para mudar ou alterar formas dominantes, aceites ou esperadas de se construir sociedade, culturas e política" (tradução livre).

Para ele, os media de informação alternativa e ativista possuem cinco géneros que unem e incorporam as práticas ativistas e de mídia que já existem, como:

- A "cultura *jamming*", que utiliza seu material cultural para uma avaliação crítica e subversiva;
- A "computação alternativa", que está envolvida no desenvolvimento de intercetações computacionais, possibilitando um design adaptado e contextualizado do com o trabalho "*hacking*";
- O "jornalismo participativo", que utiliza as práticas jornalísticas, entretanto, com finalidades e objetivos diferentes;
- "Mobilização mediada" a fusão dos métodos de captação e promoção de movimentos *online* e *offline*;
- "Conhecimento compartilhado" com a formulação de projetos que empregam as estratégias de arquivamentos de informações de forma coletiva e colaborativa;
- E por fim a produção de "*peer*" - sistema computacional compartilhado que recebe e distribuição dados - com uma organização estrutural de avaliação de informações e conhecimentos.

Terceiro ciclo: Mensagens em massa

Outra situação de grande impacto social apontada por Alcântara (2015) é o caso da queda do presidente das Filipinas em 2011. A autora expõe que durante quatro dias os

filipinos foram às ruas após mensagens de texto terem sido enviadas para os telemóveis dos cidadãos com a notícia de o Senado Filipino ter barrado o processo de *impeachment* do presidente na altura.

Howard (2004 apud. Alcântara, 2015) explica que após 75 minutos das mensagens terem sido disparadas, cerca de 20 mil pessoas reagiram e foram às ruas. Alcântara (2015) acredita que os acontecimentos subsequentes têm características parecidas, que segundo ela, configuram-se a partir dos protestos de Seattle por meio das novas tecnologias e a *Internet* utilizada "para mobilizar e coordenar os protestos nas ruas. Porém, contam com o desenvolvimento dos dispositivos móveis, da generalização das redes sem fio e do desenvolvimento de ferramentas da *web 2.0* que potencializam a conversação e interação" (p.84).

Segundo reportagem da Folha de São Paulo¹, o presidente Joseph Estrada decidiu renunciar ao cargo depois de milhares de manifestantes furarem o bloqueio policial que estava de plantão em frente ao palácio presidencial. A situação política de Estrada ficou mais difícil quando ele perde o apoio político e dos militares que, a partir daquele momento, começam a apoiar a vice-presidente Gloria Macapagal Arroyo, que já fazia oposição ao Estrada no ano anterior (Folha de São Paulo, 2001).

Estrada foi acusado pelo Ministério Público por enriquecimento ilícito durante seu governo. Os senadores à altura votam por 11 a 10 pela paralisação do processo de cassação de mandato, o que gerou a revolta popular. Após a renúncia, Arroyo assume o cargo e cerca de 500 mil pessoas que protestavam nas ruas festejam na capital Manila. (Folha de São Paulo, n/d, 2001).

Para Alcântara (2015), em referência à Valemtime (2005) e à Howard (2004), os protestos podem ser considerados uma forma de manifestação política que se caracteriza por uma "rede social móvel". Os autores acreditam que o uso das novas tecnologias e computação móvel e sem fio são capazes de promover uma mobilização descentralizada, com a realização de ataques em "*swarming*".

Ugarte (2008) indigita a situação que caracteriza uma mobilização ativista em duas formas, o que ele aponta ser a campanha e o *swarming*. Neste sentido, o autor entende que o primeiro momento está na sistematização do tema, alvo e a operação e, logo, "a culminância na mobilização de rua de um processo de discussão social, levado a

¹Reportagem Folha de São Paulo de 2001, acessado em 10/10/2019 em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2101200113.htm>>

cabo por meios eletrônicos de comunicação e publicações pessoais, na qual deixa de existir a divisão entre *ciberativistas* e mobilizados”, a “*ciberturba*” (Ugarte, 2008, p. 47).

Ugarte (2008) acrescenta que a “diferença fundamental entre os dois modelos é a existência ou não de um modo dinamizador no decorrer de todo o processo” (p.57). Para explicar esse fenômeno, Alcântara (2015) contextualiza a nomenclatura “*ciberturbas*” como o conceito de “*smart mob*” ou multidões inteligentes, termo empregado por Howard Rheingold (2002).

Contudo, para Lasén e Albéniz (2008, p. 251) a definição de *smart mob* tem relação com “*flash mobs*”, sendo a “reunião pública de estranhos, organizada via celulares e internet, que leva a cabo um ato sem sentido, atrás do qual se dispersa de novo”. Com base nas informações dos autores, Alcântara (2015) indica as semelhanças entre *smart mob* e *flash mob*, que são:

" irrupção momentânea; reivindicação e ocupação do espaço urbano; a presença pública como fator essencial para a participação; ênfase no momento; caráter múltiplo, ousado e imprevisível; incerteza de quantas pessoas comparecerão e de como ocorrerá a ação; caráter lúdico e interesse estético; ênfase na sociabilidade, na importância das experiências pessoais e nas atividades corporais; comunicação emocional; importância da reflexão compartilhada e tecnologicamente mediada; exposição da narração das ações na rede por meio de relatos fotográficos, videográficos e escritos" (Alcântara,2015, p. 85).

Quarto ciclo: O despertar das mobilizações sociais nas redes sociais

O marco das mobilizações sociais na Era Pós-*Internet* está identificado por alguns estudiosos com o evento da Primavera Árabe, que se inicia na Tunísia, passando por Egito e Líbia, e também refletido na Argélia, Djibuti, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão, Saara Ocidental, Iémen, Omã, Bahrein, Iraque, Jordânia e Síria (Bartkowiak et al, 2017).

Bartkowiak et al. (2017) argumentam que o ciclo das manifestações, - que começam na Tunísia, em meados de dezembro de 2010 e, consequentemente, no Egito, em janeiro de 2011, e na Líbia em fevereiro do mesmo ano-, tiveram visibilidade mundial através das redes sociais como ferramenta de mobilização, divulgação de informações e denúncia das censuras estatais adotadas para impedir a transmissão das manifestações populares.

Queiroz (2017) sublinha que os protestos foram desencadeados com o suicídio do comerciante Mohammed Bouazizi, que teve os seus produtos da sua barraca de legumes

confiscados pelo Estado. A comoção e empatia popular provocou uma das maiores mobilizações sociais conhecida como o movimento Primavera Árabe. Contudo, Bartkowiak et al. (2017) elencam também a contestação e insatisfação dos regimes políticos e a situação económica dos países. Segundo os autores, o Facebook e Twitter foram as mídias sociais que registaram maior protagonismo *ciberativista*.

"Entende-se que os cidadãos foram grandes responsáveis pela divulgação dos acontecimentos através das mídias sociais, que possibilitaram a propagação dos levantes populares. O uso das redes sociais possibilitou a potencialização das demandas da massa. A nova dinâmica de globalização permite que atores não estatais ganhem capacidade de estimular mudanças na estrutura Estatal, se organizando em movimentos sociais" (Bartkowiak et al., 2017, p. 73). Com uma maior expressão de utilização pelos *ciberativistas*, o Facebook tornou-se a "rede social mais importante da revolta árabe" (p. 73).

De acordo com os autores, em citação ao estudo realizado de Salem e Mourtada (2011), o número de utilizadores do Facebook em janeiro de 2010 era de 11.978.300 e, na altura da Primavera Árabe, em dezembro, cresceu para 21.361.863. Os estudiosos assimilam essa situação como o fator motivador para a expansão da plataforma. Para Bartkowiak et al. (2017), o crescimento exponencial possibilitou à rede social ser referência nos atos de demonstrações sociais com fins políticos, em que os utilizadores se conectam entre si, por meio de páginas na rede, com um apelo de atenção às comunidades internacionais para a causa. A participação virtual social teve a maior adesão de *ciberindivíduos* entre 15 e 29 anos, de acordo com Bartkowiak et al. (2017).

Já no Twitter, os *ciberativistas* preferiram utilizar as *hashtags* para se informarem dos assuntos, tendo em vista que os cenários de protestos ocorriam em outras regiões do continente Africano, e a plateia era de vários lugares do mundo. Canton (2011) conta que durante a Primavera Árabe teve dois cenários:

"aqueles que estão interessados nos distúrbios no Egito, mas estavam sentados no sofá nos EUA conseguiram atualizações instantâneas de pessoas que "twitam" na Praça Tahrir, simplesmente, pesquisando palavras-chaves como "Egito" no Twitter. Esses meios de comunicação social criaram uma fonte incrível de rede não regulamentada que permite que indivíduos se comunicar com uma e outras maneiras como nunca foram capazes antes: globalmente e imediatamente" (Canton, 2011, p.3) (tradução livre).

Canton (2011) constata que a rapidez, a simplicidade e liberdade fazem das redes sociais uma ferramenta atraente para a comunidade jovem que está inserida no *ciberespaço* como agentes protagonistas. O autor ainda ressalta que a sociedade atual está a enfrentar uma nova Era Digital de pessoas esclarecidas, situação oposta daqueles que assumem cargos de poder ou representam o Estado. Para o autor, as redes sociais são uma ferramenta poderosa para reivindicações de medidas políticas, democráticas e sociais, capaz de mudar toda uma política global.

A transmissão dos protestos que se espalhavam pelas regiões do Oriente Médio e Norte da África contou também com a cobertura televisiva, mas de uma forma diferente e mais participativa. Canton (2011) ressalta a atuação da emissora Al Jazeera, que reproduzia fotos, vídeos e textos com as informações e andamento dos protestos que aconteciam na Praça de Libertação do Egito. Com esse cenário, nota-se a mudança no processo de busca de informações, que tinham como mídias tradicionais as fontes primárias.

Outro fator importante está relacionado, com base nos apontamentos de Canton (2011), à criação e divulgação de conteúdos informativos na qual o utilizador tem o poder de mostrar a conjuntura sob sua ótica. O autor completa que "em vez de assistir às principais notícias, monitorar o fluxo de *"tweets"* tornou-se mais uma maneira eficaz para o mundo aprender sobre o que estava acontecendo dentro do Egito" (p.7) (tradução livre).

Outra plataforma de papel fundamental no processo de promoção e disseminação de informação da Primavera Árabe foi o Youtube. Na exposição de Canton (2011) o

"YouTube e Asmaa Mahfouz foram catalisadores essenciais para essa revolução, depois se espalhou para o Facebook, onde a revolução foi organizada e, finalmente, para o Twitter, onde a palavra da revolução foi capaz de se espalhar para um nível global. A manifestação global de simpatia pelos egípcios conquistou os corações e mentes do mundo árabe; embora cada governo e agência de inteligência tenha se assustado e tomado de surpresa pelo imenso sucesso da Primavera Árabe - o uso das mídias sociais foi o potente catalisador dessa mudança social" (Canton, 2011, p.5) (tradução livre).

Alcântara (2015) aponta que as ações coletivas e as mobilizações sociais se expandiram a partir de 2011, com a queda dos ditadores na Primavera Árabe. A autora ainda relembra "Os Indignados", que tomaram conta das praças da capital da Catalunha, e as manifestações em outros países europeus, como Grécia. Nas américas, o movimento *"Occupy Wall Street"*, nos Estados Unidos, e em São Paulo, no Brasil, com os protestos

contra o aumento da passagem de ônibus tiveram grande expressão no processo de ações *ciberativistas*.

Eleição presidencial de 2018 no Brasil: mobilizações das redes para as ruas

Outro movimento que contou com a mobilização online, posteriormente os protestos de 2013, ocorreu durante as eleições presidenciais de 2018. Um grupo de mulheres organizadas em uma página no Facebook criou um dos movimentos mais falados no Twitter durante o período pré e pós-eleitoral, segundo reportagem da Revista Fórum². A página intitulada como “Mulheres unidas contra Bolsonaro”, que reúne milhares de pessoas, endossou durante a corrida eleitoral mensagens contra o político Jair Bolsonaro. As participantes da página criaram a *hashtag* #EleNao, fenômeno de destaque nas redes sociais de todo o mundo, depois de a página ter sido “*hackeada*” em setembro daquele ano, de acordo com as informações da BBC Brasil³.

O estudo da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas, divulgado no Jornal Estadão⁴, mostrou que no dia 17 de setembro de 2019 - dias após o roubo da página- a *hashtag* #EleNao foi utilizada no Twitter recorrentemente com mensagens contra a candidatura de Jair Bolsonaro. Na pesquisa, a *tag* teve 193,4 mil menções, enquanto a #EleNunca outras 152 mil, em todo o país. O levantamento da instituição também revela que o conteúdo associado à #EleNao continha críticas à Bolsonaro em temas relacionados ao machismo, a misoginia e a homofobia.

Em entrevista ao Jornal, o pesquisador da fundação Lucas Calil explica que mais duzentas mil menções em dois dias, após a invasão da página, são números consideráveis, sobretudo, por não haver um evento externo para mobilizar a discussão. O maior movimento de utilização das *hashtags* foram nas principais capitais do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo, com 13% e 12%, respectivamente, e nas demais cidades com uma média de 3% e 5% das menções.

² Reportagem da Revista Fórum acedido no dia 20/12/2019 em: <<https://revistaforum.com.br/politica/elenao-campanha-contra-bolsonaro-e-um-dos-assuntos-mais-comentados-do-mundo/>>

³ Reportagem da BBC Brasil acedido em 20/10/2019 em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>

⁴ Reportagem do Jornal Estadão. Acedido em 18/10/2019 em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-serhackeado-grupo-do-facebook-contra-bolsonaro-chega-a-2-5-milhoes-de-participantes,70002508030>>

Num vídeo publicado no YouTube, a moderadora da página Ludimilla Teixeira faz um apelo ao Facebook e Hotmail para ajudarem a recuperar o grupo, que foi roubado no dia 15 de setembro, ocasião em que os perfis dela e de outras administradoras foram excluídos da página e, também, os perfis pessoais terem sido “*hackeados*”. A criadora da página menciona que teve dificuldade em reaver o controle do grupo, porque tanto a página no Facebook quanto o e-mail de verificação estavam sob domínio dos *hackers*. Para ela, o ataque *cibernético* foi uma tentativa de calar e oprimir a comunidade que luta contra a “candidatura fascista de Jair Bolsonaro”. O Facebook devolveu o comando da página às administradoras dois dias depois da repercussão⁵.

A tentativa de silenciar o grupo teve efeitos contrários. O movimento #EleNão, que começou nas redes sociais, ganhou mobilização social e levou milhares de brasileiros às ruas em passeatas de protesto à candidatura de Jair Bolsonaro, candidato do PSL, no dia 29 de setembro de 2018. Os atos contrários ao político ocorreram em 114 cidades brasileiras e, em 40 cidades, movimentos à favor de Bolsonaro, como divulgou a Veja Online⁶. A manifestação contra o político recebeu o nome de “Ele Não”, como continuidade do movimento virtual representado pela *hashtag* #EleNão. Celebridades brasileiras também foram vistas nas manifestações que ocorreram no país, o que é possível associar a adesão dos artistas em mais uma *hashtag* viral, #DesafioUnidasnasRuas, divulgada nas redes sociais entre os artistas⁷.

Segundo informações da Veja, as passeatas foram organizadas por vários organismos sociais, inclusive, pelos criadores e seguidores da página do Facebook “Mulheres unidas contra Bolsonaro”; e houve registro de protestos anti Bolsonaro em outros países, como Berlim (Alemanha), Buenos Aires (Argentina), Paris (França), Londres (Inglaterra), Lisboa (Portugal), Nova York e Washington (EUA) e Barcelona (Espanha).

⁵ Reportagem do Jornal El País Brasil acessado em 20/10/2019 em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/14/politica/1536941007_569454.html>

⁶ Reportagem da Veja Online acessado em 20/10/2019 em <<https://veja.abril.com.br/politica/manifestantes-protestam-contrabolsonaro-no-brasil-e-no-exterior/>>

⁷ Informações obtidas na reportagem do Catraca Livre, acessado em 20/10/2019 em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/famosas-se-desafiam-a-participar-de-ato-contrabolsonaro/>>

As manifestações de rua na ocasião foram mensuradas nas redes sociais, em especial no Twitter, como mostra pesquisa da Fundação Getúlio Vargas⁸. De acordo com a fundação foi constatado que os atos pró e contra Bolsonaro geraram mais de dois milhões de menções no *microblog*. O registo foi de 2,5 mil *tweets* por minuto na rede social. A fundação registou 1,4 milhão de menções contra Bolsonaro, enquanto as menções de apoio tiveram um milhão de *tweets*.

Entre 29 de setembro e 1 de outubro, aproximadamente 3,6 milhões de *tweets* mencionavam às manifestações de ambos os lados; 1,4 milhão de publicações contra Bolsonaro e 1,05 milhão de apoio ao político. A prevalência das *hashtags* contra o político, segundo o estudo, foram #épelaavidadasmulheres, cujo volume foi de 772,6 mil referências, teve proximidade ao volume da #EleNão, que teve 832,3 mil menções, mostra o relatório da entidade.

1.2 Ciberativismo e a Hashtag

Prudêncio (2014) ressalta que o ativismo digital ou *ciberativismo* está relacionado a campanhas específicas, em que as marcas da mobilização estão representadas pelas *hashtags* e pelo compartilhamento de conteúdos informativos que visam mobilizar atores coletivos e individuais. No contexto da mobilização política, a autora traz o conceito de “micromobilização”, termo que Snow et al. (1986, p. 88 apud. Prudêncio, 2014) definem como “conjunto de processos interativos elaborados e empregados pelas organizações de movimentos sociais e por seus representantes para mobilizar ou influenciar outros grupos na busca de interesses coletivos ou comuns”.

Para a autora, o confronto entre grupos tem a capacidade de ganhar maior destaque na disputa de enquadramentos, porque não está estritamente ligado à contestação de uma política ou proposta de governo, mas na tentativa de uma comunicação com a sociedade. Segundo ela, essa disputa tem a mídia como mediador principal.

Segundo Prudêncio (2014), o enquadramento cria um significado de acordo com a hierarquia da relevância dos fatos em discussão e disputa. Assim, a “*microbilização*” está relacionada a cenas de repertórios do ativismo digital, que divulgam antigos repertórios no campo da plataforma online com um elemento catalisador, neste caso, as

⁸ Dados da pesquisa da Fundação Getúlio Vargas acessado em 20/10/2019 em: <<https://observa2018.com.br/posts/manifestacoes-contrabolsonaroprovocam-14-milhao-de-mencoes-no-twitter-atos-de-apoio-ao-candidato-geram-105-milhao/>>

hashtags. As mídias sociais, segundo a autora, constituem um espaço a ser acompanhado pela “*micromobilização*”, sem prejuízo ao conceito original.

As diversas formas de *ciberativismo*, cujo contexto é construído com campanhas específicas no âmbito do discurso de movimentos sociais e atores que representam a coletividade, têm a função de produzir uma decisão política num pequeno espaço de tempo (Prudêncio, 2014).

Na avaliação de Glassius e Playres (2013, apud Alcântara, 2015) existem três pontos convergentes após as mobilizações de 2010: "uma estrutura comum de rede e encontros que facilita a difusão; uma geração formada por um mesmo contexto de precarização do trabalho e de exposição (e participação) a um fluxo de informação global; e uma articulação compartilhada de demandas e práticas. Além disto, os autores argumentam que três noções balizam as reivindicações e a identidade destes movimentos: a democracia, a justiça social e a dignidade" (p.86).

Nesse sentido, os arranjos das ações ativistas ocorrem com o processo de difusão "interativo e viral dos *frames* individuais" (p.88) ocasionado com a divulgação do material ativista produzido, bem como as interpretações e motivações das pessoas acerca do tema (Alcântara, 2015). Contudo, a autora pondera que essa avaliação de comportamento não tem em conta outros fatores, como: "relação de poder, o papel da mídia hegemônica e do Estado e não dá o devido espaço para as dinâmicas que ocorrem fora do ambiente digital" (p.88).

Queiróz (2017) considera que o *ciberativismo* surge da apropriação das plataformas digitais de interação na *Internet* pelos *ciberativistas* que defendem desde causas humanísticas a ambientais. Os processos podem ter início com o foco de uma determinada área (cidade, país e continente); contudo, o alcance é ilimitado, criando um ambiente comunitário sem fronteira em prol de uma reivindicação (Queiroz, 2017).

Para a pesquisadora, ações ativistas ocorrem num ambiente heterogêneo, utilizando-se de mecanismos e estratégias tanto no campo virtual quanto no real. "A luta se dá no espaço público, muitas vezes em confronto com o poder estatal, político e financeiro, luta que depende não somente da troca de mensagens nas redes sociais, mas da construção de projetos que delimem reivindicações e desejos de mudanças reais na sociedade", descreve Queiroz (2017, p.4). A autora acrescenta que as propostas devem ser bem definidas e de forma concreta para que as manifestações não fiquem somente no campo virtual, mas que ganhe um repertório no mundo real.

Para Becker e Gomes (2017), os movimentos sociais não têm uma definição sólida devido à evolução dos instrumentos utilizados pelos coletivos e, também, a forma que os novos agentes se manifestam. A ascensão das novas tecnologias e Internet, segundo as autoras, proporciona uma modificação na consciência política dos indivíduos sociais a níveis globais com uma comunicação "multimodal" e "multi-identitária" (Becker e Gomes, 2017, p. 1).

Empoderar e dar voz aos agentes por meio da reunião coletiva e os mecanismos de comunicação, permitem que os cidadãos tenham uma autonomia ao se expressarem com o uso das redes sociais (Becker e Gomes, 2017). As autoras ressaltam que o *ciberativismo* é a forma em que os internautas lutam por seus interesses nessa Era Digital, e que a *Internet* se tornou a maior aliada no processo democrático de liberdade de expressão, denúncias de violações de direitos e políticas públicas setorizadas.

Em complemento à ideia de Becker e Gomes (2017), Castells (2013) discorre que nos últimos anos a sociedade vem sofrendo atualizações no que se refere ao "domínio da comunicação", principalmente com o acesso aos portáteis conectados na *Internet*. De acordo com o autor, a comunicação de massa fortalece o enredo do discurso e conecta indivíduos locais e globais, criando uma autonomia dos atores sociais com atuação coletiva ou individual.

Capítulo II: Comunicação Mediada por Computador (CMC) e a *Hashtag* como Ferramenta de Contexto. O Assassinato de Marielle Franco

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) é discutida no âmbito dos pesquisadores de comportamento entre humanos e computador de forma ampla. Para Baron (2002), a definição de CMC pode ser entendida como a mensagem de linguagem natural que é transmitida ou recebida por meio de um computador, ou seja, a mensagem escrita enviada via internet.

Já Recuero (2012) ressalta que a CMC ocorre quando as relações sociais são feitas com a troca de informações entre indivíduos. Segundo a autora, a comunicação mediada por computador não é somente uma “estrutura técnica de suporte à linguagem, mas, igualmente, um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos interagentes (p.2)” e não é influenciada apenas por suas ferramentas. Jones (1995) complementa que a CMC é constituída por um conjunto de ferramentas, mas não somente por elas, indicando que a comunicação mediada por computador é um motor de relações sociais que proporciona a interação.

As interações entre pessoas têm acompanhado as evoluções tecnológicas ao longo destes anos e, exponencialmente, após a acensão da *Internet* e as novas plataformas de digitais. O que antes era tido como tradicional na formação de redes de pessoas, por meio do face a face, passa ter uma nova característica na atualidade.

De acordo Jones (1998, pg. 11), nos anos de 1990 a população viu-se diante de todas as oportunidades de aceder outras formas de comunicação, como *email*, *intranet*, *sites*, entre outros. O uso dos correios postais, telefone e fax, exemplos citados por Jones (1998), foi substituído por uma distribuição eletrônica da mensagem, e inclusive, modificou o diálogo entre as pessoas.

O que era profecia, hoje já podemos dizer que se cumpriu ao analisarmos os elementos que Jones (1998, pg. 11) indicava para as futuras gerações:

- Realização de demandas com as novas tecnologias de realidade virtual (interação do visitante com uma obra de museu, por meio de óculos 3 e 4D e *apps*);
- A conexão entre áudio, vídeo e computador (plataformas digitais);
- A combinação de Web e Televisão (apresentações de telejornais via *streaming*).

O autor argumenta que essas predições estão vinculadas à necessidade de nunca estar "*out of touch*", ou melhor, fora de alcance. Já Nguyen e Alexander (1996, p. 108) pontuam que a unificação das mídias tradicionais tem como objetivo a transmissão de tudo o que acontece em tempo real.

Os processos que envolvem as relações das pessoas, com base na CMC, são avaliados pelos pesquisadores Joseph Walther e Shawn Boyd (2002) na investigação das dimensões sociais e tecnológicas do suporte *on-line* entre os usuários da *Usenet* durante o processo da interatividade por meio da distância social, anonimato, gerenciamento de interação e acesso.

De acordo com os autores, o desenvolvimento de comunidades virtuais, nas quais as pessoas se encontram e trocam informações em mensagens de texto no computador, é o que torna a convergência da comunicação mediada por computador e a *Internet* um acontecimento interessante (Walther & Boyd, 2002). Essa formação de comunidade virtual dá-se com a aglomeração de pessoas que surgem de uma rede de pessoas que mantêm um debate público por tempo suficiente e, relativamente, com sentimento emocional envolvido, para que a rede de relacionamentos pessoais aconteça (Rheingold, 1993).

Conforme Jones (1997), um grupo de pessoas formado via *Internet* não necessariamente é composto por pessoas com algum relacionamento interpessoal, mas sim pelo compartilhamento de um propósito. O autor sugere que os utilizadores podem frequentar os mesmos espaços online, por exemplo, *chat* e *sites*, por um determinado período de tempo.

Diminuir o tempo e espaço para que haja uma comunicação mais eficiente é um dos pontos levantados por Jones (1997) ao citar os avanços e mudanças sociais provocadas com a *Internet*. O poder de se relacionar com aqueles que partilham os mesmos interesses ou um determinado propósito caracteriza a sociedade pós "*www*". O autor acredita que essas facilidades não significam uma garantia de comunicação eficiente.

Contudo, a *Internet* além de causar efeitos de aproximação também pode causar distanciamento no processo de relações humanas e formação de comunidades, mas o autor salienta que o distanciamento provocado pelas novas tecnologias ainda é considerado como não significativo (Jones, 1998, p8).

Os utilizadores das plataformas virtuais têm uma forte ligação com suas atividades ativistas mostradas no mundo online, o que, em tese, não deveria existir erros na percepção da vida real que é transmitida no virtual, como defende Jones (1998 pg. 5). Apesar disso, o autor avalia que é possível ter uma construção da realidade no âmbito virtual e que essa composição é constituída pelas redes dos utilizadores e não pelas plataformas que eles usam.

A conversa em rede virtual pode ser um diálogo ocioso e sem fins relevantes, no entanto, também é capaz de ser um canal importante para a troca de informações valiosas e de cunho impessoal (Walther & Boyd, 2002). Para os autores, a variedade de recursos da *Internet* e os benefícios que podem alcançar com a CMC sugere resultados no processo de suporte social; entretanto, não apontam os fatores que favorecem a atração dos utilizadores pelo meio, ou se há um ou mais benefícios que definem o meio útil.

O suporte social tradicional está fundamentado em duas ideias explicadas por Ford, Babrow e Stohl (1996, p. 189), em que o

"primeiro, nem todas as interações sociais ostensivamente favoráveis são experimentadas como favoráveis. Segundo, a percepção do apoiado sobre a qualidade ou substância do apoio social é um melhor indicador do sucesso do enfrentamento do que o grande número ou quantidade de apoio à sua disposição" (tradução livre).

Walther e Boyd (2002) entendem que o suporte *online* tem um poder de alcance ilimitado, o que o caracteriza mais rápido e benéfico no processo de comunicação em rede.

Compreender a CMC como uma maneira de reduzir custos para o suporte por meio de relacionamento entre as pessoas é assumir que o meio de comunicação, bem como as fontes de suporte, têm características distintas. A troca de suporte social em espaços virtuais caracteriza-se por vínculos fracos com relacionamentos nas quais as interações acontecem à volta de vários assuntos ao mesmo tempo. No entanto, os laços que os autores consideram fortes são tipificados por amigos, familiares, colegas de trabalho com os quais se relacionam pessoalmente (Walther e Boyd 2002).

As diferenças entre os relacionamentos de vínculos de forte e fraco têm aspetos diferentes no âmbito estrutural e social. No quesito estrutural, os laços fracos tendem a

não estar vinculados somente a uma pessoa diretamente, mas também incluem associações secundárias de outras redes sociais, como “o amigo de um amigo”, como defendem os autores Walther e Boyd (2002).

Entretanto, o suporte por meio de eletrônico e digital indica uma vontade de manter um elo secundário e em um espaço neutro e individual sem o encontro de pessoas físicas (Walther & Boyd, 2002). Tratando-se de termos sociais, Walther e Boyd (2002) pontuam que os laços fortes oriundos de uma rede primária são considerados pequenos e estritos, e que na relação de laços fracos há pouca oportunidade de interação uns com os outros.

Assim, o contato com laços fracos é realizado, em parte, por comunicação mediada (telefones, computador etc.) e, de acordo com Adelman et al. (1987), há uma facilidade maior nos canais estritos, que "fornecem aos indivíduos uma maneira comparativamente anônima de divulgar informações altamente pessoais ou potencialmente embaraçosas" (p. 133).

Douglas Shuler (1996) avalia as características de grupos de pessoas e as chamam de velha e nova comunidade. Segundo Schuler (1996), as novas comunidades estão voltadas para a resolução de problemas da sociedade democrática, o que difere do antigo conceito tradicional, que na visão do autor é obsoleta devido a fatores de exclusividade, isolamento e inflexibilidade, entre outros. Shuler diz que as novas comunidades têm um alto grau de "consciência, princípios e propósito" (p.9).

Jones (1998) refere-se à nova forma de organização e formação de comunidade como *cibersociedade*. Segundo Vanzin e Palazzo (2018), a *cibersociedade* pode ser entendida como uma configuração social que predomina atualmente, em que as novas tecnologias digitais têm funções de grande visibilidade e impacto no cotidiano das pessoas, sendo os utilizadores que entendem, compreendem e utilizam um computador ou *smartphone* contactados à *Internet* um *ciberindivíduo*.

O filósofo Pierre Levy (2001) expõe que a desigualdade pode ser diminuída quando é ofertada a oportunidade de obter novos conhecimentos e integração social. Para ele, a situação de pessoas em situação de miséria e pobreza não as impossibilitam de ter acesso ao *ciberespaço*, quando lugares comunitários são criados, o que ele chama de "inteligência coletiva". De acordo com o filósofo, o acesso ao espaço *cibernético*, neste caso, é um ambiente feito não somente para denunciar causas sociais, falar sobre

dificuldades e desigualdades, mas também um espaço para trabalhar a mente para o uso transformador que essas novas tecnologias possibilitam (Levy, 2001).

Conforme explicam Jones (1997) e Shuler (1996) sobre a formação de comunidades no espaço virtual, é possível ver esse comportamento de associação de pessoas quando páginas e grupos são formados nas redes sociais com a intenção de discutir assuntos comuns à sociedade, em que não há uma seleção de pessoas para a participação, mas um objetivo em comum que faz com que os interessados se unam para determinado fim.

Grupos de WhatsApp, Facebook e Instagram, entre outros, têm sido plataformas digitais para a comunicação entre os indivíduos, engajamento em causas pessoais e sociais, conexão interpessoal (pessoas conhecidas e desconhecidas) e outras possibilidades que estas redes possibilitam, como explicaram os autores sobre a formação de comunidade no espaço virtual, ou *cibersociedade*. Assim, as ferramentas da CMC têm formas diferentes e Recuero (2012) cita cinco características no processo de interação entre os utilizadores, entre elas:

- Escrita “oralizada ou *Netspeak*”: caracterizada pela apropriação do *ciberespaço* como a representatividade de uma escrita falada ou oralizada. Neste item, a autora ressalta que a apropriação é focada no uso limitado de caracteres para transmitir uma linguagem oral, como por exemplo, os emojis desenhados com caracteres especiais (*_*// :-(// :0);

- Unidade temporal elástica: elemento apresentado na conversação, em que há trocas em uma unidade temporal, no qual os participantes se encontram, constroem e dividem um contexto. Recuero (2012, p.2) ressalta que a “conversação no ambiente do *ciberespaço*” não corre sempre em uma unidade temporal na qual há a copresença dos integrantes;

- Representação da presença: neste quesito Recuero (2012) aponta que há uma construção de representações dos integrantes, assim, a interação ocorre por meio de elementos que representam os internautas no *ciberespaço*. A representatividade é feita mediante um perfil de um *site* de rede social, *weblog*, *alcunha* etc.;

- Construção do contexto: a autora apresenta que o contexto das interações, que originam a conversação entre usuários, tem limitações técnicas e do uso da ferramenta. Segundo ela, cada CMC oferece características próprias. Entre os elementos que podem

ser utilizados como uma linguagem nas redes sociais, Honeycutt e Herring (2009, apud. Recuero, 2012) apontam a hashtag (#) como uma indicação do contexto daquilo que é dito no Twitter. Assim, a *hashtag* seguida de palavras é capaz de contextualizar e identificar o conteúdo da publicação na rede social;

- Conversação em rede: sobre este ponto, Boyd (2007, apud. Recuero 2012) entende que há características especiais durante o processo de comunicação no campo do *ciberespaço*, como a permanência e a busca que proporcionam uma interação de micro e macro *escalas*. A autora ainda ressalta que, no caso das redes sociais na *Internet*, os perfis são os atores envolvidos na troca de mensagens e que a interação entre os indivíduos é a representatividade da conexão que forma uma rede.

2.1 Hashtag como Ferramenta de Contexto

Dentro destas aplicações, o elemento gráfico (#), conhecido como cerquilha ou cardinal, é habitualmente utilizado nas plataformas como uma forma de interação entre os utilizadores. Popularmente conhecida como *hashtag*, que é a cerquilha mais a junção de uma palavra-chave, compila os conteúdos dos internautas que utilizam a mesma *hashtag*, criando assim um grupo de pessoas distintas, que produzem conteúdo diferentes, porém, estão todas reunidas em um só ambiente virtual.

De acordo com Costa-Moura (2014), as *hashtags* também podem ser entendidas como uma forma de expressão individual nas redes sociais, trazendo assim uma abordagem informal – relacionado aos sentimentos como amor, raiva, ação etc. –, ao fazer um *post* e utilizar, por exemplo, a *hashtag* “#partiuFCSH”, que numa linguagem virtual pode ser interpretada como “a caminho da FCSH”.

Costa-Moura (2014) diz que as *hashtags* passam a ter mais importância com o crescimento e popularidade do Twitter, mas é nos protestos políticos durante as eleições no Irã, entre 2009 e 2010, que a cerquilha associada à palavra-chave ganha mais visibilidade mundial e transmite a situação do país em tempo real, por meio de conteúdos criados pelos *internautas*. A autora ainda ressalta que as *hashtags* tornaram-se espaços virtuais de discussão, sem moderação e de temas variados.

O Twitter, em 2009, implementa a ferramenta e conecta *hiperlinks* às *hashtags* que são criadas e publicadas nas plataformas e, subsequentemente, no ano seguinte, inicia a contagem e frequência do uso das *hashtags* pelos utilizadores, criando assim os

“*Trending Topics*” que ficam indexados na primeira página da rede social (Costa-Moura, 2014).

Segundo Costa-Moura (2014), existem dois tipos de *internautas* quando há organizações nas redes sociais de protestos nas ruas em prol de uma causa, aqueles que estão na rua e os que estão na rede.

“Ambos ‘postando’, ambos dentro da mobilização — e da rede. Os primeiros, relatando, fotografando enquanto os outros (alguns, certamente, do sofá, sem que seu papel seja menos fundamental por causa disso) espalham, convocam, incitam e comovem. A internet sendo ocupada tanto pelos ‘confirmados e presentes na rua’ quanto pelos ‘confirmados e presentes na rede’ (Costa-Moura, 2014, p. 151)”.

A viralização de uma *hashtag*, *post* ou perfil significa que estes centros informacionais têm a capacidade de reproduzir seu conteúdo de forma autônoma, ganhando “força e velocidades exponenciais”. A autora ainda complementa que é difícil de encontrar um responsável, página ou publicação que tenha iniciado o processo viral, “pois quando o número de *posts* e *tweets* explode, não há mais um centro, e sim, milhares” (Costa-Moura, 2014, pg. 152).

Os protestos de rua organizados através das novas mídias demonstram cada vez mais que essas novas ferramentas tecnológicas não são apenas usadas para descrever o que acontece no cotidiano, mas, também, meios de criar e desconstruir a realidade em que estão inseridos (Costa-Moura, 2014). Ainda de acordo com Costa-Moura (2014) quando essas convocações ocorrem por meio das redes sociais, os utilizadores não estão somente a indicar a uma situação atual; além disso, estão a gerar uma transformação da realidade, alterando assim o modo de participação política e ativista.

“Essa força do movimento se deve à rápida difusão de um ativismo on-line que intervém no fulcro do funcionamento social constituindo um tipo novo de participação. E mostra que a chamada “crise da representação” não se limita a uma crise dos partidos e da política. Trata-se antes de uma crise mais ampla, que atinge também o campo do discurso e das instituições tradicionais em que o sujeito se constitui” (Costa-Moura, 2014, p 148).

Bruns et al (2016) apontam sobre as diversas formas de uso das *hashtags*, que podem variar desde a cobertura jornalísticas sobre determinados temas a expressões de sentimentos dos utilizadores sobre determinados fatos. Segundo os autores, ainda não há uma fórmula específica ou melhor forma de utilização das *hashtags*. Contudo, os pesquisadores pontuam que o uso das *hashtags* vem trazendo outro panorama para

a investigação de *hashtags* que derivam de *hashtags*, e que podem indicar uma crise e, também, uma agenda de eventos midiáticos (Bruns et al., 2016, p.20).

Os estudos de *hashtags* parece ter uma categoria dominante, segundo Bruns et al. (2016). Para o autor, é possível encontrar pesquisas relacionadas a eventos decorrentes de notícias e respetiva repercussão política, sendo que, em 2016, os autores fizeram uma busca por artigos mais comuns a serem encontrados nas pesquisas do Google Scholar. O resultado, segundo eles, envolvia temas relacionados com "*hashtag* e notícias em sua maioria"; em contrapartida, poucos artigos científicos tinham como assunto outras temáticas, como "*hashtag* e entretenimento", "*hashtag* e esporte" e "*hashtag* e meme".

Bruns et al (2016) indicam ainda que a centralização e exploração de pesquisas específicas podem causar uma categorização simples do que, na verdade, engloba outras funcionalidades, por exemplo:

- reunir um público em torno de uma questão-chave;
- compartilhamento de uma comunidade reunida em determinado evento;
- transmitir ao vivo atividades de entretenimento, como os autores exemplificam: utilização do Twitter como *backchannel* de operadoras de rádio e TV;
- promover um meme a fim de tornar viral;
- ou passar mensagem em que a carga semiótica é mais forte do que uma palavra poderia transmitir.

Para Alzamora e Bicalho (2016), as *hashtags* têm, entre suas funcionalidades, conectar os conteúdos criados pelos internautas dentro e fora das plataformas digitais, exercendo uma atividade intermediária dos dois universos, *online* e *offline*. Logo, é possível notar que “a ação humana vincula posicionamentos afins por meio do uso social de *hashtags* e estas organizam e conectam conteúdos publicados em redes sociais online diferentemente em cada ambiente midiático” (p. 103).

As autoras ainda associam a *hashtag* aos “processos sógnicos que cumprem a função mediadora de continuidade, generalidade e crescimento em dois níveis” (p. 105). Sendo assim, a *hashtag* tem uma configuração diferente em cada situação de comunicação, porém, não perde a originalidade do contexto na qual foi criada, tendo uma “dinâmica associativa baseada na experiência colateral, a qual atualiza a semiose ao produzir sentidos que particularizam seu uso coletivo” (Alzamora & Bicalho, 2016, p.106).

De acordo com Alzamora e Bicalho (2016), as *hashtags* de cunho social utilizadas no Twitter são marcadas pela frequência de vezes em que ela é utilizada, logo podem ser notadas pelos rastreadores de algoritmos, mensurável pelos *Trending Topics*, indicando a predominância do uso das *hashtags* no processo de comunicação desta rede social.

Em consonância com as pesquisadoras, “o caráter representativo das *hashtags* no Twitter opera por aproximação ou alteridade, configurado em uma dinâmica sociotécnica que vincula por repetição com vistas a produzir visibilidade diferenciada do posicionamento político acionado pela referida *hashtag*” (Alzamora & Bicalho, 2016, p. 109).

Nos dias atuais, os movimentos sociais e grupos de ativistas estão mais organizados nas redes sociais, a fim de obter maior visibilidade nas plataformas, organizar movimentos e protestos e chamar a atenção da população jovem, como descreve Rezapour (2018). De acordo com o autor, com o acesso à Internet e a facilidade dos *smartphones*, a sociedade cria uma nova forma de conversar, expor situações e exigir mudanças sociais por meio de suas redes sociais, utilizando o que o autor chama de “*hashtag activism*”, ou em tradução livre, *hashtag* de ativismo.

Yang (2016) indica que a *hashtag* de ativismo acontece quando há um grande volume de publicações nas redes sociais com palavras ou frases associadas ao elemento gráfico (#) com uma reivindicação social e política. Para o autor, a consequência desse formato de conexão possibilita a criação de uma agência narrativa, que deriva da maneira da qual o conteúdo é narrado e, também, do contexto social.

Para Rezapour (2018) *hashtags* são ferramentas poderosas para o engajamento do conteúdo vinculado, podendo ser usadas por diferentes motivos, desde estratégias de *marketing* a movimentos sociais. No caso dos movimentos sociais, o autor afirma que boa parte destes grupos utilizam *hashtag* específicas para aumentar a participação e visualização dos movimentos, o que faz com que o conteúdo no Twitter, por exemplo, seja mais acessível para aqueles com mesmo interesse e objetivo.

As autoras Furini e Lima (2017) também defendem que as *hashtags* ajudam no processo de divulgação e notoriedade de uma publicação, permitindo que o conteúdo associado à *hashtag* seja visualizado por outros utilizadores que não possuem ligação com o perfil de onde partiu a publicação. Assim, ao aceder a uma *hashtag* os internautas têm a possibilidade de interagir com outros *ciberindivíduos* que comungam dos mesmos

interesses, aumentando a chance de aproximação entre os utilizadores, o que facilita uma nova formação de rede de pessoas. Além disso, as *hashtags* são eficazes para reunir conteúdo dispersos com a mesma temática e aumentar o alcance, tendo a funcionalidade de impulsionar conteúdos quando associado à *hashtag trending* (Furini; Lima, 2017, p. 54)

Episódios de grande repercussão e impacto social ganham uma representatividade nas redes sociais quando as *hashtags* são empregadas com intuito de chamar a atenção para a situação do caso, como cita Rezapour (2018), no caso da *hashtag trending* #blacklivesmatter, que teve maior visibilidade e adesão por parte dos internautas, devido o uso sistemático das redes sociais e das *hashtags*.

O pesquisador ainda ressalta que “enquanto as mídias sociais, nomeadamente o Twitter, ajudavam os movimentos sociais a se conectarem com mais pessoas e para envolver a sociedade no movimento, a mídia tradicional, como artigos de notícias, ajudou a espalhar as notícias relacionadas aos eventos” (Rezapour, 2018, p. 2).

As *hashtags* que viralizam e têm alcances mundiais nas plataformas digitais forçam os governos, em determinadas situações, a tomarem medidas sobre o assunto como uma resposta dos pedidos dos *ciberativistas* nas redes sociais, conforme expõe Rezapour (2018).

O autor levanta duas hipóteses para a maior visibilidade das atividades ativistas nas redes sociais. O primeiro seria a afiliação de movimentos menores a movimentos *online* maiores, que já fazem uma atuação forte nas redes sociais, e o segundo, a junção de movimentos anteriores que se interligam com uma campanha atual, como o autor cita as *hashtags* #takeaknee, #Ferguson e #blacklivesmatter, que foram utilizadas na mídias sociais para expor a truculência policial americana contra a população afroamericana. Neste sentido, Rezapour (2018) acredita que a hashtag é capaz de vincular diferentes ocorrências com o mesmo foco em questão ao longo do tempo.

2.2 Marielle Franco e as *Hashtags*

A notícia da morte da vereadora Marielle Franco teve impacto no quotidiano das pessoas e instantaneamente teve repercussão nas mídias tradicionais mundo a fora e grande agitação nas redes sociais digitais. Há um grupo de pessoas que apoiava à parlamentar na luta pela igualdade de género, raça e orientação sexual criava e divulgava

conteúdos nas plataformas digitais para demonstrar sua opinião a respeito do caso; e, em contrapartida, uma outra ala de pessoas que considerava as ideologias políticas da vereadora uma afronta aos costumes tidos como tradicionais, divulgava também nas redes sociais peças com críticas à política eleita pelo Partido Socialista (PSol).

Simpatizantes e não simpatizantes de Marielle Franco criaram padrões digitais (*hashtags*), como a #MarielleVive e #MariellePresente para opinar, discutir e exigir investigações do crime. De outro lado, memes com comemorações e piadas sobre a vida pessoal e política da vereadora incentivam às manifestações dos internautas. As cerquilhas associadas ao nome da política eram utilizadas em contexto no digital para exigir políticas públicas para as comunidades que a vereadora representava e, consequentemente, a investigação e indicação do mandante do assassinato.

Estudo realizado Dulcilei Lima e Taís Oliveira, em 2019, no ano que completa um ano da morte da vereadora, assassinada em 14 de março de 2018, analisou as publicações do Twitter que estavam associadas às *hashtags* #QuemMatouMarielle, #QuemMandouMatarMarielle, #MariellePresente, #MarielleFrancoVive e #MarielleVive. De acordo com as pesquisadoras, os resultados tiveram uma rede “extensa e descentralizada” e o assunto que motivava o uso destas *hashtags* pelos utilizadores estava vinculado a pergunta: quem mandou matar Marielle?

O crime com envolvimento policial e ex-policial⁹, com o mandante do crime ainda desconhecido choca a sociedade e, ao mesmo tempo, lança um novo padrão de mobilização social, que começa na *Internet* e, depois, ganha multidões nas ruas. Engajada na luta de igualdade de gênero, raça e orientação sexual, Marielle tornou-se um ícone no Brasil na defesa dos direitos humanos.

Homenagens à vereadora mundo a fora sugerem um comportamento novo da sociedade atual em lembrar seus mártires. Não somente marcado na memória das pessoas, em painéis, murais de parede, mas também na memória virtual das plataformas, quando os utilizadores de redes sociais criam as *hashtags*, como #MarielleVive, #MariellePresente entre outros.

⁹ Reportagem da BBC Brasil diz que foram denunciados pelos crimes de homicídio qualificado e tentativa de homicídio o policial militar reformado Ronnie Lessa, de 48 anos, e o ex-policial militar Elcio Vieira de Queiroz, de 46. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47539123> >

Malin (2013) explica que esse comportamento dos grupos de discussão de mídias na *Internet* estão baseados no processo e práticas de atuação performática, em que a política considerada radical não é verificada. Segundo o autor, essa discussão “midialivrista” proletariza a *Internet* por meio da atuação de organizações não-governamentais, militantes de movimentos de luta por igualdade de gênero, raça, LGBTQI+, meio ambiente, entre outros.

#MarielleFranco

Mulher, negra, mãe e criada na favela da Maré, era como Marielle Franco se descrevia nas redes sociais. Nascida no complexo da Maré, subúrbio do Rio de Janeiro, Marielle Francisco da Silva nasceu a 27 de julho de 1979, na zona norte da capital carioca. Filha de pais católicos, Marinete e Antônio Francisco Neto, Marielle frequentou durante mais dez anos, como catequista, a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, em Bonsucesso (Canônico, 2018).

Dos 14 aos 17 anos foi bailarina da produtora de shows de *funk*, Furação 2000. Com 19 anos, Marielle dá à luz a primeira e única filha que recebeu o nome de uma deusa indígena, Luyara (Canônico, 2018).

Sua militância surge com mais um caso de violência no Rio de Janeiro, no qual uma troca de tiros entre policiais e traficantes findou com a vida de uma amiga que havia há pouco tempo sido aprovada na universidade. O luto e a dor da perda da amiga foi o gatilho para iniciar a sua militância e jornada na luta contra as desigualdades sociais e em prol das minorias nas comunidades (Carneiro, 2018).

Do curso de pré-vestibular comunitário para a Universidade Católica do Rio de Janeiro, Marielle e outra amiga tiveram bolsa de estudo de 100% na Universidade Católica do Rio de Janeiro, na qual iniciaram a graduação em Ciências Sociais, sendo as únicas mulheres negras do departamento. Marielle fazia parte do "bonde dos intelectuais da favela", grupo de moradores da comunidade que tiveram acesso a boas universidades (Canônico, 2018; Carneiro, 2018).

Na dissertação de mestrado em Administração Pública, na Universidade Federal Fluminense, Marielle abordou em seu projeto o tema de segurança pública, com a tese

intitulada de "UPP - A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro"¹⁰.

Numa relação homoafetiva há mais de 10 anos com a parceira Mônica Benício, Marielle lutava pelas causas LGBTQI+, tendo seus planos de casamento para dezembro de 2018 sido findados no dia 14 de março, quando foi assassinada com 4 tiros na cabeça (Mesquita, 2018).

#MariellePresente: na política

Socióloga, política, ativista do movimento feminista, negro e LGBTQI+, Franco tinha uma postura crítica relativa às intervenções policiais no Rio de Janeiro ao denunciar os casos de violência contra os moradores das comunidades. Eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) como a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro com mais de 46 mil votos. Marielle começa sua carreira política quando assumiu o cargo na assessoria parlamentar de Marcelo Freixo, eleito em 2006. No gabinete do político, Franco trabalhou por 10 anos e coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio, ao lado de Freixo (Gonçalves et al., 2018).

Durante o exercício do mandato de vereadora, Franco enviou vários projetos à Câmara Municipal do Rio e defendia causas polêmicas, como a garantia do aborto legal e política de drogas, além de exigir direitos básicos para as comunidades vulneráveis (negros, jovens, pobres, LGBTQI+ e mulheres). Na Câmara legislativa, Marielle era do bloco de oposição às medidas do governador e bispo da Igreja Univesal do Reino de Deus, Marcelo Crivella. Marielle era uma das 7 mulheres entre os 51 parlamentares que atuavam na Assembleia Legislativa do estado (Venturini, 2018).

O projeto de autoria da parlamentar que previa a ampliação de Casas de Parto em regiões marginalizadas na capital fluminense foi aprovada em 2017. A medida visa acompanhar as gestantes e partos normais realizados nas áreas de vulnerabilidade social (Venturini, 2018).

Entre os projetos apresentados por Marielle Franco estão (Cavalcanti, 2018):

¹⁰ Tese de dissertação de Marielle Francisco da Silva. Acedido no dia 12/10/2019 em : <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf>>

- Programa de desenvolvimento do *funk*: projeto prevê a realização de eventos de *funk* e a apresentação deste estilo em espaços públicos, com a finalidade de desconstruir o preconceito criado em volta do som e dança das comunidades;
- Assistência habitacional para famílias de baixa renda: previa a formulação de projetos e construção de casa para famílias que recebem até 3 salários mínimos. O PL foi aprovado em 24 de dezembro de 2008;
- Dossiê Mulher Carioca: documento apontava para a baixa taxa de denúncias de casos de violência doméstica e sexual contra mulheres. A vereadora exigia mais proteção para as mulheres vítimas de abusos;
- Programa de Efetivação de Medidas Socioeducativas: a medida proposta por Marielle reforça as capacidades de atendimento dos Centros de Referências Especializados de Assistência Social (Creas), garantindo e levando em conta as condições sociais que os menores infratores estão inseridos, levando em conta o crime, educação e medidas socioeducativa;
- Prioridade para pagamento dos servidores públicos: o pagamento de servidores públicos ativos, inativos e pensionistas antes dos subsídios dos representantes do executivo (prefeito e vice e secretários);
- Cartazes informativos dos direitos das vítimas de violência sexual: a vereadora exigia medidas e propaganda com a colocação de cartazes em lugares públicos e visíveis, que informam os direitos das mulheres vítimas de abuso sexual;
- Contratos de gestão entre o Rio de Janeiro e entidades não-governamentais de saúde: projeto que criava regras e condições de parceria entre o governo e as Organizações Sociais de Saúde;
- Campanha de enfrentamento ao assédio sexual: imputava ao Estado o dever de informar, assistir e garantir as condições para o enfrentamento do assédio e violência sexual;
- Dia Municipal da Luta Contra o Encarceramento da Juventude Negra: Sugeriu a incorporação no calendário a data para lembrar a causa;
- Combate ao "jogo" Baleia Azul: Recomendava a criação de uma força-tarefa com equipes pedagógicas para alertar sobre a automutilação e suicídio que a "brincadeira" promovia;
- Dia de Tereza de Benguela e da Mulher Negra: Dia para celebrar no dia 25 de julho a existência e resistência da mulher negra no Brasil, sendo Tereza de

Benquela, escrava que foi assassinada em 1770 por liberar o Quilombo de Quariterê;

- Revogação da diminuição da taxa de ISS sobre empresas de ônibus: Pedia a revogação da cobrança do imposto para as companhias de ônibus, tendo em vista que o custo do bilhete pago pelos cidadãos não teve redução significativa;
- Dia Municipal da Visibilidade Lésbica: Medida para tornar o dia 29 de agosto para celebração e visibilidade da população lésbica;
- Dia da Luta Contra a Homofobia, Lesbofobia, Bifobia e Transfobia: Criava a data para marcar a luta contra o preconceito social sobre a comunidade LGBTQI+;
- Programa Espaço Infantil Noturno: Sugeriu a criação de creches noturnas para atender aos pedidos dos pais com atividades profissionais e educacionais no período da noite;
- Programa de Atenção Humanizada ao Aborto Legal e Juridicamente Autorizado: Criar um ambiente humanizado de atenção às mulheres que abortam pela rede pública de saúde;

A Morte de Marielle: repercussão e desinformação

A notícia da morte de Marielle Franco teve repercussões instantâneas nas redes sociais logo após o crime. De acordo com dados da Fundação Getúlio Vargas, cerca de 1,16 milhão de menções a Marielle Franco apareceram no Twitter entre as 22h do dia 14/03 e as 16h do dia 16/03. Segundo informações da fundação, o maior pico de menções ocorreu no dia 15 de março, às 21h, com aproximadamente 1,14 mil tweets por minuto, momento em que havia manifestações nas cidades brasileiras em homenagem à vereadora.

"O nome da vereadora aparece na grande maioria das publicações (82% do debate), em 952 mil menções. Além de palavras relacionadas a Marielle, entre as dez palavras mais usadas no debate estão “mulher” e “negra”, em 116,1 mil menções (ou 10%) cada; “assassinato”, “execução” e “assassinada” (8%, 92,9 mil cada); e “executada” (7%, 81,3 mil)” (FGV DAPP, 2018)¹¹.

Milhares de pessoas foram para as ruas nas principais cidades do país para demonstrar indignação, solidariedade e, também, exigir do poder público a investigação e

¹¹ Dados completos da pesquisa, acedidos no dia 10/10/2019, estão disponíveis em: <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-116-milhao-de-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>

punição dos envolvidos no crime um dia após o acontecimento. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte são exemplos de estados que tiveram protesto. Além dos atos no Brasil, houve registros de manifestações em Portugal, Estados Unidos e Alemanha.¹²

Ainda de acordo como os dados analisados pela FGV, as menções no Twitter foram investigadas fora das terras tupiniquins. O órgão identificou 84, 6 mil tweets em inglês e 133 mil em espanhol relacionados com as pautas defendidas por Marielle, de apoio à família, de exigência por justiça, de direitos humanos e defesa das minorias.

"Entre as menções em inglês, os Estados Unidos respondem por 38% do debate geolocalizado, com 8% do Reino Unido e 3% do Canadá. Entre as menções em espanhol, a América Latina responde por quase todo o debate, com a Argentina concentrando 32% das menções, a Espanha, 13%, o Chile, 11%, a Venezuela, 9%, e México e Colômbia, ambos com 5%", expõe a reportagem da organização"(FGV DAPP, 2018)¹³

Críticas sobre a atuação ativista, boatos e suposições de envolvimento com o crime organizado no Rio de Janeiro, foram estas e outras histórias que surgiram após a morte de Marielle Franco. Parte destas notícias falsas começaram a circular nas redes sociais e partiram de um núcleo políticos de ideologias contrárias da vereadora, como foi o caso do Movimento Brasil Livre e do deputado da "bancada da bala", Alberto Fraga, do Partido Democratas (DEM), e também da esfera jurídica, com as declarações da desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio, Marília Castro Neves, que faz uma publicação a respeito do caso (Mendonça, H., Marreiro, F., 2018).

Na sua página no Facebook a magistrada do TJ-RJ comenta: "a questão é que a tal Marielle não era apenas uma ‘lutadora’; ela estava envolvida com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu ‘compromissos’ assumidos com seus apoiantes”. A juíza conclui com o comentário: “Qualquer outra coisa diversa é “mimimi” da esquerda tentando agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro”¹⁴.

¹² Reportagem: Manifestantes protestam pelo país contra a morte de Marielle Franco. Redação do Portal G1, 2018, acessado no dia 12/10/2019 em :<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-protestam-pelo-pais-contr-a-morte-de-marielle-franco.ghtml>>

¹³ Dados completos da pesquisa, acessados no dia 10/10/2019, estão disponíveis em: <<http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-116-milhao-de-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>>

¹⁴ Foto da postagem da juíza publicada em reportagem na Veja online em 09/04/2018, acessado em:<<https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/>>

Em sua defesa, a juíza Marília Neves, em entrevista à coluna da jornalista Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo, alega ter feito a publicação com base num texto de uma amiga e que não conhecia a vereadora antes da notícia do assassinato. "A minha questão não é pessoal. Eu só estava me opondo à politização da morte dela", justificou a desembargadora a Folha de S. Paulo.

A família de Marielle e o partido PSOL entraram com uma ação judicial contra a desembargadora por calúnia e difamação. Segundo reportagem do Metrôpole, o Superior Tribunal de Justiça aceitou a denúncia contra Neves e, agora, a juíza pode estar no banco dos réus. A diligência do partido também denunciou a desembargadora no Conselho Nacional de Justiça, órgão que julga a conduta de magistrados.

No Twitter, o deputado Fraga afirma que Marielle foi ex-esposa de uma traficante, usuária de drogas e havia engravidado aos 16 anos de idade. "Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex-esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou, foi a PM (Polícia Militar)". Com a repercussão negativa do *tweet*, o deputado faz outro *post* (Suhet, C., 2018).

Com a repercussão polêmica e negativa do *tweet*, o parlamentar faz um novo *post* e apaga a mensagem anterior. "Vamos deixar a Polícia trabalhar e com certeza essas acusações, de ambos os lados, serão sanadas. Como prova, vou retirar o *post*". O PSOL, segundo reportagem do Fantástico, no dia 18/03/2018¹⁵, impetrou uma ação no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados sob a alegação de decoro parlamentar e usar as redes sociais para propagar notícias falsas.

Já o grupo ativista de direita, MBL, publicou no Facebook uma matéria com o título: ""Desembargadora quebra narrativa do PSOL e diz que Marielle se envolvia com bandidos e é 'cadáver comum' ". A publicação ocorreu três dias após o crime, 17 de março de 2018, e até as 17h do mesmo dia, o *post* já havia tido mais de 38 mil curtidas e 28 mil compartilhamentos (Mendonça, H., 2018).

A repercussão do caso e as notícias falsas que circulavam nas redes sociais preocupou até mesmo o Facebook, que, em junho de 2018, desativou cerca de 196 páginas

¹⁵ Reportagem do programa Fantástico pode ser acessado em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/03/apos-assassinato-de-marielle-vereadora-e-atacada-na-internet.html>>

e 87 perfis de cunho político por propagar a desinformação. Uma das páginas desativadas, Jornalivre e O Diário Nacional, tinham juntas mais de meio milhão de seguidores e tinham conteúdo voltado às ideologias conservadoras e notícias sensacionalistas.

O MBL em nota no Facebook diz sofrer uma perseguição e censura da plataforma contra as páginas de direita. O líder do MBL, Kim Kataguirí, segundo reportagem do portal Terra, em um evento em São Paulo, em julho de 2018, assumiu que uma das páginas derrubadas pelo Facebook era ligada ao grupo, o Brasil 200. Entretanto, negou que o Jornalivre e O Diário tenham alguma ligação com o MBL e que as acusações de espalhar *fake news* são "infundadas" (Holanda, M.; Amendola, G., 2018).

As *fake news* que surgiram a respeito de Marielle foram desmentidas por vários veículos de *fact-checking* e postadas também no site oficial da vereadora¹⁶.

O Crime, a Investigação e os Acusados

Na noite de quarta-feira, no dia 14 de março de 2018, Marielle Franco, o motorista, Anderson Gomes e a assessora da parlamentar, Fernanda Gonçalves Chaves tiveram o carro alvejado por tiros aos menos 14 vezes, logo após sair de um evento chamado "Jovens Negras Movendo as Estruturas", na Casa das Pretas, no bairro da Lapa, no centro do Rio de Janeiro. O veículo em que estavam a vereadora e os funcionários foi emparelhado por outro veículo, de onde partiram os disparos de uma pistola calibre 40, armamento utilizado pelas forças armadas, por volta das 19h30. Marielle foi atingida no banco traseiro com 3 tiros na cabeça e um no pescoço. O motorista foi atingido com 3 tiros, na região lateral das costas. A assessora, Fernanda, que estava ao lado da vereadora, foi ferida com os estilhaços e sobreviveu ao atentado (Gonçalves, J. et al., 2018, Portal de notícias G1).

Os primeiros acusados de cometer o crime que matou Marielle e Anderson foram os ex-policiais Ronnie Lessa, quem fez os disparos, e Elcio Viera de Queiroz, condutor do carro utilizado para a emboscada, presos no dia 12 de março de 2019, quase um ano após o crime. Informações do Ministério Público apontam, com base nas imagens das câmeras que captaram as cenas, uma tentativa de atrapalhar as investigações com o uso de telemóvel e placa do veículo clonado. A investigação apurou 760 *gigabytes* de imagens de rua e ouviu mais 200 testemunhas. O pedido de prisão foi antecipado pelo motivo de

¹⁶ Site oficial de Marielle Franco pode ser acessado em: <<https://www.mariellefranco.com.br/averdade>>

fuga de informações. Os investigadores veem indícios de que o atirador já mapeava os passos da vereadora antes de cometer o crime. Passados dois meses do crime, uma testemunha acusou o vereador Marcello Siciliano, do Partido Humanista da Solidariedade (PHS) de ter planejado o crime.

Em reportagem na Folha de São Paulo, nas diligências da polícia foi encontrado R\$ 112 mil que seriam de Lessa, o montante de R\$50 mil na casa e R\$ 62 mil no carro dele (Albuquerque, A., 2019). Segundo informações do portal de notícias UOL, publicado no dia 27/10/2019, a Polícia Federal identificou em conversas telefônicas entre o miliciano Jorge Alberto Moreth e o vereador Marcello Siciliano, do Partido Humanista da Solidariedade (PHS), que o ex-deputado Domingos Brazão e conselheiro afastado do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro foi quem "arquitetou o homicídio" de Marielle. As investigações revelam que o preço do ataque teria sido em torno de 500 mil reais, pagamento realizado por Brazão, e que ele tentou atrapalhar as investigações ao difundir notícias falsas sobre os responsáveis do atentado (Costa, F., 2019).

De acordo com a reportagem, as informações fazem parte da denúncia feita pela procuradora da República, Raquel Dodge, enquanto ainda estava a frente do órgão, e enviada ao Superior Tribunal de Justiça. Essa é a primeira acusação de um mentor do crime identificado por um órgão de investigação (Costa, F., 2019).

Capítulo III: Repertório dos Movimentos Sociais e Lutas da Comunidade Feminina, LGBTQI+ e Negra no Brasil

A partir da Constituição brasileira de 1988, o Brasil entra em um regime pautado na democracia após anos de luta por direitos à igualdade e garantia de direitos humanos. De acordo com Da Silva et al. (2005), os anos de 1970 e 1980 foram marcados pela organização da sociedade civil que exigia políticas públicas. Nessa época, procurava-se por parte do Estado uma abertura para a participação dos agentes sociais, a fim de criar um ambiente social descentralizado e com melhores implementações de leis.

Os autores explicam que a partir de 1970, as organizações começam a exigir medidas do governo e a desenvolver trabalhos sociais com o propósito de solucionar as carências por meio da colaboração da comunidade.

"Sua ação envolveu desde a proliferação de manifestações de massa até formatos mais organizados centrados em problemas locais, passando por coletividades aglutinadas ao redor de temas como gênero, raça, paz ou meio ambiente, além de movimentos de cunho religioso. Envolvem, também, o voluntariado, as redes de solidariedade parental ou de vizinhança e as instituições comunitárias". (p. 390)

Nos anos de 1990, a sociedade ainda buscava diminuir os problemas sociais com a contribuição e participação dos cidadãos (Da Silva et al., 2005). Um dos movimentos solidários de destaque à época foi a "Ação da cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida", como citam Da Silva et al. (2005), que fez campanhas em todo o país para arrecadar alimentos e distribuir às famílias carentes. Os autores ressaltam que "milhares de pessoas e de instituições participaram da campanha: indivíduos comuns, ONGs, sindicatos e centrais sindicais, artistas, igrejas e grupos religiosos, empresas dos mais variados tipos – privadas e estatais –, associações comunitárias e profissionais, instituições filantrópicas, escolas e universidades, entre outros" (p. 391).

Da Silva et al. (2005) destacam que esses grupos organizados por instituições se uniram a outros processos de consolidação da participação social no processo executivo das políticas públicas. Nos anos 90, a relação da sociedade civil e as organizações visava encontrar respostas para os problemas sociais, gestão de políticas e a descentralização das ações. Assim, pode-se verificar que o Estado naquele momento encontrava dificuldades e não estava preparado para implementar e gerir as políticas sociais, o que permitiu uma aproximação, para fins de competências e mobilizações, parcerias com as organizações do terceiro setor.

A participação das entidades privadas e sociais começam a atuar de forma mais intensa no governo Fernando Henrique Cardoso, o que Da Silva et al. (2005) avaliam como um período em que se inicia uma reformulação estatal, em que se valoriza a cooperação entre sociedade civil e suas organizações com o Governo. Como apontam os autores, após 1995, foram celebradas várias parcerias entre governo federal e ONGs em temas relacionados à educação, saúde, trabalho, assistência social entre outros. No governo do presidente Lula, o programa de destaque que segue em continuidade do governo anterior foi o Fome Zero.

Da Silva et al. (2005) afirmam a Constituição prevê no campo da saúde a participação de entidades sem fins lucrativos, filantrópicas e privadas a executarem serviços aos cidadãos, inclusive com repasses de verbas do Estado para as organizações. Na assistência social, os autores comentam sobre a garantia da prestação de serviço pelos órgãos estatais e estaduais, bem como organismos beneficentes de assistência social. A respeito de educação, Da Silva et al. (2005) explicam que a Constituição possibilita as mesmas parcerias entre entidades governamentais e privadas a fim de atender os pedidos da população.

Abers et al. (2018) afirmam que os movimentos sociais tiveram participação fundamental no processo de formulação de políticas públicas ao se relacionarem com redes e agentes sociais. Segundo estudos dos autores, é verificada a importância das relações sociais, na qual o ativismo, a filiação partidária, movimentos e entidades públicas e do terceiro setor criam oportunidades para que os coletivos de indivíduos consigam chegar até o Estado e contribuir para políticas de correção de problemas sociais ou para garantir e criar direitos aqueles que estão à margem social. Ainda de acordo com os autores, nota-se o esforço e empenho dos movimentos sociais no processo de fomentação, formulação e exigências de políticas públicas como maneira de conseguir ter acesso aos mesmos direitos.

Para entender a origem das lutas e causas dos movimentos sociais, torna-se necessário contextualizar com um apanhado histórico sobre o feminismo, a luta contra o racismo e as questões da comunidade LGBTQI+. As abordagens dessas temáticas correspondem às causas defendidas por Marielle Franco durante sua carreira política e encerrada com um crime de feminicídio, no qual se investiga ainda o mandante do assassinato, à data desta dissertação.

3.1 Marcos Históricos da Luta Feminista no Mundo e no Brasil

A Revolução Francesa é entendida com um marco na luta das mulheres que passam a questionar o sistema social da época, conforme explica Pinto (2010). Segundo a autora, as mulheres iniciaram um processo evolutivo social, no qual elas começam a indagar suas condições sociais e políticas e reivindicam por igualdade de direitos. Pinto (2010, p. 15) ressalta que, durante vários anos, as mulheres revelavam-se contra a sua condição social e lutavam por liberdade, e o preço, muitas vezes, era pago com a própria vida.

Alves e Pitanguy (1981) explicam que, a partir das revoluções Francesa e Industrial, no seu percurso de luta as mulheres trabalhadoras "romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública" (p.40). Cisne (2015) soma à ideia de que "o feminismo liberal [...] busca reduzir as desigualdades entre homens e mulheres por meio das políticas de ação positiva, podemos falar de um feminismo reformista" (p.106).

Pinto (2003) cita que com surgimento do capitalismo, as mulheres foram expostas a condições de trabalho desfavoráveis, o que demonstrava a marginalização e inferiorização do grupo naquele contexto. A autora explica que as mulheres cumpriam longas jornadas de trabalho, podendo até ultrapassar o dobro do tempo laboral praticado pelos homens. O valor da mão de obra também era abaixo daquele oferecido ao sexo masculino. Beauvoir (2016) relata no seu livro que à época "a mulher era explorada mais vergonhosamente do que os trabalhadores do outro sexo" (p.166).

Entre as personagens de destaque durante o processo de discussão e lutas pelas causas feministas, Miguel e Biroli (2014) indicam a escritora francesa Simone de Beauvoir como uma dentre as várias mulheres que protagonizaram o movimento em prol do gênero feminino. Para as autoras, o livro de Simone Beauvoir, *O segundo sexo* (1949), expôs a situação de marginalização em que as mulheres viviam à época e serviu de instrumento para incentivar outras mulheres a questionarem as posições sociais que lhes foram impostas. Miguel e Biroli (2014) fazem alusão ao forte papel de reflexão social provocado pela publicação de Beauvoir que teve um papel agregador, gerador e incentivador no contexto da vida cotidiana das mulheres e contribuições para as gerações futuras.

Outras escritoras também tiveram um papel importante para a discussão dos temas feministas no século XX e que se basearam na obra de Beauvoir, de acordo com Alves e Pitanguy (1981). Entre elas, está Bety Friedan, com livro "A mística feminina" (1963),

que conta a história de mulheres americanas que, inseridas na classe média, se sentiam frustradas com o papel social de "donas de casa" que foi atribuído dentro do ambiente familiar.

Alves e Pintanguy (1981) citam também a obra da ativista Kate Millet, "Política Sexual" (1970), que relata, dentro de um panorama histórico social, as conexões entre homens e mulheres e as relações de poder em diferentes culturas. Outra fonte do saber à época é apontada por Alves e Pitanguy (1981) com o livro "A condição da mulher" (1971), escrito por Juliet Mitchell, uma psicanalista que faz a análise do sistema discriminatório em quatro níveis: esferas da produção, da reprodução, da sexualidade e da educação.

Outro fator importante no debate feminista do período foi o surgimento da pílula anticoncepcional, que estabeleceu uma forma diferente no relacionamento entre homens e mulheres e do direito reprodutivo, dando uma nova roupagem ao papel social e político das mulheres naquela época (Phillips, 1996).

O Levante Feminista no Brasil e o Fortalecimento dos Movimentos Sociais

De acordo com Pinto (2003), os primeiros debates feministas contemporâneos têm registros no final do século XIX, chegando até a década de 1930. A autora pontua que Bertha Lutz, ativista que lutou pelo direito ao voto feminino, esteve à frente do movimento sufragista no Brasil, - o primeiro foco do movimento feminista-, que ficou conhecido como feminismo "bem-comportado", pois reivindicava novos direitos à comunidade feminina, contudo, sem questionar a inferiorização das mulheres na sociedade.

A segunda tendência do feminismo é chamada de "malcomportado", reunindo mulheres anarquistas, líderes operárias e mulheres atuantes nos círculos intelectuais e culturais. Essa tendência defendia o direito à educação das mulheres questionando temas como a dominação masculina predominante na sociedade, a sexualidade feminina e o direito ao divórcio. A terceira tendência é conhecida como "o menos comportado dos feminismos" (Pinto, 2003).

Com a participação e o engajamento das ativistas em diferentes partes do mundo, os movimentos sociais feministas expandem-se no ocidente em meados de 1960 e em 1975 é declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Ano Internacional da Mulher (Betto, 2001).

Para Betto (2001), os movimentos buscavam a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação com direitos políticos e sociais. O autor salienta que há diferença entre o termo libertação e emancipação. De acordo com ele, a emancipação objetiva a independência da mulher, na qual é possível desfrutar os direitos civis, assim equiparando os direitos e deveres das mulheres com os homens. Já a libertação, de acordo com Betto (2001), consiste em "realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente" (p.20).

De 1964 a 1988, o Brasil viveu o período ditatorial, no entanto, o movimento feminista consegue manter o seu protagonismo através dos debates públicos sobre o papel da mulher na sociedade e na política (Phillips, 1996). Betto (2001) complementa que a participação das mulheres contra o regime militar instalado na década de 1960 no Brasil deu origem ao primeiro grupo de resistência feminista na cidade de São Paulo em 1972, que, por sua vez, era inspirado nas propostas disseminadas por Simone de Beauvoir.

As temáticas relacionadas ao feminismo e questões de gênero passaram a fazer parte dos eventos sociais e acadêmicos nacionais, como ocorreu em Belo Horizonte em 1975 na reunião da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC). No mesmo ano, ocorreram mais dois encontros que debateram as origens do movimento feminista, sendo eles: o Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista, realizado em São Paulo e o da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, o que originou o Centro da Mulher Brasileira (Betto, 2001).

O feminismo, neste contexto, identifica-se com a esquerda e seus conceitos, que procura espaço para sua legitimidade nas essências marxistas. No final dos anos 80, com o Brasil redemocratizado e com a união à comunidade LGBTQI+ e a luta contra o racismo, os movimentos sociais e o feminismo ganham força. Isso marca uma mudança de público alvo do movimento feminista que era voltado para classe média e agora passa a atingir também outros grupos sociais (Phillips, 1996). Para o autor, a Constituição de 1988 promove a inclusão dos direitos da mulher, mas só nos anos 2000 que foram implementadas leis que protegem às mulheres de violações físicas e morais, por exemplo: a Lei Maria da Penha, que criminaliza a violência doméstica e todas as vertentes - patrimoniais, sexual, física, moral e psicológica.

O conceito de gênero, hoje em dia, sofre várias interpretações, ainda que se deva assinalar que há diferentes apropriações teóricas em cima deste termo. Pode-se dizer que a ideia surge na década de 1970, basicamente no campo da sociologia, influenciado pela crítica feminista, como defende Grossi et al., (1998). Para eles, a questão de gênero é uma

construção social do sexo e foi pensada para diferenciar o que é biológico e social. Os autores se baseiam na fundamentação de que a construção do entendimento de homem e mulher é criada pela sociedade, o que difere do entendimento de macho e fêmea.

Participação Política das Mulheres

Na política, a presença masculina ainda é preponderante, porém, esse cenário vem sendo mudado com o maior engajamento das mulheres nas questões políticas, tanto no exercício da cidadania pelo voto, quanto nas candidaturas às casas legislativas, o que considera Alvarez (1988) uma evolução a correr a passos lentos.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral corroboram com a indicativa da autora. Segundo informações do tribunal, o número de mulheres eleitas em 2018 cresceu 52,6% em comparação com a eleição anterior. Ao todo, foram eleitas 290 mulheres, o que representa 16,20% de todos os eleitos. Nas eleições de 2014, 190 candidatas foram escolhidas para ocupar os cargos públicos, do total de 1711 candidatos que assumiram às funções legislativas, o que equivale a 11,10%.

Apesar de as mulheres serem maior parte do eleitorado brasileiro, cerca de 77 milhões de eleitoras do total de 147,5 milhões de eleitores, somente 31,6%, 9.204 mulheres concorreram às eleições gerais em 2018, de acordo com o órgão. Para a Câmara dos Deputados, em 2018, 77 mulheres foram eleitas deputadas. Já em 2014, o número foi de 51. A participação nas assembleias legislativas também cresceu de 114 mulheres, em 2014, para 161, em 2018. No entanto, o número de senadoras da República permanece o mesmo desde 2010, 7 mulheres, o que representa 13% dos parlamentares.

A presença feminina na política vem alcançando maiores proporções ao passar dos últimos anos com os incentivos estatais, que abrem espaço para uma maior participação política, segundo o tribunal. Uma série de leis tem sido aprovadas como uma forma de garantir e fomentar o envolvimento das mulheres na política, como a Lei das Eleições (Lei nº 9504)¹⁷, aprovada em 1997, que prevê uma reserva de vagas para o sexo feminino. Já com a Lei nº 12.034¹⁸, implementada em 2009, criou-se uma conta de 30% de candidaturas a serem "preenchidas" por mulheres, o que modifica a lei anterior, que mencionava no texto legislativo a "reserva" para mulheres.

¹⁷ Consultar lei 9504/1997 em:< <http://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-das-eleicoes/lei-das-eleicoes-lei-nb0-9.504-de-30-de-setembro-de-1997>>

¹⁸ Consultar lei 12.304/2009 em:< <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2009/lei-12034-29-setembro-2009-591412-norma-pl.html>>

Segundo informações do tribunal eleitoral, percebeu-se que os partidos lançavam candidaturas das mulheres somente com a intenção de cumprir à cota, sem fazer investimentos nas campanhas, o que demonstra uma tentativa de burlar a participação e ofuscar a presença feminina no processo eleitoral e de decisão do eleitorado. Para coibir essa prática partidária, o Tribunal emitiu uma resolução que começou a valer nas eleições de 2018, que obriga os partidos políticos a financiarem os gastos das campanhas das elegíveis e separar, no mínimo, 30% do total de recursos destinados do Fundo Partidário - dinheiro público destinado para o pagamento de campanhas políticas- para este propósito¹⁹.

A Resolução nº 23.553/2017 diz:

" 4º Os partidos políticos, em cada esfera, devem destinar ao financiamento de campanhas de suas candidatas no mínimo 30% dos gastos totais contratados nas campanhas eleitorais com recursos do Fundo Partidário, incluídos nesse valor os recursos a que se refere o inciso V do art. 44 da Lei nº 9.096/1995 (Lei nº 13.165/2015, art. 9º). § 5º Havendo percentual mais elevado de candidaturas femininas, o mínimo de recursos globais do Fundo Partidário destinados a campanhas deve ser aplicado no financiamento das campanhas de candidatas na mesma proporção. § 6º A verba oriunda da reserva de recursos do Fundo Partidário, destinada ao custeio das candidaturas femininas, deve ser aplicada pela candidata no interesse de sua campanha ou de outras campanhas femininas, sendo ilícito o seu emprego, no todo ou em parte, exclusivamente para financiar candidaturas masculinas" (Brasil, 2017).

Ao longo da história ocidental, sempre houve mulheres que lutaram por liberdade e, muitas vezes, pagaram com suas próprias vidas (Heilborn, 2002). O assassinato da vereadora carioca Marielle Franco é um retrato dessa situação na sociedade contemporânea no Brasil. Heilborn (2002) entende que a principal luta do movimento feminista é combater a opressão, a busca por reconhecimento como indivíduo social, participação política, direitos igualitários e a não discriminação de gênero. A autora alerta que as ações ativistas feministas continuam a promover uma luta constante ao combate à violência doméstica, que, apesar das legislações punitivas na atualidade, continuam a crescer as ocorrências de feminicídio²⁰ e violência de gênero no país, como mostra reportagem do Portal G1²¹.

¹⁹ Informações do Tribunal Superior Eleitoral acessado no dia 25/12/2019 em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Marco/numero-de-mulheres-eleitas-em-2018-cresce-52-6-em-relacao-a-2014>>

²⁰ Lei 13.104/2015 que alterou o código penal e qualificou o feminicídio como crime hediondo praticado contra mulheres e motivado pela discriminação de gênero.

²¹ Informações do Portal de Notícias G1 acessado em 20/12/2019 em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/08/07/casos-de-feminicidio-aumentam-44percent-no-1o-semester-de-2019-em-sp.ghtml>>

Para Heilborn (2002), o conceito de gênero fica a dever na abordagem do relativismo cultural, que, de acordo com a cultura local, seria aceitável o tratamento diferente nas funções sociais, o que se verifica em muitos casos situações discriminatórias. A autora destaca que os dois sexos, homem e mulher, são considerados um meio da sociedade e que seus comportamentos e modo de pensar nada tem haver com a natureza biológica do ser humano.

Em consonância com Heilborn (2002), o tema de gênero deve ser debatido dentro do movimento feminista, devido à sua relevância no que tange à implementação de políticas públicas, que visa a igualdade econômica, política e social das mulheres. Além disso, conquistar do espaço doméstico e público para que as mulheres possam libertarem-se das imposições de uma moral construída pela cultura machista.

3.2 As Causas LGBTQI+

O movimento em defesa à comunidade gay tem início na Europa no fim século XX, quando a homossexualidade foi descriminalizada e iniciou o árduo caminho de luta por direitos igualitários (Ferrari, 2003).

No Brasil, em meados dos anos de 1970, os artistas identificaram brechas nas repressões impostas à época e, por meio da arte, começa o levante cultural com apresentações artísticas ao se vestirem com trajes femininos, como foi o caso do cantor Caetano Veloso, que subiu ao palco para um concerto, após anos de exílio na Inglaterra, caracterizado de Carmem Miranda em 1972 e também o grupo Dzi Croquettes, que usava acessórios femininos nas turnês de apresentações no país (Mendes, 2010).

Segundo Galvão (2010), o final da década de 70 contou também com a participação ativista contra o regime militar, formando uma onda de defesa aos direitos LGBTQI+ com a criação do Jornal Lampião - veiculava informações de interesse da comunidade -, e a fundação do "Somos de Afirmação Homossexual", que surge em São Paulo. Consequentemente, outros movimentos são lançados, como: os Somos no Rio de Janeiro; o Grupo Gay da Bahia; o Dialogay de Sergipe; o Atobá entre outros.

A autora relembra que o descobrimento da AIDS em 1980 provocou um retrocesso social. A doença passa ser associada com a comunidade *gay* e fica conhecida como a "peste *gay*". Daniel (2018) comenta o estereótipo que foi criado entre o contágio da doença e a população *gay*.

"Por volta de 1983, esperava-se, apenas, a confirmação da presença da doença no Brasil. E a imprensa aguardava somente o nome da primeira vítima para

produzir uma manchete já preparada de antemão. A manchete chegou, finalmente, exatamente no ano de 83 que viu um verdadeiro surto de interesse jornalístico, de "câncer gay" ou "peste gay" (Daniel, 2018, p.34)

Em sintonia com Mendes (2010), nos anos 1990, o Governo recorreu a parcerias com os movimentos sociais, a fim de combater a doença que se alastrava no país. Fortificam-se neste período os atos coordenados de enfrentamento da epidemia e, também, a incorporação de outros indivíduos com diferentes orientações sexuais e de gênero na sigla do movimento que agrega mais com o passar dos anos. Antes era GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) e hoje, LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e mais). A bandeira colorida que marca o símbolo do movimento gay foi confeccionada em 1979, por Gilber Baker, e virou um ícone de orgulho, resistência e lutas por direitos (Berreza et al, 2013)

Em julho de 2019, o Supremo Tribunal Federal, em decisão do colegiado, classificou como crime a discriminação de identidade de gênero e orientação sexual. Com informações da BBC Brasil, pelo pleito de 8 a 3, os ministros da alta Corte brasileira entenderam que o crime de homofobia é incluído nas medidas punitivas que estão previstas na Lei do Racismo (7716/89) – criminaliza sem o direito ao pagamento de fiança o preconceito de "raça, cor, etnia, religião e procedência nacional, com a prisão de até 5 anos mais multas"²².

De acordo com a reportagem, havia um debate sobre o poder institucional do STF com a usurpação das competências do Congresso. Em comentário às críticas ao órgão judicial, o Ministro Luiz Fux argumenta que o Supremo não estava a infringir os dispositivos constitucionais e nem criando leis, mas fazendo uma nova interpretação de um artigo da lei, que inclui a comunidade LGBTQI+ como vítimas do crime racismo. Segundo a declaração do ministro na reportagem, o objetivo da apreciação do caso e a necessidade de uma nova leitura da lei é aumentar autoestima e proporcionar “conforto e sensação de pertencimento à sociedade” aos grupos sociais em minoria.

"As ações afirmativas em relação aos afrodescendentes não só criminalizaram o preconceito, mas representou um fato que levou a uma abertura do mercado, de vagas em universidades, da vida em sociedade para este grupo. Assim também deve ser em relação à comunidade LGBT." (BBC News Brasil, 2019).

²² Informações do site de notícias do Senado, acedido no dia 30/12/2019 em : <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>

A necessidade do entendimento jurídico e tomada de decisão de um órgão não legislador fez-se imprescindível devido ao número de assassinatos e crimes de ódio cometidos contra a população homossexual. Uma pesquisa realizada pela ONG Transgender Europe indicou que o Brasil lidera o *ranking* mundial de assassinatos de transexuais. Segundo informações da entidade, entre 1º de outubro de 2017 e 30 de setembro de 2018, 167 transexuais foram mortos no país, sendo que, em 2016, foram 136 mortes violentas²³.

Noutra medida judicial, o mesmo tribunal reconheceu a união homoafetiva como grupo familiar, o que era questionado quanto ao entendimento de constituição de "família" previsto no artigo 226 da Constituição Federal e o artigo 1.723 do Código Civil. A decisão aprovada pela maior parte do colegiado assegurou, a partir disso, os mesmos direitos dos casais heterossexuais aos casais homossexuais, que incluem direito à herança, pensão por morte ou separação, etc²⁴.

3.3 A Militância da Comunidade Negra no Brasil

Desde a Lei de Abolição da Escravatura no Brasil, em 1888, a comunidade negra ainda sofre com as ideologias racistas que permeiam a sociedade brasileira. Após 130 anos do fim da exploração, os negros enfrentam situações de inferioridade, discriminação, violência, entre outros ataques. O entendimento deste racismo é descrito pela Declaração da Unesco sobre Raça e os Preconceitos Raciais (1978), no artigo 2 e parágrafo segundo, como a manifestação de atos legais e regimentais com práticas discriminatórias que impossibilita a evolução pessoal e não oferece a oportunidade à vítima de defesa.

Além disso, cria uma situação de conflito entre povos e fortalece as crenças racistas. O documento continua a explicar ao afirmar que o racismo "é contrário aos princípios fundamentais do direito internacional e, por conseguinte, perturba seriamente a paz e segurança internacionais" (UNESCO, 1978).

Ellis Cashmore (2000) defende a ideia de que os assuntos que giram em torno da discriminação racial têm diferentes formas de manifestações, como nas ideologias e ideias

²³ Informações do site de notícias do Senado, acessado no dia 30/12/2019 em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2018/11/brasil-lidera-ranking-de-assassinatos-de-transexuais>>

²⁴ Informações da Revista Veja acessado no dia 30/12/2019 em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/supremo-reconhece-uniao-civil-entre-homossexuais/>>

preconceituosas, comportamentos de exclusão e segregação e, também, na praxe institucionalizada de descaso, que cria um ambiente sem pluralidade e de desigualdade.

Conforme o documento da Unesco (1978), existe uma tentativa de criar certos tipos de padrões sociais pautados em características físicas e manifestações culturais e, também, uma ideia infundada de que as relações discriminatórias entre grupos concernem à moralidade e que são justificadas pela ciência comportamental. De acordo com o autor, esse cenário cria a lenda de uma "superioridade racial", alertando que o racismo, como ideologia, é reinventado com uma nova dinâmica no sistema de crescimento da sociedade e atem-se a conjunturas históricas do passado.

Gomes (2005) entende que o racismo é "um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como, cor da pele, tipo de cabelo, formato de olhos, etc" (p. 52). A autora reflete ainda que a discriminação racial é baseada na crença de raça e na diferença entre seres humanos superiores e inferiores.

De acordo com a autora, essa demonstração de desprezo à população negra pode chegar a níveis extremistas, como agressões, assassinatos e a tomada ou/ destruição de bens, como ocorreu no Apartheid na África do Sul e nos conflitos no Estados Unidos, entre as décadas de 60 e 80.

Dentre as várias vertentes de discriminação racial, Moore (2006) aponta para a relação das práticas sociais e quotidianas com o racismo institucional. De acordo com o autor, o fruto do racismo é a insensibilidade, principalmente nas questões de dificuldades da população negra em ter acesso aos seus direitos sociais e constitucionais que garantem saúde, educação e habitação por exemplo.

Ainda na linha de pensamento de Moore (2006), o quadro de funcionários de entidades bancárias, públicas e de comércio ao optar por contratar a maior parte de pessoas brancas, que, por sua vez, prestam um desserviço quando prestam um atendimento a uma pessoa negra, mostra a realidade de marginalização que é imposta à comunidade e de discriminação. A situação também é repetida na ocupação de cargos públicos do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário. Para o autor, o racismo faz com que as pessoas percam a sensibilidade e o cuidado com o próximo, o que conduz a atitudes "triviais e banais" (p. 23).

Passos (2016) contrasta que combater o racismo institucional é enfrentar também todas as violações que foram cometidas ao longo dos anos no Brasil. O autor relembra a situação de dominação "política, econômica, social, cultural e religiosa" (p.1) do país, na

qual o governo era um dos agentes de segregação racial, implantando medidas legislativas e, até mesmo, com o uso de força para reprimir o acesso aos negros de direitos básicos, como educação, cultura e crenças religiosas. Passos (2016) afirma ainda que o Estado em várias situações era o violador e cometia atos de racismo.

Santos (1994) entende que o movimento negro é formado por pessoas e entidades e, também, ações formuladas e promovidas por pessoas negras, como os organismos religiosos, assistenciais, recreativos, artísticos, culturais e políticos. "Ações de mobilização política, de protesto anti discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e 'folclóricos' – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro" (p. 157).

Domingos (2007), por outro lado, avalia que se o movimento negro for avaliado somente pelas ações militantes, cria-se um problema de contextualização histórica da luta do povo negro no Brasil. O autor explica que o movimento racial é dividido em três fases.

A primeira onda do movimento negro foi entre os anos de 1889 e 1937. Após a lei de abolição, os negros ainda continuaram em uma situação de descaso, o que levou muitos deles a viverem em ambientes caóticos e à margem da sociedade. Domingos (2007) expõe que para transformar esse ambiente de desigualdade, os negros libertos e suas linhagens criaram movimentos (grupos, clubes ou associações) em diferentes regiões do país.

De acordo com o autor, os jornais que informavam à comunidade surgiram naquele momento com propósito importante de alertar sobre as dificuldades e aflições da população negra em temas como saúde, trabalho, habitação e educação. Já nos anos de 1930, há um crescimento exponencial com a fundação, em 1931, da Frente Negra Brasileira (FNB), em São Paulo, como fruto do Centro Cívico Palmares de 1926, marcando assim as duas instituições de luta pela causa dos afrodescendentes. Anos mais tarde a FNB transforma-se em partido político (Domingos, 2007, p. 105-106).

A segunda fase é marcada por violência e comedimento político, o que tornou mais difícil a atuação do movimento nos anos de 1945 a 1964, segundo Domingos (2007). Todavia, Guimarães (2002) explica que o fim da ditadura de vanguarda possibilitou os movimentos a expandir o número de atuação e protestos devido à situação de marginalidade que os negros viviam, além das perseguições e preconceito que eram imputados à comunidade.

Em conformidade com Domingos (2007), um dos grupos de destaque naquele período foi a União dos Homens de Cor (Uagacê ou UHC), criada em 1943, na capital

Porto Alegre/RS, que tinha o objetivo de instruir à comunidade negra em questões sociais, económicas e intelectuais, criando oportunidades e conhecimento para questionar suas condições e procurar melhorias. Anos mais tarde a entidade abriu filiais em outros estados - Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná -, e ganha notoriedade e respeito nacional ao conseguir conferências com o presidente à altura, Getúlio Vargas (Domingos, 2007).

O autor relembra a importância de outra organização como a do Teatro Experimental do Negro (TEN), - fundado no Rio de Janeiro em 1944, que tinha o intuito de criar um grupo de atores negros, mas acabou por ganhar proporções maiores ao criar o Jornal Quilombo -, que oferecia cursos de alfabetização e discussões temáticas. Ele ainda explicita que o pioneirismo do grupo foi marcado pelo interesse de noticiar e explicar ao povo negro brasileiro as ações do movimento negro na França que, consequentemente, serviu de base para a “libertação nacional dos países africanos” (p. 109). Porém, o autor cita que a visibilidade do TEN foi ofuscada pelo controle dos militares no Brasil e o grupo foi quase extinto em 1968, quando um dos seus principais, Abdias do Nascimento, decide mudar para os Estados Unidos.

Por fim, o terceiro momento de destaque apontado por Domingos (2007) foi desfortalecido com o Golpe Militar de 1964. Durante este período, no qual pessoas eram mortas, presas e torturadas devido as suas questões ideológicas, o movimento negro perde o espaço que havia conquistado ao longo dos anos, e tem suas atividades de debate cerceadas (Domingos, 2007).

O Movimento Negro Unificado foi uma das organizações marcada pelas ideias marxista e com uma vertente socialista, sendo uma escola de formação política e ideológica das lideranças dos movimentos à época (Domingos, 2007). Intitulados como Convergência Socialista, o grupo era formado por militantes anticapitalistas e renegava esse sistema político que se beneficiava do racismo. O autor lembra que "na 1ª Assembleia Nacional de Organização e Estruturação da entidade, no dia 23 de julho, foi adicionada a palavra Negro ao nome do movimento, passando, assim, a ser chamado Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR)" (p. 114).

Neste mesmo período, o movimento apropria-se de suas culturas ancestrais, no qual os líderes do movimento incentivam e promovem uma identidade étnica, guiando o comportamento dos militantes com base na cultura africana (Domingos, 2007). O autor indica que recém-nascidos de famílias negras passam a receber nomes em iorubá - língua africana.

Maués (1991) relata que o resgate cultural é identificado na estética e a forma de expressar a cultura ancestral com "vestuário, penteados, adereços, ditos *afro*" e, também, com a incorporação de elementos da cultura africana, como música, dança, jogos e culinária que eram "traduzidos nos jornais em receitas atribuídas aos antigos descendentes de escravos" (p. 125).

A quarta fase é abordada pelo autor como uma situação hipotética, que começa a partir dos anos 2000 com a entrada da cultura negra musical, como o *hip-hop*, que fala a língua do povo. Domingos (2007, p. 120) comenta que o estilo musical dá uma nova roupagem ao movimento negro e quebra os costumes vanguardistas das ações ativistas.

Para o autor, o gosto musical também quebra barreiras e fronteiras sociais ao estar presente nas regiões periféricas das cidades brasileiras, na qual a "juventude branca" torna-se adepta do estilo de música e dança, agregando ao "*hip-hop*" uma importante influência e mecanismo de transformação social. "Se, de um lado, esse movimento tem um discurso radicalizado de rebeldia contra o sistema (termo sempre usado de maneira abstrata!), de outro, não define explicitamente qual é o eixo central da luta. Desde que chegou ao país, o *hip-hop* adquiriu um caráter social" (Domingos, 2007, p. 120)

Capítulo IV: Método de Investigação

Um dos maiores desafios para pesquisar novas tecnologias e Internet está relacionada à abordagem empírica (Fragoso et al., 2011). Definir como fazer, aplicar ou pensar nas abordagens metodológicas são critérios fundamentais para manter o rigor científico e, também, é um desafio dos pesquisadores.

Estudos de Amaral & Mortado (2010, p.10) detetaram que, entre 2000 e 2010, cerca de onze temáticas de pesquisas realizadas no Brasil e nos Estados Unidos elencam as 7 principais temáticas que envolvem os estudos e ressaltam, também, que um tema de pesquisa pode ter pelo menos dois eixos interligados, entre eles:

“Linguagem: Estudos sobre arquitetura de informação, hipertexto, links, buscadores, hipermídia, narrativa de jogos digitais etc. Apropriação Tecnológica: Estudos sobre a reconfiguração de práticas sociais/culturais e sociabilidade em função das TICs. Economia Política da Comunicação Mediada por Computador: Investigações ligadas a novas conformações econômicas e políticas em função da internet. *Ciberativismo*: Reflexões sobre a potencialização da ação do indivíduo/coletividade em termos de ação política via internet. Inclusão digital: Estudos sobre a potencialização da inclusão social via TICs. Práticas de Consumo Mercadológico: Estudo das práticas de consumo em relação à internet e outras TICs. Socialização Online: Práticas de socialização online. (Fragoso et al., 2011, p. 47)

Fragoso et al. (2011) explicam que quando focamos em um determinado grupo como uma “rede”, ao mesmo tempo, estamos analisando sua estrutura em que um lado há os nós (ou nodos) e do outro as arestas ou conexões. Para as pesquisadoras, os nós podem ser retratados pelos atores e plataformas digitais; ou seja, um *blog* também pode ser um ator. Já as conexões são mais plurais e podem ser entendidas como “interações que são construídas entre os atores (por exemplo, os comentários em um *blog* e as mensagens trocadas no Twitter) e como aquelas que são proporcionadas e mantidas pelo sistema (por exemplo, “adicionar” alguém na sua lista de seguidores do Twitter ou “adicionar” um amigo no Orkut)” (Fragoso et. al., 2011, p. 116).

No caso do objeto de investigação desta dissertação, - uso da *hashtag* no contexto do *ciberativismo*, com o foco nas *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive-, é possível identificar que o tema se enquadra na ponderação das autoras sobre a ligação entre os eixos temáticos, por exemplo, o *ciberativismo* e a socialização *online*. Ainda de acordo com as pesquisadoras, as investigações destes estudos podem ocorrer em três frentes (Fragoso et al., 2011, p. 17):

- Objeto de pesquisa, o que os autores chamam de “aquilo que se estuda”;

- Local de pesquisa, referido como “ambiente em que a pesquisa é realizada”;
- E instrumento de pesquisa, no qual são recolhidos dados sobre o assunto ou tema.

4.1 A Era do Big Data e as Discussões Metodológicas

Para analisar os dados de origem das novas plataformas digitais, algumas metodologias podem ser utilizadas para obter um diagnóstico, interpretação e identificação de comportamentos dos utilizadores nos novos dispositivos sociais digitais. A investigação científica dos estudos das novas mídias seguem padrões específicos para cada objeto de pesquisa, como apresentam as autoras Magalhães e Lídia Marôpo (2016), ao expor quatro métodos utilizados em projetos de outros pesquisadores, como os métodos digitais.

De acordo com Magalhães e Marôpo (2016), os métodos digitais são utilizados para uma investigação dos dados das plataformas digitais com cunho qualitativo ou quantitativo. Para as autoras, os estudos "englobam a utilização de *softwares* capazes de organizar e contabilizar uma imensa quantidade de dados sobre os modos de utilização das redes sociais que, numa etapa seguinte, podem ser analisados de forma mais aprofundada por meio de outros métodos" (p.100). Na investigação empírica, a utilização de *softwares* faz-se necessária para o mapeamento e recolha de dados gerados nas redes sociais *online*, já que as informações dispostas na Internet são vastas (Magalhães e Marôpo, 2016).

Outros autores avaliam que o crescimento exponencial do digital tem trazido novos retratos da vida contemporânea. Além disso, consideram o método digital uma fórmula de pesquisa eficiente no processo de investigação no campo social, devido à possibilidade de ter acesso, gerar e analisar os dados que surgem no mundo digital de uma forma diferente. De maneira que seja exequível identificar também novas perguntas de investigação, permitindo, assim, uma avaliação diversa daquela que tem sido feita ao longo dos anos (See et al., 2016).

Os estudiosos da área definem assim os métodos digitais "como o uso de tecnologias online e digitais para recolher e analisar dados de pesquisa" (p.1, tradução livre). Desde os anos 1990, a Internet tem sido a principal corrente para a análise de dados nos estudos das ciências sociais, o que proporciona a criação de modos de investigação diferenciada, conforme explicam os autores.

Snee et al., (2016) sinalizam que uma onda de pesquisas no âmbito da investigação da ciência social digital ocasionou um grande volume de informações sobre a diversidade e o uso da Internet. Os autores alegam que há uma mudança significativa no sentido quantitativo e qualitativo das atividades *online* dos utilizadores e no processo de participação, engajamento e criação de conteúdo virtual. Essa mudança citada por eles é atribuída pela expansão das plataformas de interação digital e, também, pelas diferentes formas de participação dos utilizadores, que segundo os pesquisadores, requer um pequeno conhecimento técnico da rede social.

Pesquisadores de diversas áreas, como economistas, sociólogos e físicos, estão interessados em investigar e entender o volume massivo de informações que são produzidas e compartilhadas pelos internautas em suas páginas virtuais, conforme é explicitado por Boyd e Crawford (2012).

As autoras levantam o questionamento sobre a eficácia da análise dos dados para o bem social e a obtenção de dados com o intuito de apropriação de informações para fins mercadológicos. As pesquisadoras fundamentam que a nova Era de interpretação de dados oriundos dos *ciberespaços*, envolvendo "tecnologia, análise e mitologia", pode provocar um grande discurso utópico e distópico (Boyd e Crawford, 2012, p. 662).

Sob a argumentação de Boyd e Crawford (2012), o *big data* não é o melhor termo a ser usado quando se trata de conteúdo produzido no espaço *online*. Manovich (2011 apud. Boyd e Crawford, 2012) expõe que a expressão tem sido usada na ciência para se referir à união de informações que exige a utilização de supercomputadores para o processamento dos dados. Entretanto, o autor ressalta que o que antes era necessário grande esforço computacional, hoje, passa ser analisado por um *software* padrão numa tela de computador comum.

Boyd e Crawford (2012) acreditam que o *big data* é "menos do que dados e mais sobre a capacidade de pesquisar, agregar e fazer referência cruzada de grandes conjuntos de dados" (p. 663, tradução livre). As autoras definem o

"Big Data como um fenômeno cultural, tecnológico e acadêmico que se baseia na interação de: (1) Tecnologia: maximizar o poder computacional e a precisão algorítmica para reunir, analisar, vincular e comparar grandes conjuntos de dados. (2) Análise: baseando-se em grandes conjuntos de dados para identificar padrões e fazer reivindicações econômicas, sociais, técnicas e legais. (3) Mitologia: a crença generalizada de que grandes conjuntos de dados oferecem uma forma mais alta de inteligência e conhecimento que podem gerar insights anteriormente impossível, com a aura da verdade, objetividade e precisão" (Boyd e Crawford, 2012, p. 663) (tradução livre).

Entre outros pontos discutidos sobre a definição de *big data*, Boyd e Crawford (2012) pontuam que a grande quantidade de informação traz uma retórica “utópica e distópica”. Para as autoras, o conjunto de dados também é uma forte ferramenta para identificar problemas sociais, oferecer novos caminhos de pesquisas sobre câncer, terrorismo e mudanças climáticas. Neste sentido, o *big data* reformula questões-chaves no âmbito da formação de conhecimento, processo de pesquisa e entendimento do contexto da realidade e cria uma forma de mensurar assuntos correlatos, métodos de conhecimento e definição de vida social (Boyd e Crawford, 2012). Em contrapartida, as pesquisadoras dizem que a aglomeração de informações geradas e compiladas podem ser uma forma de “*Big Brother*”, possibilitando a invasão de privacidade, a diminuição de liberdade de civis e o aumento de controle corporativo e estatal (p. 663).

Em consonância com Snee et al., (2016), a população está acostumada com as facilidades e praticidades dos serviços oferecidos no *ciberespaço*. A nova Era Digital permite que os utilizadores tenham acesso às informações que, consideravelmente, remodelam suas atividades quotidianas. E que é possível expressar suas frustrações e alegrias por meio das plataformas de interação *online*. Dentro da academia, as autoras, com base na ideia de Wellman e Haythornthwaite (2002), reconhecem o crescimento e uma mudança transcendental na forma de separar o ambiente social digital, ao invés de colocar molde neste contexto múltiplo das rotinas individuais.

Snee et al., (2016) explicam que, por parte dos cientistas sociais, o interesse nos métodos digitais espalhou-se, permitindo, assim, o entendimento do conteúdo gerado *online* e a conectividade entre vidas *offline* e *online*. O método, segundo os autores, busca o retrato das interações dos dois ambientes: social e virtual. Essa necessidade de estudar e desenvolver novas formas de pesquisas estão atreladas ao crescimento e adesão dos utilizadores às novas tecnologias (Snee et al., 2016).

Os meios de pesquisas qualitativas e quantitativas têm sido extensamente experimentados pelos investigadores das ciências sociais no universo da Internet (Snee et al., 2016). Os autores afirmam que parte da comunidade científica utiliza o método qualitativo na análise de dados - a partir de grupos e fóruns *online* - para estudar como as questões dos utilizadores são formuladas com suas próprias palavras num espaço que se sintam confortáveis. Além disso, os pesquisadores incentivam o uso da investigação no campo cultural.

Para Marres (2016), os métodos digitais não são somente outra forma de investigação dentro das ciências sociais, mas sim um mecanismo de entender a

investigação com o auxílio computacional, a fim de verificar a importância das novas tecnologias e como adquirimos novos conhecimentos sobre a vida social no ciberespaço.

Macgregor (2007), porém, acredita que a informação produzida pelos internautas tem gerado um número massivo de dados e que não tem uma estrutura clara com relação a obtenção de dados e a forma que as metodologias anteriores são aplicadas neste novo contexto. Para o autor, o método virtual surge para consertar essa dicotomia, o que permite novas análises e digestão do conteúdo *online*.

Sob uma reflexão do uso metodológico praticado no contexto atual, Hine (2005) avalia que parte dos analistas buscam estruturar suas pesquisas no ambiente de comunicação virtual em métodos tradicionais. De acordo com Hine (2005), essa "ansiedade" por este modelo cria uma inconsistência e falta de procedimentos no sentido de validação do uso de um método tradicional em novos estudos dos meios (p. 1-5). Deste modo, os métodos digitais têm a finalidade de entender a comunicação e sociabilidade do mundo *offline* e *online* e serem integrados como parte suplementar na pesquisa de ciências sociais.

Ainda há desafios para descrever como a interação social ocorre no ambiente virtual com o método qualitativo de pesquisa (Hine, 2005). A autora reitera que a junção dos métodos qualitativos e quantitativos traz uma aproximação contextualizada das interações e configuração dos dados obtidos no espaço virtual.

Segundo Hine (2007), a cada dia novas formas e perspectivas agregadas à gnose científica são implementadas e exploradas, a fim de trazerem um retrato do conteúdo disposto na Internet com a observação e o desenvolvimento de abordagens variantes de estudos na comunicação *online*. Novos meios metodológicos permitem os investigadores que têm base nos estudos sociais uma experiência propriamente inserida no espaço virtual. Hine (2007) acrescenta que o desenvolvimento dos métodos virtuais, como ferramenta de análise no campo social, demonstra o processo de estudos com o advento da Internet, além de incentivar a evolução em pesquisas no campo *online* e social.

Os Fins, os Meios e as Interpretações

Para compreender as necessidades de utentes do sistema de saúde primária na Inglaterra com o foco na demanda e uso dos serviços, Rogers e Nicolaas (1998) utilizaram os métodos quantitativos e qualitativos para analisar este contexto. De acordo com os

autores, as fusões dos dois métodos permitem um entendimento mais amplo na avaliação, sendo possível perceber a dinâmica dos postos de saúde nas localidades estudadas.

Rogers e Nicolaas (1998) argumentam que os dados da pesquisa identificam padrões de utilização por parte dos utentes e, também, as ações de prevenções domiciliares no quesito quantitativo. Segundo os autores, o método qualitativo possibilitou entender como os processos de utilização dos serviços de saúde ocorreram e os motivos pelos quais os pacientes decidiram procurar atendimento de saúde primária. Na pesquisa, Rogers e Nicolaas (1998) concluíram que a interação está entre cidadão e entidade.

Na justificativa dos pesquisadores, em concordância com Mechanic (1979) e Pescolido (1991), a abordagem qualitativa busca suprir a falta de informação que não foi possível ser captada com a pesquisa quantitativa de grande volume. Os autores pontuam a importância das redes sociais para tomada de decisão, no caso específico do estudo, o que eleva o utente inserido nas suas rotinas diárias a identificar o problema, entender a situação e a procura por ajuda.

Para os autores a mistura das metodologias transcendem a dualidade do que é tido como objetivo e subjetivo, viabilizando uma análise contextualizada de uma situação. Eles ainda aduzem que com a combinação dos métodos foi possível identificar e explorar as características de agência e estrutura, gerando uma teoria micro-macro. Porém, os pesquisadores ponderam que há limites para que os métodos se completem.

De volta as explicações de Boyd e Crawford (2012, p. 666), a representativa numérica não expressa plenamente o contexto real. As autoras fazem essa reflexão ao questionar a assertiva de Anderson, editor-chefe da Wired, que acredita que os números demonstram uma situação fatídica, já que a grande quantidade de dados que retratam o comportamento dos internautas nas redes é analisada por meio de fórmulas matemáticas. "O ponto é que eles fazem isso, e podemos rastrear e medir com fidelidade sem precedentes. Com dados suficientes, os números falam por si" (Anderson, 2018 apud. Boyd e Crawford, 2012, p. 666, tradução livre).

Com um argumento de contraposição ao Anderson (2018), Boyd e Crawford (2012, p. 666) sinalizam que as próprias ferramentas de análise de *Big Data* têm funcionalidades limitadas e "ruins", que "dificultam ou impossibilitam", de algum modo, verificar os dados mais antigos, como nas plataformas Twitter, Facebook e Instagram. De acordo com as autoras, as investigações concentram-se em algo que decorre no presente

ou de um passado próximo, pois o acesso aos dados nessas plataformas tem restrições à obtenção de informações mais antigas, o que torna a investigação com prazos limitados.

Sendo assim, a análise do *big data* é algo subjetivo, logo, segundo Boyd e Crawford (2012), não está necessariamente relacionada com a verdade representada pelos números, indicando a objetividade um critério passível de sofrer alterações com as diferentes formas de expressão dos utilizadores nas plataformas (Boyd e Crawford, 2012). As autoras explanam que o "*Big Data* corre o risco de reinscrever divisões estabelecidas nos debates de longa duração sobre o método científico e a legitimidade das ciências sociais e humanas".

Rogers (2016) aponta que é necessária uma mudança no entendimento do que é o objeto de estudo, conteúdos e dispositivos que surgem nas novas plataformas daquelas que migram para elas. Para entender este cenário, o autor defende a ideia de que novas formas avaliativas de informações têm a função de aprender com os objetos e conteúdos. Rogers (2016) sublinha que os "métodos virtuais" são um exemplo de pesquisa empírica, - oriundos das ciências sociais e humanas -, a serem aplicados no ambiente em que o conteúdo está inserido.

Para buscar soluções a pergunta: "que tipo de pesquisa pode ser realizada com métodos que foram digitalizados (como diretórios e entrevistas *online*) face àqueles que são digitais (como sistemas de recomendação e folksonomia²⁵)?" (p.1), Rogers (2016) acredita que a pesquisa na Internet tem diversas formas de usos e com ênfase no objeto digital. Assim, o autor reflete como uma proposta de resposta à problemática, a necessidade de mudança no cerne dos novos meios digitais de interação e cultural *cibernética* de forma global. Todavia, no caso da "pesquisa *web*", deve ter um método mais específico, possibilitando uma investigação que vai além do "mero estudo da cultura online" (p.2).

O autor ainda questiona: "como coletar e analisar *links*, *tags*, resultados de mecanismos de busca, *sites* arquivados, perfis de sites de redes sociais, edições na Wikipédia e outros objetos digitais?" (p.2). Rogers (2016), propõe uma ação coordenada de pesquisa que possibilite aprender com os métodos dos dispositivos

²⁵ Termo criado por Tomas Vander Wal, em 2004, que se refere a criação de tags que utiliza a linguagem verbal dos utilizadores. Pode ser entendida também como a forma de catalogar e categorizar as informações da web. Definição foi acedida em dezembro de 2019 em : < <https://www.biblioteconomiadigital.com.br/2011/01/definicao-folksonomia.html>>.

virtuais, adaptando-os e buscando-os firmar sobre as "mudanças cultural em dados *web*", e incluindo o termo "fundamentação em dados *online*".

Parte dos estudos realizados com dados virtuais estão moldados para condenar a ideia de que a Internet é uma "realidade virtual" à parte, o que, segundo Rogers (2016), corresponde ao conhecimento antigo que havia em meados dos anos de 1980 e 1990, quando a "Internet correspondia a um domínio virtual" (p.3). O autor afirma ainda que com os métodos digitais e os estudos dos utilizadores de novas mídias, no campo das ciências humanas e sociais, têm chamado à atenção para um distanciamento dos dados que estão nas redes sociais, criando uma oportunidade de pesquisa com uma visão "além da cultura *online*" (p.3).

Para repensar a análise de dados recolhidos nas redes sociais com softwares, Rogers (2016) sugere que estes estudos necessitam ser analisados com descrições que incluem a observação, entrevistas e questionários. Desta maneira, torna-os diferentes da computação social, das humanidades computacionais e das organizações comerciais que armazenam informações dos utilizadores. Rogers (2016) salienta que:

“as entradas de dados (inputs) pelos usuários, como preferências, histórico de busca, histórico de compra e localização são coletadas e analisadas de modo a ajustar os resultados. Tomando como exemplo esse trabalho de adequação, há várias reivindicações constantes por uma virada metodológica na pesquisa em internet, pelo menos no que tange à coleta de dados (p.4)”.

Com o lançamento da Google Analytics, as "análises culturais", como cita Rogers (2016) em referência à Manovich (2007), têm o intuito de aumentar o número de serviços com a finalidade de recolher, armazenar e verificar os dados para a geração digital. O autor faz alusão à tendência dos programas de pesquisa no processo de arquivamento de dados, com o que ele chama de "*googletização*", em referência à Vaidhyathanb (2011).

"Os efeitos do buscador Google são efeitos das mídias. Esses efeitos podem ser expressos em termos da suplantação da navegação por mecanismos de busca. Igualmente, eles podem ser estudados em termos da —morte do editor-perito" e da ascensão do algoritmo de back-end..... no entanto, trata-se de considerar que esses efeitos também podem ser estudados em termos de modelos para a pesquisa —modelos que buscam replicar a escala da coleta de dados, bem como a análise desses dados" (Rogers, 2016, p. 4-5)

Para solucionar o conflito entre setores de armazenamento de dados, Rogers (2016) conjectura que o saber pode ser construído com a extração e análise de dados oriundos dos dispositivos de busca, citando como exemplo o projeto da Google (Google

Flu Trends), que é capaz de identificar pontos com surto de influenza com a mensuração do número de busca das palavras “gripe” e “sintomas de gripe”.

Rogers (2016), complementa que o principal objetivo dos métodos digitais é criar um panorama avaliativo de como as novas relações no *ciberespaço* são construídas, bem como os elementos que as fundamentam. O autor analisa que para estudar a Internet é necessário seguir o fluxo contante que acontece no ambiente *online* e observar as tendências comportamentais dos internautas, pois muito deles viram padrões virtuais e objetos de estudos.

O autor defende que através de plataformas, como Facebook, é possível perceber as relações interpessoais e elaborar pesquisas sociológicas e culturais, o que Roger (2016) acredita ser o foco central das investigações. Para além disso, o pesquisador indica que há vários enfoques de pesquisas que podem ser analisados com os dados das redes sociais, como género, gosto musical, programas entre outros.

Já Omena (2019) define métodos digitais como um trabalho de investigação de cunho quali-quantitativo, em que se personaliza a “natureza, os mecanismos e os dados nativos às plataformas web e motores de busca para estudar a sociedade” (p.2), sendo, segundo a autora, um campo de investigação da Internet e o mundo virtual. Omena (2019) em citação a Rogers (2013), explica que a pesquisa segue o “meio (médium)”, obtém a dinâmica, e se baseia nos “resultados e visões” numa perspetiva de mudança sociocultural no *ciberespaço*. Entretanto, a autora alerta que esse tipo de investigação necessita de alterações e ajustes.

“Esta instabilidade tende a incomodar os estudiosos do digital pela ausência de controle sobre o processo metodológico. Contudo, lidar com o digital é também sinónimo de tentar compreender o transitório, passageiro, efêmero. Esta dinâmica ativa e nunca entediante de seguir a lógica do meio (*medium*) é inerente à abordagem dos métodos digitais que, por essa razão, reúne um conjunto particular de questionamentos. *Por onde começar? Como fazer? É possível? E se?*” Mesmo que as soluções para estas questões possam mudar ao longo do tempo, perguntas como estas e as ações práticas por elas provadas são uma constante no realizar métodos digitais” (Omena, 2019, p.2) (tradução livre).

Para orientar a pesquisa com os métodos digitais, Omena (2019) organiza em quatro pontos os fundamentos desta metodologia. De acordo com a autora, a pesquisa fundamentada neste estilo de investigação tem práticas semelhantes ao que ela chama de “práticas tradicionais de investigação” (p.3). Sobretudo, Omena (2019) ressalta que quatro dos indicadores que determinam a pesquisa diferem dos métodos digitais. Entre os pontos citados pela pesquisadora estão:

“(1) posição de interdependência no processo investigativo; (2) consideração da infraestrutura das plataformas; (3) conhecimento técnico-prático sobre a interligação de técnicas de extração-análise-visualização de dados, e por fim, (4) lógica interpretativa-quantificativa e um processo reflexivo” (p.3).

No que se refere ao primeiro ponto, Omena (2019) indica uma atenção a esta especificidade desde o processo de formulação da pesquisa até à fase de análise dos dados. Subsequentemente, a autora pontua que deve ser indicado a plataforma da *web* que os dados serão oriundos, caso contrário, pode alterar as percepções de como são avaliadas as questões sociais. “Não é possível estudar a sociedade através de uma plataforma, sem estudar a plataforma em si” (p.3).

No ponto três, a investigadora indica a necessidade de um entendimento para fazer as ligações dos dados com o contexto, objetivos e pergunta de partida. Em sua última expositiva, Omena (2019) sublinha que é necessário haver uma reflexão do que foi adquirido em dados de forma “interpretativa-quantitativa” (p.3). Para a autora, esses quatro quesitos exemplificam a funcionalidade dos métodos digitais.

Omena (2019) sugere uma forma de orientar a pesquisa por meio dos métodos digitais, em que muitas vezes o analista se pergunta: “por onde começar? Como fazer? É possível? E se?”. A autora explica que

“todas as etapas estão, de certa forma, interligadas tendo também um caráter relacional. Mesmo sem haver uma ordem direcionada de trabalho, normalmente, o seu fluxo tende a iniciar do design interrogativo e o seu entrelaçamento com a infraestrutura da plataforma à práxis de extração, análise e visualização exploratória de dados, indo até à definição das análises e visualizações finais. Esse processo é refinado e transformado quando a sua trajetória é repetida, mas, desta vez, com uma aprendizagem dos erros e acertos. Na ordem prática, para além de seguir a perspectiva específica do meio (*medium- specificity*) e dos objetos nativos digitais, testar diferentes formas e experimentar quantas vezes for necessário é um aspecto inerente aos métodos digitais. Por fim, podemos dizer que a lógica funcional apresentada no diagrama também nos informa que a pesquisa baseada em métodos digitais não lida necessariamente com *big data*, mas sobretudo com o aspecto da natureza relacional dos dados” (p.4).

Omena e Rosa (2015) afirmam que os métodos digitais ainda são pouco explorados pela academia, o que contribui para ideia de que essa metodologia esteja a dar “os primeiros passos no circuito de investigação das ciências sociais” (p.20). Para os autores, isso ocorre devido à falta de estudos que partem dos métodos digitais e a utilização de sistemas tradicionais de investigação de plataformas digitais. Os autores ressaltam que esse cenário está a mudar devido o interesse de investigadores e académicos por novos meios de investigação que tem como foco o estudo das redes sociais virtuais.

Estudo de Omena e Rosa (2015) - que investigaram 30 documentos relacionados às redes sociais em Portugal entre 2011 e 2013 - identificou que os pesquisadores portugueses ainda estão atrelados às investigações tradicionais, sendo o Facebook a plataforma de maior incidência. Os pesquisadores citam que o interesse por essa rede social ainda é crescente em dissertações de mestrados, principalmente, no que concerne à análise de *funpages*, sendo o “método quantitativo o mais utilizado”, depois, o “qualitativo e análise de conteúdo”, e, subsequente, “as investigações descritivas, estatísticas, observativas e *netnográficas*, ainda em escala considerável” (p.26). A extração de dados, segundo Omena e Rosa (2015), foi realizada boa parte com questionários *online* e entrevistas.

4.2 Métodos Digitais e a *Hashtag*

A *hashtag* como objeto de investigação nos métodos digitais é estudada por Omena et al. (2020), na qual os pesquisadores analisam o uso de símbolos (*emojis*) nas plataformas digitais associado a uma palavra-chave (#😊, #👉 etc). Além disso, avaliam a frequência de utilização nas redes sociais. Na abordagem, Omena et al. (2020) dividem os assuntos que envolvem as *hashtags* em 3 camadas.

O primeiro ponto indicado pelos autores é a distinção entre o grande volume de visualização e a “cultura comum” (p.1) (tradução livre) de uso da *hashtag*, bem como os temas e protagonistas correlacionados. Na segunda, Omena et al. (2020) explicam sobre o movimento da *hashtag* e como ela pode ser agregada de forma diferente nos bancos de dados das plataformas. E por fim, os pesquisadores expõem acerca das imagens que estão vinculadas às *hashtags*. Para os estudos no campo das plataformas digitais, os analistas salientam que é necessário conhecimento mínimo sobre a rede social, assim como as formas de interação textual.

Omena et al. (2020) explicam que as *hashtags* fazem parte da vida virtual dos utilizadores, sendo possível encontrar temas diversos, entre eles: assuntos relacionados à política (#haddadsim), ao turismo (#IloveLisboa), às memórias (#tbt) e mais. Consoante as ideias dos autores, é possível ter acesso aos conteúdos que estão vinculados às *hashtags* e, também, impulsionar a *tag* - autores chamam de “engajamento da *hashtag*” (tradução livre). Os investigadores arrazoam que além da função algorítmica da *hashtag*, - de criar um espaço em que se pode navegar, pesquisar monitorar e recuperar dados em pequena e grande escala -, elas podem ter o poder de representação de comunidades e grupos

ativistas, discursos e discussões sociopolíticas, económicas e culturais e, também, ter propósitos mercadológicos como estratégia de divulgação de uma marca ou serviço (Omena, 2020, p.2).

De acordo com os estudos de casos que abordam as *hashtags*, Omena et al. (2020) explicitam que o tema não é algo novo nos estudos de ciências sociais. Segundo os investigadores, o Twitter, plataforma que iniciou o processo de uso, tem sido estudado de forma teórica e empírica, em que se é associada as relações de formações de grupos ou comunidades com as *hashtags*. Todavia, os autores fundamentam que os casos de análises das *hashtags* no Instagram estão associados às datas comemorativas, geolocalização e divisão socio-espacial, e que há novas iniciativas de investigação dos *emojis+hashtag*, por exemplo, com os métodos visuais, possibilitando identificar os comportamentos humanos.

Para demonstrar uma situação em que a *hashtag* teve um papel significativo no contexto virtual, social e político, os autores citam a utilização da *hashtag* de cunho político, em 2016, quando a atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), enfrentava processo de impeachment no Congresso Nacional. De acordo com Omena et al. (2020), em referência a Jinkings, Doria e Cleto (2016), a #BrasilContraOGolpe foi usada de forma solidária à Dilma Rousseff por artistas, ativistas, autores e atores durante todo o decorrer do julgamento político, que ocorreu em sessão plenária no Congresso, o que os autores chamam de “*modern coup*” ou golpe moderno.

A análise de conteúdo digital medido pelas *hashtags* podem ilustrar outra realidade quando os utilizadores, para promoverem seus conteúdos, utilizam outras técnicas de fuga do controle das plataformas (Gerrard, 2018). Gerrard (2018) descreve a situação quando os utilizadores de plataformas digitais produzem conteúdo, promovem e/ou admitem transtornos alimentares, como as #ProAna, #ProMia e #Ana&Mia. A autora, em seu estudo, argumenta que a *hashtag* facilita encontrar conteúdo sensíveis, porém, ainda há um problema para entender como o conteúdo circula nas redes.

Com a moderação de conteúdo das plataformas, como Facebook, que bloqueia e apaga *hashtags* “violadoras” - neste caso específico, a rede social envia também mensagens com contatos de serviços de proteção à vida -, os *ciberindivíduos* buscam outras formas de “procurar e publicizar” o conteúdo de instruções e desafios que giram em torno do transtorno alimentar (Gerrard, 2018). Com a expositiva da autora é possível perceber um possível “*gap*” que implica na busca e extração de dados *online*, pois a

moderação de conteúdo e as formas "inovadoras" dos internautas de "burlarem o sistema" trazem uma nova perspectiva na investigação empírica de dados representados, em efeitos quantitativos, as informações dos conteúdos "escondidos".

Sobre o engajamento de *hashtag*, Omena et al. (2020) esclarecem que o termo é naturalmente associado à utilização das *tags* para "engajar" ou impulsionar conteúdos. Não obstante, os autores contrapõem a ideia de exclusividade da expressão quando dizem que a palavra "engajamento" refere-se à mensuração das atividades em uma peça de mídia por exemplo. Ainda segundo os investigadores, o engajamento também está relacionado com o indicador de um desenho de pesquisa; assim, faz um paralelo com as infraestruturas e mecanismos das plataformas digitais.

"Seguindo os mecanismos da plataforma, a primeira lógica é refletida na lista de mais envolvidos ou no que é dominante em termos de popularidade e influência - parâmetros comumente usados para fins de amostragem na pesquisa de mídia social. A segunda lógica refere-se à publicação difusa de conteúdo relacionado a problemas específicos que não atingem necessariamente um grande número de "curtidas", "compartilhamentos" ou ações semelhantes (Omena et. al, 2020, p.5) (tradução livre)

A técnica de pesquisa que envolve o engajamento de *hashtag* via redes sociais está além da análise de conteúdo, na qual as *tags* estão associadas (Omena et al., 2020). Segundo os autores, o estudo do uso da *hashtag* no Instagram deve levar em consideração a funcionalidade algorítmica e a interface da plataforma. Os autores, na linha de pensamento de Rieder et al. (2015) e Langlois and Elmer (2013), atentam-se ao "que há nas interfaces técnicas de mídia social como uma maneira de perceber como as gramáticas (*hashtags*) das mídias sociais foram renderizadas e disponibilizadas" (p.6) (tradução livre).

O conceito de "gramatização da plataforma" é explanado por Omena et al. (2020), com base nos fundamentos de Gerlitz and Rieder (2018), no qual os utilizadores se descrevem de forma predefinida e usam os mecanismos da plataforma para "estruturar" suas atividades *online* (p. 6). Além disso, os autores salientam que a gramatização da plataforma simula uma padronização de ações (ex.: ícone de "gosto"), sendo possível mediar a participação de interação dos utilizadores.

"As *hashtags* podem ser incorporadas de maneira diferente nos bancos de dados de mídia social, permitindo, então, diferentes maneiras de ler o envolvimento da *hashtag*. Juntamente com esse processo de gramatização, as *hashtags* também podem adquirir diferentes significados e propósitos nos modos em que são usadas e, portanto, pesquisadas. É a isso que nos referimos aqui como "as gramáticas das *hashtags*", como as mídias sociais capturam e reorganizam os

diferentes modos de ação associados à hashtag" (Omena et. al, 2020, p.6 – tradução livre).

Omena et al. (2020), em referência à Rogers (2018), indicam que os métodos digitais trazem uma análise crítica e possibilitam criar métricas com as pesquisas de plataformas digitais. Para os autores, as ações gramatizadas (grammatised actions) são formadas por um nível mínimo de comprometimento coletivo, em que as imagens e sentimentos ou tópicos de discussão estão atrelados e descritos.

A primeira camada proposta pelos autores está relacionada à alta visibilidade e origem, na qual o propósito é entender quem são os atores e os conteúdos correlacionados. Omena et al. (2020) expõem as perguntas: "quem são os atores de alta visibilidade e comuns? Quem domina o debate? Qual o conteúdo visual e textual relacionado a eles? Quais são os sites de circulação de imagens? E a distribuição de usuários, postagens e engajamento?" (p.8). (tradução livre)

No que se refere à segunda, Omena et al. (2020) abordam sobre a questão da grafia das *hashtags*, em que os utilizadores se apropriam de diferentes formas de escrita e associam às *hashtags*. Os protagonistas com mais visibilidade servem de parâmetros para análise qualitativas com a função de identificar, estudar e entender os grupos de alta visibilidade e comuns, e entender a frequência das menções das *tags*, possibilitando a verificação de agentes mais participativos (Omena et. al, 2020). Assim, os pesquisadores ressaltam que uma *hashtag* associada a um tema pode ter intenções diferentes por parte dos utilizadores. Entre as perguntas relativas que os autores propõem responder com essa camada estão:

"O que a frequência do uso da hashtag revela sobre grupos comuns e de alta visibilidade? O que o número de vezes que as hashtags são mencionadas por uma determinada conta nos informa sobre atores específicos ou agência automatizada? Como as coocorrências de hashtags indicam práticas diferentes de hashtag? Como as hashtags mediam o envolvimento dos atores com uma causa?" (Omena et al., 2020, p.9) (tradução livre).

A última camada de análise está relacionada aos textos e imagens vinculadas às *hashtags*, o que indicam a possibilidade de compreender e visualizar a riqueza de narrativas. De acordo com Omena et al. (2020), essa camada busca esclarecer as decisões pelas quais os utilizadores escrevem e usam imagens a fim de passar uma mensagem. Os autores perguntam: "que histórias o visual e o texto podem contar? Quais são as composições ou significados visuais e textuais relacionados a determinadas *hashtags*? E os sites de produção e circulação de imagens?" (p.9). Como eles defendem, o método

quali-quantitativo é importante, pois as narrativas devem verificadas de forma unitária, sendo esse o principal desafio desta camada.

4.3 Processo Analítico e as Ferramentas

Com base nas explicações dos autores sobre pesquisas no ambiente virtual (Omena, 2019; See et al., 2016; Boyd e Crawford, 2012), a utilização de ferramentas tecnológicas é necessária para a extração de dados, leitura e interpretação dos conteúdos associados às *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive. Na primeira fase, com o *software* Instagram Scraper, realizar-se-á a pesquisa das *tags* para verificar outras *tags* que estejam relacionadas com as primárias, possibilitando, assim, criar e entender o mapa de "*tags*". O conteúdo de *posts* também será extraído pelo programa para a apuração de contextos e outras informações que possam ser interpretadas.

O Instagram Scraper faz a busca do termo que está associado à cerquilha, não sendo necessária a utilização do elemento gráfico no campo de pesquisa. Pode ser indicado até cinco *hashtags* por pesquisa. O *software* gera arquivos em CSV, JSON, HTML, GXF. Os arquivos em CSV (Excel) e o gráfico em GXF serão utilizados para modulação de conteúdo e identificação de comunidades. Com o último formato mencionado é possível aferir as "*co-tags*", que são as *hashtags* que aparecem juntas nas *postagens*, bem como o conteúdo das *postagens*. Essa plataforma foi desenvolvida dentro do projeto de pesquisas de Métodos Digitais da Universidade de Amsterdam e é capaz de recuperar imagens relacionadas às *hashtags*, localização e nome de utilizadores, como informa o manual de uso do *software*²⁶.

A leitura dos dados do Instagram Scraper requer o auxílio de outros *softwares* para uma visualização e interpretação. O uso do *software* Gephi será requerido para a análise dos dados. Entre as limitações do Instagram Scraper, estão a captura de informações de *Lives* e a impossibilidade de estabelecer um período de pesquisa. Com alternativa, recorrer-se-á à pesquisa avançada do Google para verificar o conteúdo que foi criado e vinculado às *hashtags* depois da morte e a prisão dos primeiros acusados do assassinato de Marielle Franco. O Google nesse sentido vai ajudar a contextualizar os temas que circularam no Instagram.

²⁶ Disponível em: <https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/ToolInstagramScraper>

Outra forma de verificação de conteúdo é por meio do Perfil da *Hashtag* no Instagram. A #MarielleVive possui 69,114 *posts* e a #MariellePresente 238,786 *posts*, ambas verificadas no dia 17 de dezembro de 2019. Com o acompanhamento das *hashtags* na plataforma, é verificado o contexto da publicação por meio de texto, vídeo e imagem, os debates e assuntos que giram em torno das *tags*.

Vale ressaltar que a observação da *tag* e do conteúdo não será analisada de forma unitária, devido à quantidade de *posts* e o crescente número de informações que são agregadas a cada dia. As *tags* vinculadas as de Marielle serão estudadas no contexto do *ciberativismo* e discussão de temas políticos e sociais. As *hashtags* serão categorizadas por cores para melhor identificação das comunidades.

Capítulo V: Processamento Técnico de Dados e Identificação Temática

O primeiro passo para o processo de análise empírica constituiu-se em inserir no buscador do *software* Instagram Scraper as *hashtags*: #MariellePresente e #MarielleVive. O uso do símbolo gráfico (#) é facultativo para a pesquisa, como informa a plataforma. Ao iniciar a busca dos dados, foram gerados arquivos em formato CSV, GDF e JSON. A opção de diferentes formatos possibilita a leitura das informações através de diferentes plataformas. Para esta operação, o *software* Gephi foi utilizado para a decodificação do arquivo em formato GDF, na versão *Co-Tags*, que traz as *tags* associadas às *hashtags* centrais, neste caso, #MariellePresente e #MarielleVive.

Ao importar o arquivo GDF, o programa identificou 11.967 nodes ou nós, que são as *hashtags*, e 76034 *edges* ou arestas, que são as ligações entre os nós. O *software*, na janela de importação de dados, mostra a possibilidade de verificar a forma em que os nós e arestas estão conectados, oferecendo a visualização de maneira direta ou indireta. Na forma direta, o programa exibe somente o caminho estático, na qual a informação passa de um nó para outro.

Já a outra opção, a indireta, permite visualizar as conexões que uma comunidade faz com outras; ou seja, como uma *hashtag* envia e recebe informações de outras *tags*. Assim, para demonstrar a dinâmica e circulação de dados entre as *tags*, optei por escolher a forma indireta, identificando como os nós interagem uns com os outros.

Após importar e executar os dados, o programa apresenta um gráfico padrão sem qualquer tipo de formatação. Nesse primeiro momento não é possível aferir os nós e arestas. Dentro das funcionalidades estatísticas que dispõe a plataforma, acionei diferentes fórmulas de cálculo para verificar a rede e suas conexões por meio de parâmetros, por exemplo:

- “*average degree*”: que cria o peso e a relação de interação entre nós, baseando-se na quantidade de conexões. Essa funcionalidade é aplicada para visualizar “*in degree*” - o número de conexões que um nó recebe de outro nós -, ou no modelo “*out degree*” - que é o número de conexões que sai de um nó em direção a outro;
- “*avg. weighted degree*”: que se baseia no peso das arestas para, então, definir o peso dos nós;
- “*graph density*”: estabelece a conexão em que todos os grupos estão conectados;

- “*modularity*”: define os “*clusters*” ou comunidade consoante a força das conexões;
- “*network diameter*”: possibilita identificar a importância do nó e também suas conexões de entradas e saídas de informações. Esse dispositivo possibilita três formas de visualização, sendo “*betwenness centrality*” (evidencia o nó com mais frequência no caminho mais curto entre os nós), o “*closeness centrality*”, que quanto mais central for o nó mais próximo fica dos outros, e o “*eccentricity*”, que ilustra a o nó de partida até o nó mais distante.

O grafo (representação gráfica de uma rede) disponibilizado pelo Gephi é representado no formato quadrado e de cor preta, sem nenhuma configuração. Na aba “*partition*”, utilizo a opção “*modularity class*” para visualizar quais são os grupos de *hashtags* que o Instagram Scraper captou ao fazer o link com as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente. Ao acionar esta funcionalidade, verifico vários grupos, na qual faço a atribuição de diferentes cores para uma melhor leitura.

5.1 Visualização Expandida

As comunidades foram divididas de acordo com o número de elementos que as integram. O número total de comunidades identificado pelo Gephi foi de 7302. Contudo, seleciono os grupos de maior representatividade, que correspondem a 7. Dentre os *clusters* de maior expressão está o de cor roxa, com 3050 conexões, e a menor vermelha, com 112 elementos. As outras comunidades estão na escala de cor cinza, pois fazem menos de 100 interações.

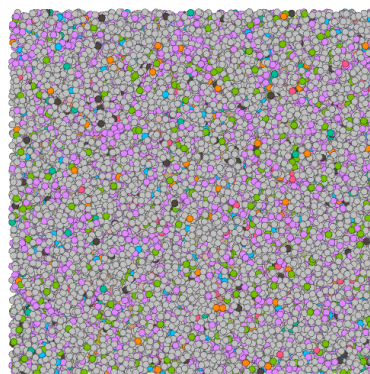


Figura 1 - Comunidades Identificadas por Cores e Relevância de Informação

Conforme é verificado na imagem acima, o emaranhado de informações possui ainda uma leitura confusa, entretanto, é possível distinguir as diferentes comunidades por meio dos pontos coloridos. Para ter uma maior amplitude de visualização, estabeleço um padrão para os nós, aumentando-os de acordo com sua força de interação. Esse mecanismo é exequível com a métrica “*eigenvector centrality*”, que mensura a importância do nó na rede conforme sua conexão com outros nós. Nessa funcionalidade, faço a atribuição do tamanho dos nós na forma de ranking, em que o mínimo mede 20 e o máximo 200.

Com os *clusters* identificados, escolho uma forma de *layout* para estabelecer as conexões. Utilizo a fórmula “*Force Atlas 2*”, com os botões de prevenção de sobreposição de nomes e de forte gravidade para manter a aproximação dos *clusters*. Ao aplicar a fórmula, parte das comunidades que possuem de 100 a um elemento, ficam fora do conglomerado de nós que tem mais importância. A média estabelecida para este filtro foi de até 100 *hashtags* por grupo.

Nesta etapa, trabalho nas redes sem os nomes das *hashtags* para melhor visualização. No campo “*preview*” do *software*, utilizo a cor de fundo preta para fazer contraste com as cores dos nós, como ilustra as imagens abaixo.

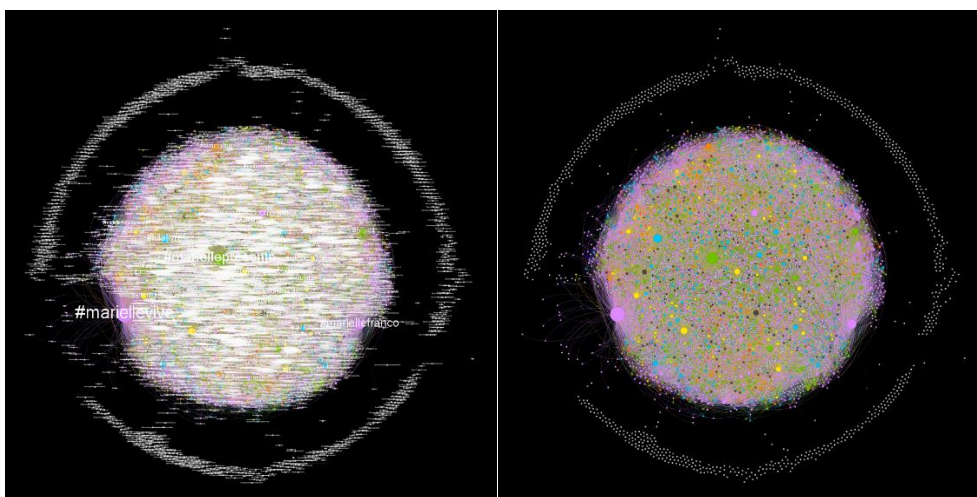


Figura 2 - Visualização dos *Clusters* Com e Sem os Nomes das *hashtags*

O círculo criado à volta da bola de nós no centro da imagem representa as outras *hashtags*, ilustradas pela cor cinza, que estão de certa forma vinculadas às #MariellePresente e #MarielleVive. Estas *tags* foram retiradas para apurar a informação central. Apesar de não terem tantas interações com outros nós, as *hashtags* ainda

continuam a ser uma informação válida para efeitos de contextualização dos assuntos que geram em torno das *hashtags* principais. Parte destas *tags* são relacionadas ao feminismo, movimento negro, LGBTQI+, e fortemente ligado à luta social, situação política e menções de políticos brasileiros, por exemplo: #rededefeminista, #psdbnucamais, #juizeco, #bolsonarolixo, #lulainocente, #mulheresnegrasempoderas, #literaturaqueer, #saúdenegra, #blackgirls, #sanguenegro, #somostodosnegros, #voltaquerida, #melicianosassasinosdemarielle, #deusémulher, #bissexual, #1anosemresposta, #petralhas, #feliciano, #zecadirceu, #representatividadeLGBT, #bolsonaroémeliciano, #diainternacionaldaconsciencianegra, #feministascontrabolsonaro, #vaiterdragsim, #laranja, entre outras.

Verifica-se também uma gama de *hashtags* que abordam temas diversos ligados à arte, literatura, lugares, artistas, religião, como: #designativista, #ceará, #novaioque, #ilustraçãodiária, #centrohistórico, #popefrancisco, #exposiçãodearte, #maranhãodomeucoração, #respeitaonordeste, #wagnermoura, #alcione, #gasolina, #40anosanistia, #artesobrearte, #modamasculina, #anglicanismo, #tbt, #streetart, #lisboaportugal, #mosaicart, #ilustratorsoninstagram, #artebsb, #praçadacinelandia, #lutecomoumabichapreta etc.

Nota-se também *tags* que não trazem tanto contexto para o caso específico, apesar de ser comum aos internautas utilizarem *hashtags* auxiliaadoras para melhorar o alcance e divulgação da publicação. Como defende Costa-Moura (2014), a viralização de uma *hashtag* têm a capacidade de reproduzir seu conteúdo de forma independente, possibilitando um fortalecimento e velocidade na divulgação do conteúdo.

Ainda na ideia da autora, as *hashtags* são banco de publicações que estão vinculadas às palavras-chaves e estão relacionadas com diversos assuntos, sendo o fator determinante da grafia o sentimento e intenção do utilizador, como: #marketingdigital, #heydj, #catlovers, #instabrasil, #4all, #brindesgratis, #aroundtheworld, #tododiatemqueserbom e mais.

Devido à quantidade de comunidades com menos de 100 *hashtags* no grafo, aplico o filtro “*topology*”, como o método “*degree range*”, que diminui o número de nós e arestas da rede. A partir dessa aplicação, a visualização das comunidades e interações passam a ser mais visíveis. Numa escala entre 0 e 2139, que o *software* dispõe, ajusto os valores da escala entre 248 e 2139.

As *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive ocupam o espaço de destaque no gráfico, pois são as *hashtags* centrais desta pesquisa e possuem mais interligações. Para entender como elas se conectam com outras *tags*, é possível verificar as informações na aba do Gephi, “*data visualization*”, na qual consta toda a tabela de dados organizada por *ID*, nome da *tag*, fonte e alvo.

Ao analisar a influência da *hashtag* #MarielleVive, verifica-se que a *tag* é alvo de 34 *hashtags*, ou seja, recebe informações de #mariellepresente, #marielle, #lulalivre, #elenao, #elenão, #elejamais, #euavisei, #forabolsonaro, #mariellefranco, #mariellefrancopresente, #brazil, #feminismo, #empoderamento, #bolsonaro, #justiça, #arte, #brasil, #elenunca, #direitoshumanos, #democracia, #esquerda, #lulainocente, #lulapresopolítico, #lula, #lgbt, #luta, #forabozo, #lulalivrejá, #cadeoqueiroz, #art, #feminista, #amor, #ditaduranuncamais e #empoderamentofeminino.

Entretanto, #MarielleVive como fonte emissora conecta-se com 16 *hashtags*: #VidasNegrasImportam, #pt, #QuemMandouMatarMarielle, #VazaJato, #QuemMatouMarielle, #repost, #QuemEstavaNaCasa58, #RioDeJaneiro, #PSol, #rj, #mulher, #resistencia, #PCdoB, #socialismo, #photography e #somosresistencia. Observa-se, contudo, que #MariellePresente envia informação a #MarielleVive, mas não recebe dados da *tag*. Essa diferença de um nó de interação a mais e um a menos faz com que a *hashtag* #MarielleVive seja representada no gráfico como a *tag* de maior destaque.

5.3 Ordem das Comunidades por Importância e Cor

Numa ordem hierárquica, o grupo identificado de cor roxa tem a maior taxa de conexões dentro da rede e possui 3050 *hashtags* no total. Mas, para uma melhor avaliação, o número de *tags* é diminuído no início do processamento de dados com o filtro “*dregree range*”. Com isso, a comunidade passa a ter 16 elementos, formada por: #MarielleVive, #RiodeJaneiro, #repost, #QuemMandouMatarMarielle, #MarielleFrancoPresente, #MarielleFranco, #luta, #justiça, #feminista, #EmpoderamentoFeminino, #empoderamento, #DitaduraNuncaMais, #DireitosHumanos, #arte, #art e #amor.

A segunda comunidade de maior interação está ilustrada na cor verde, com o montante de 462 *tags*. Com o filtro, permanecem as 9 *hashtags* principais, entre elas:

#MariellePresente, #QuemMatouMarielle, #marielle, #lgbt, #esquerda, #EleNunca, #brazil, #brasil e #QuemEstavanaCasa58.

Já a terceira classe de destaque é ilustrada na cor azul. Esta comunidade é formada por: #vazajato, #psol, #pcdob, #lulapresopolitico, #lulalivrejá, #lulalivre, #lulainocente, #lula, #forabozo e #cadeoqueiroz. O número total de *tags* neste grupo é de 375 *tags*, o que representa 3.61% da rede. A configuração estabelecida reduz a comunidade para o número de 10 *hashtags* de maior importância.

A quarta comunidade é constituída, em números gerais, por 219 elementos, correspondendo 1.83% da rede. O grupo retratado na cor rosa integra quatro *hashtags* de destaque: #resistencia, #democracia, #somosresistencia, #photography.

Em relação ao quinto agrupamento de *tags*, o *software* exibe as 3 principais na cor laranja, como: #feminismo, #mulher e #socialismo. Sem a aplicação do filtro, esta comunidade é composta por 127 elementos no total e, em uma escala percetual, ilustra 1.06% da rede.

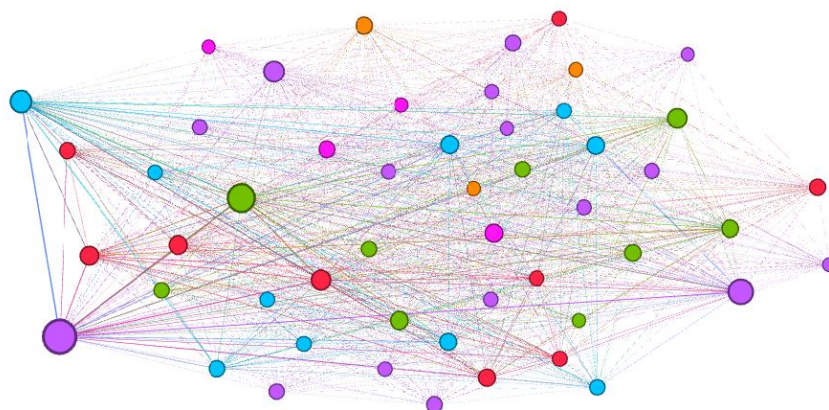


Figura 4 - Ilustração das Comunidades por Cores

No gráfico da Figura 4, verifica-se a ausência dos nós de cor amarela, que ocupa a sexta posição no grupo de *tags*, com 113 elementos, porém, com a configuração do cálculo de amostra por valor de importância, com a ferramenta “*eigenvector centrality*”, esse grupo não aparece no *grafo*. Ou seja, dentro deste *cluster* não há *hashtags* de grande força de interação.

Para efeitos de entendimento e visualização, desativo o filtro “*degree range*” para verificar no *grafo* e observar as *tags* que estão associadas ao grupo amarelo, ou seja, a

quantidade original de nós e arestas extraídas do Instagram Scraper. Assim, ao entrar no campo “*data laboratory*” do *software*, encontram-se algumas *hashtags* voltadas à educação, como: #ufrj, #sisu, #religião, #universidade, #unirio, #professor, #periferia, #pedagogia, #movimentossociais, #livros, #literaturarussa, #forasalles, #escolasempartido, #educação, #bolsonaroinimigodaeducação, #amoler e outras.

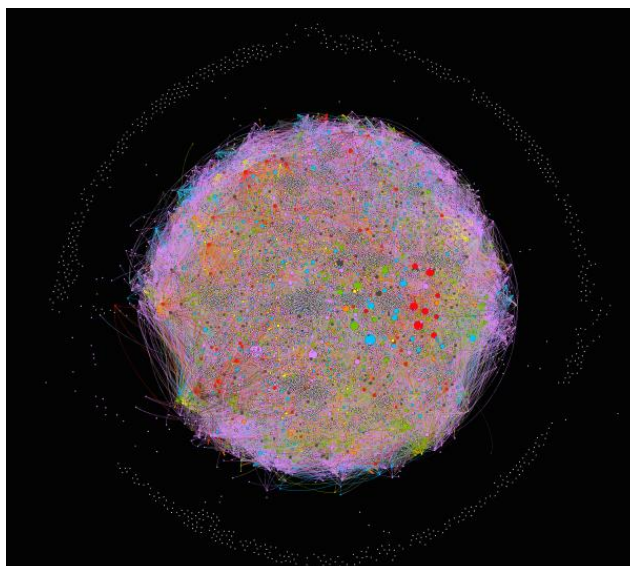


Figura 5 - Os Pequenos Pontos a Amarelo Representam a Sexta Comunidade com Mais Interações na Rede, mas sem *Tags* de Proeminência

Contudo, a comunidade vermelha possui menos *tags*, 112, mas tem maior relevância na rede, devido as suas conexões com os outros nós de destaque. Dentro do grupo vermelho estão as *hashtags* em evidência: #VidasNegrasImportam, #rj, #pt, #ForaBolsonaro, #EuAvisei, #EleNão, #EleNao, #EleJamais e #bolsonaro.

Esse mapeamento permite identificar as temáticas que se pretende investigar com a pesquisa. Essa constatação é aferida quando se percebe que palavras em conjunto com a cerquilha remetem a grupos sociais e interagem-se com as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente. Assim, é possível ver na rede de conexões assuntos ligados ao feminismo, LGBTQI+ e negros.

Pontos que remetem à arte também estão visíveis no *grafo*, o que reforça a participação de manifestações culturais e artistas no movimento Marielle. Apesar de não ser o foco central de avaliação, o surgimento de *tags* que abordam a questão política e de políticos do país, como Jair Bolsonaro, atual presidente, e Lula da Silva, ex-presidente, tem grande influência e importância, o que permite ser estudada.

No capítulo a seguir, poderá verificar-se a interpretação dos dados e a contextualização de assuntos associados as *hashtags*. A começar pelos grupos sociais LGBTQI+, mulheres e negros, ilustro a utilização das *hashtags* com acontecimentos em que os utilizadores empregam *hashtags*, em conjunto com as *hashtags* pesquisadas, como forma de promover o debate e o ativismo com campo virtual.

Capítulo VI: #Marielle: Análise das *Hashtags* no Contexto *Ciberativista* e a Representatividade dos Grupos Sociais

6.1 #Marielle: comunidade LGBTQI+

A relação entre o uso da *hashtag* #MarielleVive e #MariellePresente está atrelada com o *ciberativismo* da comunidade LGBTQI+ que é visto nas redes sociais, como demonstra o capítulo anterior. Dentro da rede de conexões que envolvem as *tags* de pesquisa, verifica-se a forte ligação entre as marcas digitais. Essa constatação é viável com a modulação do *software* para indicar as *tags* de proeminência. A *hashtag* #LGBTQ aparece no grafo dentro da comunidade de cor verde.

O *cluster* verde tem como integrante a #MariellePresente, o que explica a relação entre os temas classificados pelos utilizadores como assuntos de interesse LGBTQI+ seja associado à *tag*. Neste ponto, é possível defender a ideia de que a *hashtag* #MariellePresente é uma marca digital que representa a luta e as questões de interesse do grupo social.

Em um aspeto avaliativo, a *hashtag* #LGBTQ dentro da análise de rede tem a função de enviar dados e ter como alvo 24 *hashtags*, entre elas: #lula, #LulaLivre, #LulaLivreJá, #luta, #marielle, #MarielleFranco, #MarielleFrancoPresente, #MariellePresente, #MarielleVive, #mulher, #PCdoB, #photography, #Psol, #PT, #QuemEstavanaCasa58, #QuemMandouMartarMarielle, #QuemMatouMarielle, #repost, #resistencia, #RioDeJaneiro, #rj, #socialismo, #VazaJato e #VidasNegrasImportam.

Em contrapartida, a mesma *hashtag* recebe informações de #EleNão, #ForaBolsonaro, #arte, #esquerda, #democracia, #CadeoQueiroz, #EleNao, #ForaBozo, #EuAvisei, #EleNunca, #EleJamais, #brasil, #DireitosHumanos, #bolsonaro, #feminismo, #feminista, #amor, #brazil, #EmpoderamentoFeminino, #art, #DitaduraNuncaMais e #justiça. No total de 22 *tags* que têm como alvo a #LGBTQ.

Além da integração da #LGBTQ no *cluster* que está incluído a #MariellePresente, nota-se que essa palavra-chave, sigla da comunidade *gay* e outros, interatua com #MarielleVive, o que reforça o entendimento da utilização das *tags* estudadas como um símbolo virtual de uso *ciberativista*.

Esse contexto de *ciberativismo* baseia-se no entendimento de Becker e Gomes (2007) que explicam que os *internautas* lutam por seus interesses no *ciberespaço*,

tornando a Internet uma ferramenta para o processo democrático de liberdade de expressão, denúncias de violações de direitos e políticas públicas setorizadas.

Nesse sentido, Costa-Moura (2014) interpreta as *hashtags* como uma forma de expressão individual nas redes sociais com a grafia que expressa sentimentos como amor e ódio. Assim, a variação de *tag* com o nome da vereadora bissexual, como #MarielleFranco e #MarielleFrancoPresente, #Marielle, #luta, #resistencia, #QuemMandouMatarMarielle e #QuemMatouMarielle, mostra o engajamento virtual da população LGBTQI+ como uma ação coordenada em prol da apuração dos fatos e identificação dos envolvidos no caso de feminicídio. Esse entendimento pode ser interpretado quando os utilizadores associam a *hashtag* #luta para demonstrar o seu papel atuante no caso.

Averigua-se que a conexão da #LGBTQ com outras *tags* remete, sobretudo, a assuntos da política brasileira, no que tange a políticos, forma de governo e partidos políticos. A *tag* está vinculada às *hashtags* #PCdoB, #PT, #Psol e #socialismo, que são partidos de coligação e de ideologia de esquerda, o que demonstra o debate partidário.

A ligação das siglas de partidos políticos com a *hashtag* #LGBTQ alude a participação de parlamentares do PCdoB, PT e Psol no Congresso, no processo de instauração de uma comissão externa para acompanhar a investigação do assassinato de Marielle e saber: "Quem Matou Marielle? Quem Mandou Matar Marielle? E o porquê?". Na ocasião, o deputado e correligionário de Marielle Franco, Jean Wyllys, do Psol, era a pessoa responsável por articular e coordenar os trabalhos.

Em um vídeo publicado no Facebook, no dia 14 de setembro de 2018, Wyllys relata que Marielle era "o símbolo da resistência da mulher negra" e diz que o crime que ceifou a vida da política foi um atentado a todas as pessoas e posições políticas que Marielle representava. Na legenda do vídeo, o ativista *gay* usa as *hashtags* #MariellePresente e #AndersonPresente²⁷.

O caso de Jean Wyllys também chama à atenção para a violência e a insegurança de parlamentares integrantes de um grupo social que padece de direitos. Sem o fim trágico como o de Marielle, o ativista LGBTQI+ abandona a legislatura devido às ameaças de morte contra ele e sua família e exila-se na Europa. O vereador David Miranda, do mesmo partido, casado com o Jornalista Glenn Greenwald - que denunciou o conluio entre o

²⁷ Depoimento do ex-deputado do Psol, Jean Wyllys, em vídeo no Facebook. Acedido em:<<https://www.facebook.com/jean.wyllys/videos/265266467431076/?v=265266467431076>>

Ministério Público e o então juiz Sérgio Moro no caso do julgamento do ex-presidente Lula no caso do Triplex-, substituiu Jean Wyllys na legislatura.

O Uso da *Tag* como Protesto Contra Jair Bolsonaro

O acompanhamento das *tags* de militância LGBTQI+ em conjunto com as *hashtags* de homenagem à Marielle tem utilizações diferenciadas dentro do contexto do ativismo no mundo digital. Percebe-se que a entonação e o discurso das publicações são politizados e abordam questões de direitos humanos. A menção de Jair Bolsonaro dentro da análise é vista em diversas formas e ilustra o descontentamento com o político. As manifestações dos internautas podem ser entendidas como um reflexo das declarações polêmicas do político. Em diferentes ocasiões, Bolsonaro demonstra desrespeito à comunidade com os comentários homofóbicos.

Jair Bolsonaro quando era parlamentar na Câmara dos Deputados deu várias declarações em que demonstra seu preconceito com a comunidade LGBTQI+. O então presidente do Brasil em entrevista à Revista PlayBoy, em 2011, disse que seria incapaz de amar um filho homossexual e que, se tivesse, preferia o ente morto: “Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”. Na mesma entrevista, o político afirma que ter casais homoafetivos como vizinhos faz com que o imóvel seja desvalorizado. “Sim, desvaloriza! Se eles andarem de mão dada, derem beijinho, vai desvalorizar”²⁸.

As opiniões de Bolsonaro como agente público causa grande impacto e repercussão, provocando apoio ou repúdio da população. Em 2010, o político que integrava a Comissão de Direitos Humanos e Minorias na Câmara dos Deputados, disse que “o filho começa a ficar assim meio *gayzinho*, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?”²⁹. A declaração aconteceu em programa de televisão Estatal, TV Câmara, que debatia as questões do projeto de Lei que proíbi e pune os pais ao castigarem os filhos com agressões físicas. A Lei da Palmada ou Lei Menino Bernardo foi implementada em 2014.

²⁸ Jair Bolsonaro diz que prefere um filho morto do gay. Reportagem Portal Terra, acedido no dia 05/02/2020 em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> >

²⁹ Declaração de Bolsonaro pode ser vista em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JZtaYvzzeTQ>>

Em outra situação, Jair Bolsonaro ao ser entrevistado para um documentário da BBC, minissérie *Out there*, por Stephen Fry³⁰, que é assumidamente homossexual, afirma que “não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morrem em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro”. O político afirmou ainda que os brasileiros não gostam de homossexuais³¹. Em outra entrevista Jair Bolsonaro admite que é homofóbico e diz ter imunidade para poder dizer isso. O parlamentar comenta ainda que no Brasil não havia tanto homossexuais no passado e que o grupo quer ter mais privilégios do que os outros, pois as pessoas olham “torto” para os LGBTQI+³².

As *tags* que exprimem rejeição ao Bolsonaro, como ilustra a lista de *tags* que enviam dados à #lgbt, condizem com a realidade de violências motivadas por discriminação de orientação sexual e de gênero que ocorrem no país, como afirma a ONG Transgender Europe que o Brasil lidera o ranking de mortes violentas de transexuais.

Durante as eleições presidenciais, artistas e digital *influencers* homossexuais apoiaram Jair Bolsonaro na corrida eleitoral. Uma das celebridades *gays* que apoiou Bolsonaro nas eleições foi Evandro Santos, conhecido por Cristian Pior, apresentador de programa de televisão.

Num perfil ativista no Instagram, Seremos Resistência, a foto do artista ao lado de Jair Bolsonaro e companhia é contrastada com outra imagem do apresentador de TV, em que ele aparece com o rosto machucado, após ser vítima de um ataque homofóbico.

³⁰ 7Post do depoimento do ator britânico Stephen Fry no Twitter pode ser acedido em: <<https://twitter.com/twitter/statuses/104469762549111936>>

³¹ Reportagem da Revista Exame sobre a entrevista de Jair Bolsonaro à Stephen Fry pode ser acedia em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/a-documentario-da-bb-bolbrasileiro-nao-gosta-de-homossexual/>>

³² Entrevista em que Jair Bolsonaro diz ser homofóbico está disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=10&v=VpqsHe02uLE&feature=emb_title>



Figura 6 - Apresentador Cristian Pior é Vítima de Ataque Homofóbico. Página no Instagram Utiliza a Imagem do Artista para Chamar a Atenção à Violência Contra Pessoas da Comunidade LGBTQI+

Na publicação, a página enfatiza a discussão dos crimes de ódio que acontecem no país, bem como as ideias defendidas por Bolsonaro da “inexistência” de crimes homofóbicos no Brasil. Percebe-se que a intenção do *post* é mostrar que os mesmos que apoiara Bolsonaro e, conseqüentemente, suas ideias, hoje são vítimas de homofobia. Neste sentido, observa-se que os internautas fazem associação as causas de violência contra comunidade à Bolsonaro, tendo em vista os comentários feitos pelo político, como demonstrado acima.

O político, em outra situação, alude ao pensamento discriminatório da população brasileira na década de 1980, quando a doença HIV atingiu a comunidade *gay* e ficou conhecida como “*câncer gay*” (Daniel, 2018), devido a quantidade de mortes de homossexuais, inclusive, famosos que perderam a vida quando ainda não havia tratamento eficaz.

Em 2011, Jair Bolsonaro, em entrevista à Revista Playboy, diz que boa parte do contágio do vírus está associada à comunidade LGBTQI+ e que os casos de mulheres que contraem o vírus acontecem porque as mulheres casam com homens bissexual e o marido “leva para dentro de casa”. Em outro trecho, o político diz: **“o cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aidéticos. A maioria é por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente”**.



Figura 7 - Jair Bolsonaro Diz que Remédio para Tratamento do HIV Sai Caro para o Brasil

As falas de Bolsonaro foram ditas quando ele ainda era deputado federal, entretanto, já como presidente da República, Jair Bolsonaro volta a dizer que o custo do tratamento da doença é muito caro para o Brasil. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece o tratamento com antirretrovirais gratuitamente desde de 1996. A declaração de Bolsonaro foi dita durante o lançamento da campanha do governo, em fevereiro de 2020, para o combate da gravidez na adolescência por meio da abstinência sexual³³. O comentário do político repercutiu no Instagram, por exemplo, na página da Mídia Ninja, com as *tags* #ForaBolsonaro, #EleNão e #desrespeito. O *post* teve mais 80 mil curtidas e mais de 7 mil comentários.

Homenagem à Marielle nas Paradas de Orgulho LGBTQI+

A participação de pessoas públicas e ativistas LGBTQI+ fortalecem as ações de contexto ativista empregadas nas redes sociais. As mobilizações sociais que aconteceram nas ruas de grandes capitais do país em homenagem à Marielle acabam por refletir e influenciar o comportamento dos internautas no ciberespaço.

A exemplo disso, a maior parada do orgulho LGBTQI+, realizada em 2018, meses após a morte de Marielle, homenageou a política. O evento contou com a

³³ Reportagem do Portal R7 sobre campanha de abstinência sexual para a erradicação da gravidez na adolescência pode ser acessado em: <<https://noticias.r7.com/brasil/campanha-de-abstinencia-sexual-contra-gravidez-precoce-e-lancada-03022020>>

participação de 3 milhões de pessoas na Avenida Paulista, em junho de 2018, e teve o mesmo lema da edição de 2010: "Poder para LGBTQI+ Nosso Voto, Nossa Voz"³⁴.

Ao analisar página da *hashtag* #MarielleVive, identifica-se a publicação de um internauta que captura uma imagem de Marielle Franco estampada em uma bandeira *gay*.



Figura 8 - Marielle Franco Homenageada na Parada Gay de São Paulo em 2018 com mais de Três Milhões de Pessoas

Durante a passeata, a viúva de Marielle, Mônica Benício, subiu em um trio elétrico e discursou. No ato, Mônica enfatiza a importância do voto e representatividade da comunidade na política brasileira e relembra a luta de Marielle pelas causas das mulheres, negros, *gays* e pobres.

No dia anterior da Parada LGBTQI+ de São Paulo, Marielle também foi homenageada na 16ª Caminha de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo. O tema da passeata foi "Somos todos Marielle: contra a criminalização da pobreza, o genocídio e a intervenção militar". Monica Benício também esteve no evento com as ativistas.

O Legado Continua: viúva Mônica Benício

Outro fator que reproduz a vinculação de Marielle e as causas *gays* está na atuação ativista de Mônica Benício em atos políticos e a atuação nas redes sociais. Ao verificar o perfil do Instagram de Mônica, observa-se que na biografia ela se define como: "arquiteta,

³⁴ Reportagem do Jornal Folha de São Paulo sobre a Parada do Orgulho LGBTQI+ em São Paulo meses após a morte de Marielle Fraco. Acedido em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/parada-do-orgulho-lgbt-ocupa-a-paulista-com-festa-e-recado-politico.shtml>>

militante dos direitos humanos, ativista LGBTQI+, Mulher, Favelada, Feminista, Sapatão, Companheira de Marielle, 🗿 Mãe do Dox/Chico".

A visibilidade de Mônica, após a morte de sua companheira, fortalece o entendimento de que as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente ganham notoriedade quando são utilizadas em contexto ciberativista e em perfis de grande volume de seguidores. Mônica Benício tem mais de cem mil seguidores, o que permite que outros utilizadores acessem e repliquem o conteúdo. Ainda numa análise do perfil de Mônica, observa-se publicações que expressam saudade, luta por justiça, homenagens à Marielle e, também, *posts* que trazem discussões de interesse da comunidade LGBTQI+.

Um dos casos polêmicos que envolve o ativismo de Mônica Benício ocorre quando o prefeito do Rio de Janeiro e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella, decide retirar da Bienal do Livro da capital carioca, em setembro de 2019, ilustrações de dois homens a se beijar. Com uma decisão portada pela Justiça estadual, Crivella manda fiscais da Secretaria de Cultura recolher a revista gráfica "Vingadores, a cruzada das crianças", de Salvat, do evento, o que gera uma polêmica.



Figura 9 - Campanha Divulgada no Perfil de Mônica Benício em Resposta à Tentativa de Retirada de Livro LGBTQI+ da Bienal no Rio de Janeiro

Em uma publicação no *Microblog* Twitter³⁵, no dia 5 de setembro de 2019, Crivella escreve que "livros assim precisam estar em um plástico preto, lacrado, avisando o conteúdo". Ele ainda afirma na publicação: "Pessoal, precisamos proteger as nossas

³⁵ Twitter do Prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella sobre o livro em quadrinho que retrata o romance gay de super-heróis: <<https://twitter.com/mcrivella/status/1169752491178831873?lang=en>>

crianças. Por isso, determinamos que os organizadores da Bienal recolhessem os livros com conteúdos impróprios para menores. Não é correto que elas tenham acesso precoce a assuntos que não estão de acordo com suas idades".

Em resposta ao ato homofóbico e de censura artística, Mônica Benício compartilha no Instagram um vídeo de uma campanha criada pela revista Antro Positivo, "Liberdade na arte e na vida", e com críticas diretas a Crivella. Na descrição do *post* a ativista escreve: "[@mcrivella](#) tire seu ódio do caminho porque nós vamos passar com nosso amor...Feio é seu preconceito". A publicação aparece com as *hashtags* #repost, #censuranuncamais, #campanhaliberdade, #bienaldolivro, #antropositivo, #orgulholgbt, #loveislove, #amoréamor, #QuemMandouMatarMarielle. Mônica menciona as mesmas *tags* extraídas pelo Instagram Scraper.

O grupo que luta por direitos humanos, conhecido internacionalmente como Anistia Internacional, exerce grande influência no debate de temas ligados à comunidade LGBTQI+, outros grupos sociais e o assassinato de Marielle Franco. A página no Instagram com mais de 57 mil seguidores exibe fotos da Parada do Orgulho LGBTQI+ de São Paulo, em 2019, com promoção e divulgação de uma petição pública online para exigir uma apuração célere do caso.



Figura 10 - *Post* no Instagram da Anistia Internacional Brasil com a Bandeira LGBTQI+ na Parada do Orgulho em São Paulo em 2019 e Homenagem à Marielle Franco como Ativista

Na publicação, a entidade cita a distribuição de adesivos na forma do rosto de Marielle nas cores do arco-íris, cor da bandeira *gay*. A legenda da publicação relembra também a trajetória de Marielle Franco como defensora dos direitos humanos e acompanhado das *hashtags* #AtivismoSemFreio, #MariellePresente, #Orgulho2019,

#LoveWins, #LGBT entre outras. A participação da Anistia no processo de criação e divulgação de conteúdos no Instagram faz com que a página seja uma referência e banco de informações a serem replicadas em outros perfis ativistas.



Figura 11 - Anistia Produz Conteúdo em Homenagem à Marielle. Publicação é Replicada em Páginas Ativistas, o que Demonstra o Papel da Entidade no Processo de Viralização das *Hashtags*

A página “Seremos Resistência” compartilha a sequência de imagens com a imagem de Marielle e trajeto da vereadora na defesa dos direitos LGBTQI+, negros e pessoas em situação de desvantagem econômica. Na publicação, o uso das *hashtags* #MarielleVive, #MariellePresente e #QuemMandouMatarMarielle. Neste exemplo, verifica-se o uso das *hashtags* nas publicações de cunho ativista e, também, uma mensagem e pressão da sociedade para que medidas governamentais sejam tomadas para o combate das desigualdades no país.

As situações de ativismo e atos de movimentos sociais colaboram com a viralização dos conteúdos que estão relacionados com as lutas e a vereadora bissexual. Assim, entende-se que tanto as atuações no mundo virtual quanto no real exercem influência para a discussão de assuntos temáticos e de direitos humanos, o que permite o entendimento da *hashtag* como ferramenta para as ações *ciberativistas*.

O tema direitos humanos e o uso das *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente confirmam a relação de luta por igualdade e justiça social que Marielle estava empenhada. Em uma campanha *online* para juntar assinaturas para um projeto de lei que estabelece o dia 14 de março como o Dia Nacional das Defensoras de Direitos Humanos foi divulgado nas redes sociais.



Figura 12 - Mônica Pede que Internautas Apoiem o Projeto de Lei com a Assinatura de uma Petição *Online* para Criar o Dia Nacional das Defensoras dos Direitos Humanos no Dia 14 de março

No perfil da viúva de Marielle, Mônica, em vídeo, faz um apelo aos internautas para se juntem e apoiem à iniciativa, criando assim um dia de lembrança e memória das pessoas que morrem em decorrência do trabalho por uma sociedade com direitos e oportunidades igualitárias e liberdade do corpo e suas expressões. Na legenda da publicação, Mônica defende o projeto como uma forma de não deixar que mulheres sejam silenciadas e mortas por defenderem seu espaço na sociedade e também as lutas pelos grupos sociais de minorias. Na cidade do Rio de Janeiro, o dia 14 de março foi estabelecido como o “Dia Marielle Franco”, sancionado pelo então governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, como uma data a ser lembrada para o combate do genocídio das mulheres negras³⁶.

Nesse episódio de ativismo *online*, percebe-se a importância das plataformas digitais no processo de debate de temas ligados aos direitos básicos das comunidades que ainda sofrem com violações de seus direitos. Os internautas também utilizam as redes sociais para comemorar os avanços que protegem a comunidade LGBTQI+. A situação é representada no ciberespaço com a criação de imagens ilustrativas que remetem a luta da comunidade *gay* e outros, representada pela bandeira da comunidade, e texto de

³⁶ Governador do Rio de Janeiro sanciona dia de combate ao genocídio da mulher negra. A data recebe o nome de Marielle Franco. Reportagem do Portal G1 pode ser acedida em:< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/20/peza0-sanciona-a-criacao-do-dia-marielle-franco-contra-o-genocidio-da-mulher-negra.ghtml>>

aprovação à decisão do Supremo Tribunal Federal em equipar o crime de homofobia com o de racismo.

A decisão do Supremo em favor da comunidade LGBTQI+ é reagida nas redes sociais e páginas de grupos ativistas que produzem peças em diferentes formatos – vídeo, texto e imagens- e, com o grande número de seguidores, conseguem ter seus conteúdos compartilhados, gerando o engajamento dos internautas nos atos de ativismo no ambiente virtual, neste caso, as conquistas LGBTQI+, que eram um das causas que Marielle Franco defendia.



Figura 13 - Mônica Benício Compartilha Publicação da Mídia Ninja Sobre a Decisão do STF em Tipificar a Homofobia como Racismo

A Mídia Ninja possui em sua página um milhão e seiscentos mil seguidores e tem um papel importante no processo de viralização de conteúdos ligados aos direitos humanos. O caso Marielle é um assunto que é verificado no perfil em temas relacionados ao feminismo, racismo, periféricos e LGBTQI+. O coletivo ativista, com sedes em diferentes partes do Brasil e, também, no exterior, como em Lisboa, tem uma atividade online e poder de mobilização virtual, devido ao volume de informação que é discutido e publicado no perfil e também quanto ao número de seguidores, que compartilham o conteúdo.

O comportamento dos internautas de interagir com as páginas, por meio de republicações, são ilustradas em hashtags como é aferido no grafo de análise. A #repost faz conexões com a tag #LGBT e possibilita verificar e fazer o trajeto de onde parte as publicações ativistas. A página é pautada em assuntos de direitos humanos e política nacional e internacional.

6.2 #Marielle: a sororidade feminina

Os grupos feministas também têm uma influência no processo de adesão, produção e compartilhamento de conteúdo com o uso das *tags* #MarielleVive e #MariellePresente como marcas digitais vinculadas a assuntos de direitos humanos. A formação da rede de *tags* analisadas mostra o envolvimento da comunidade feminina nos protestos e atos de repúdio das violências que são cometidas na sociedade e no ambiente digital.

Ao decodificar e criar os grupos na rede com o foco em temas que remetem à luta feminista, aferiu-se a relação das *hashtags* #feminismo, #feminista, #mulher e #empoderamentofeminino com as *tags* de objeto deste estudo. As palavras-chaves apontam para um contexto de luta por direitos, apoio e suporte entre os membros e temas de interesse das mulheres.

A *hashtag* #feminismo atua na transmissão e recebimento de informações de outras palavras-chaves. Essa *hashtag*, como fonte, tem como alvo 31 *hashtags*, entre elas: #feminista, #ForaBolsonaro, #justiça, #lgbt, #lula, #LulaInocente, #LulaLivreJá, #LulaPresoPolítico, #luta, #MarielleFranco, #MarielleFrancoPresente, #MariellePresente, #MarielleVive, #mulher, #PCdoB, #photograpy, #Psol, #PT, #QuemMandouMatarMarielle, #QuemMatouMarielle, #resistencia, #RiodeJaneiro, #socialismo, #SomosResistencia, #VazaJato e #VidasNegrasImportam. O uso da palavra feminismo pode ser entendido como a ideologia que é defendida ou criticada pelos utilizadores.

Já a #feminista pode ser avaliada como o comportamento do internauta, o que mostra o comprometimento do utilizador com a causa. Essa *tag*, como emissora de informações, relaciona-se com 24 *tags*, por exemplo: #ForaBolsonaro, #ForaBozo, #justiça, #lgbt, #lula, #LulaLivre, #luta, #Marielle, #MarielleFranco, #MarielleFrancoPresente, #MariellePresente, #MarielleVive, #mulher, #PSol, #QuemMandouMatarMarielle, #QuemMatouMarielle, #repost, #resistencia, #RiodeJaneiro, #RJ, #VazaJato e #VidasNegrasImportam. Parte das *tags* alvos são as mesmas de conexões da #feminismo.

A *hashtag* #mulher remete às discussões voltadas ao grupo social, o que não necessariamente alude ao contexto ativista e pode ser compreendida como uma *tag* neutral, mas a associação com palavras-chaves modifica o entendimento. Numa hipótese, quando uma publicação possui a sequência das seguintes *tags*: #mulher, #beauty, #outfit,

#moda, #photografy. Nesse episódio, podemos avaliar as *hashtags* e entender que o conteúdo da imagem, frase ou vídeo está relacionado a produtos de vestiário feminino, por exemplo.

Contudo, a mesma *tag* em conjunto com outras, como #empoderamento, #resistencia e #MarielleFranco desenha a atividade ciberativista. No gráfico, a #mulher se conecta com 10 *hashtags*, como: #PCdoB, #PT, #QuemMandouMatarMarielle, #QuemMatouMarielle, #resistencia, #RioDeJaneiro, #socialismo, #SomosResistencia e #VidasNegrasImportam.

O uso da #EmpoderamentoFeminino exemplifica a vontade dos utilizadores de criar e suportar um ambiente *online* de apoio mútuo, na qual as mulheres discutem vários assuntos de políticas sociais. Percebe-se pela leitura da palavra-chave o intuito ativista da *tag* quando interligada com as *tags* de Marielle Franco e outras. Essa *hashtag* conecta-se com 23 *hashtags* dentro do gráfico analisado: #MarielleVive, #MariellePresente, #MarielleFranco, #feminismo, #resistencia, #feminista, #mulher, #somosresistencia, #esquerda, #justiça, #QuemMandouMatarMarielle, #VidasNegrasImportam, #MarielleFrancoPresente, #QuemMatouMarielle, #luta, #LulaLivre, #Marielle, #lgbt, #RioDeJaneiro, #repost, #lula, #LulaLivreJá e #ForaBolsonaro.

A forma através da qual os utilizadores se organizam nas plataformas digitais, criando um ambiente de acolhimento e interação por meio de elementos gráficos e de grafia, é capaz de indicar de forma contextualizada o assunto que é abordado, por exemplo, nas *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente. De acordo com Walther e Boyd (2002), esse processo de disseminação de conteúdo e suporte *online*, que é visto entre os grupos sociais, é uma ferramenta forte para aumentar o alcance da informação nas redes sociais.

Desta forma, analisa-se que os internautas buscam formas de escrita e outros símbolos visuais para expressarem seus sentimentos no ciberespaço, como é abordado no conceito de Comunicação Mediada por Computador. O argumento de Jones (1998) de que existe uma tendência de réplica dos acontecimentos quotidianos na sociedade no ambiente virtual converge com o que é encontrado nas páginas das *hashtags*.

Nos últimos anos, as mulheres passaram a ter mais visibilidade no âmbito de políticas públicas com a formulação de leis específicas que as asseguram com a proteção do Estado. Algumas medidas adotadas pelos três poderes da federação são criadas mediante o número de violações que a comunidade sofre. O caso de Maria da Penha é um exemplo. Ela foi agredida e quase morta pelo ex-marido.

À época, Maria da Penha recorreu ao auxílio da justiça. Anos depois, já marcada pelas violências que sofrera do ex-companheiro, Maria da Penha foi um dos casos que demonstravam a necessidade de medidas legais para a proteção das mulheres nos casos de violência doméstica. Ela foi homenageada ao ter seu nome como a lei que protege as mulheres de violência no âmbito físico, psicológico e financeiro. Maria da Penha torna-se assim um símbolo da resistência e a luta feminina por direitos.

Em 2015, o Congresso Nacional criou um enquadramento criminal para punir os acusados de assassinatos de mulheres, chamado de feminicídio. O crime de ódio, segundo a lei, estabelece penas mais duras aos agressores de crimes resultantes em morte.

O debate acerca das mortes e inferiorização social, que as mulheres brasileiras vivenciam ao longo dos anos, é representado de uma maneira digital com a criação de *hashtags* que remetem ao sentimento de motivação, empoderamento, força e união para serem as agentes protagonistas das mudanças e quebra de estereótipos.

Ao longo da história, como Simone de Beauvoir e outras, como elenca Miguel e Biroli (2014), o comportamento crítico de mulheres intelectuais e trabalhadoras tiveram grande influência no debate feminista, motivando as companheiras a se unirem para defender seu espaço social e exigir condições igualitárias.

Assim como as ativistas que desenvolveram seus trabalhos décadas atrás e perderam a vida em prol da causa, Marielle Franco entra no mesmo cenário daquelas que morreram em decorrência da luta por justiça social. A notícia da morte da vereadora aquece a discussão de assuntos de interesse ao grupo, criando uma sororidade feminina que interage no ciberespaço, tornado o caso Marielle também um ponto de convergência entre mobilizações sociais e *ciberativismo*.

Esse panorama é configurado dentro do gráfico de rede quando há uma interação entre as *tags* #feminismo, #feminista, #mulher, #empoderamentofeminino com as #MarielleVive e #MariellePresente. Os dados demonstram a conexão entre *tags* o que condiz com a adesão de mulheres no *ciberativismo* e na diligência para o fim da desigualdade de gênero, bem como a participação nas discussões que exigem punições dos envolvidos em crimes de misoginia.

É possível conferir que a relação entre feminismo e partidos políticos estão vinculados à esquerda, assim como visto no ativismo LGBTQI+, e expressada por meio de *hashtags*. A discussão polarizada em torno da política envolve, de uma forma ou outra, aqueles que concordam o não com as políticas públicas voltadas para as minorias sociais.

A escrita associada ao elemento cerquilha permite a noção de ativismo no contexto digital, com a análise de discurso das legendas das publicações, ao identificar pontos que se relacionam com o assunto.

Ao acessar os perfis das *tags* #MarielleVive e #MariellePresente no Instagram é possível identificar mensagens de apoio e incentivo pela união feminina no combate às violações contra o grupo. Essa assertiva é baseada com a interação e representatividade das *tags*: #justiça, #somosresistencia e #resistencia.

Dia Internacional da Mulher

Esse ambiente de irmandade no ciberespaço pode ser entendido também como um reflexo de acontecimentos de mobilizações sociais que ocorrem após a morte de Marielle Franco, por exemplo, nas marchas que aconteceram em todo o mundo no Dia Internacional da Mulher celebrado no dia 8 de março. Na ocasião, mulheres foram às ruas para protestarem e exigirem o fim da violência, assédio e a emancipação do corpo feminino entre outros temas.

No Brasil, Marielle Franco foi lembrada como uma das mulheres mártires da história que morram vítimas de um crime. O mistério que está à volta do assassinato da vereadora reforça o ativismo feminino online e aquece o debate virtual com o propósito de descobrir quem é o mandante do crime. A dúvida e vontade de punição dos responsáveis é refletido em *hashtag*: #QuemMandouMatarMarielle, #QuemMatouMarielle. Durante o dia em memória e celebração às mulheres, Marielle foi homenageada, em 2019, em diferentes lugares.

Movimento 8M, como ficou conhecido os protestos no mundo no dia 8 de março, foi impulsionado por várias internautas nas redes sociais, inclusive, por Mônica Benício. A viúva de Marielle utiliza as redes sociais para incentivar e aumentar o alcance de divulgação das passeatas. Vê-se novamente que o comportamento ativista de pessoas próximas à Marielle, neste caso, a familiar da vereadora, promove a mobilização ativista no ambiente *online* e também físico. O dia do movimento foi representado por meio de *hashtag* #8M, que reúne publicações que envolve feminismo e a luta das mulheres na sociedade contemporânea.

A exemplo, na capital Recife, as mulheres marcharam pelas ruas sob o *slogan*: "Marielles: Livres do Machismo, do Racismo e pela Previdência Pública". No Rio de Janeiro, as manifestantes também lembraram o caso e gritaram palavras de ordem que

aludem à outra *hashtag* viral em repúdio ao chefe do Poder Executivo federal, Jair Bolsonaro, "Ele Não". Movimentos sociais, como Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Central Sindical Popular (CSP), também participaram das marchas na capital fluminense.

A participação dos movimentos sindicais e sociais nos protestos e atos de luta por causas sociais permite fazer a ligação ao comprometimento desses grupos contra os casos de violações de direitos humanos. No caso de Marielle, essas entidades organizadas somam à busca por respostas e levanta, conseqüentemente, um dos debates que está à volta do caso: os direitos das mulheres. Existe uma tendência do engajamento de sindicatos em assuntos que atingem diretamente as minorias sociais.

Essa participação organizada dos movimentos sociais em demonstrações públicas indica a proximidade das políticas e ideologias defendidas por Marielle, que é associada aos grupos no qual ela representava: mulher, LGBTQI+, negros e pobres.

A adesão dos movimentos converge com a explicação de Aber et al. (2018) ao afirmar que as relações sociais são formadas entre coletivos e indivíduos com a intenção de criar uma reivindicação para que chegue ao Estado como uma forma de pressionar e exibir uma mudança e atitude dos órgãos competentes. No caso da pesquisa, a participação dos coletivos e movimentos representam o anseio e luta por justiça por Marielle e Anderson, assassinados na saída de um evento feminista no Rio de Janeiro.

Em São Paulo, os manifestantes se reuniram na Praça da Sé e pediram o fim da desigualdade de gênero e o combate à violência contra as mulheres. Estiveram no ato 55 grupos ativistas. A capital baiana registou homenagens à Marielle e, no estado do Ceará, a vereadora e a mulher trans Dandara, 42 anos, espancada até a morte por um grupo de homens, foram pauta da passeata. O vídeo do assassinato de Dandara foi publicado no Facebook³⁷.

Na passeata em Berlim, na Alemanha, os cidadãos assim como os brasileiros expressaram o sentimento de injustiça e revolta ao se referirem à Marielle. No ato, as ativistas lembraram os casos de violência física e sexual que acontecem todos os dias no Brasil³⁸.

³⁷ Reportagem Portal UOL sobre manifestações no Dia Internacional da Mulher, 8 de março. Acedido no dia 02/02/2020 em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/03/08/atos-em-todo-o-brasil-lembram-marielle-no-dia-internacional-da-mulher.htm>>

³⁸ Reportagem Portal UOL sobre o ato em Berlim, acedido no dia 02/02/2020 em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/deutsche-welle/2019/03/08/marielle-e-lembrada-em-marcha-das-mulheres-em-berlim.htm>>

As participações de pessoas nos protestos registrados no Dia da Mulher foram publicadas nas redes sociais. A página Brasil de Fato no Instagram, portal de notícias, exibe cartazes em homenagens à Marielle e com os questionamentos: "Quem mandou matar Marielle?". Os *post* são acompanhados de #MarielleVive e #Marielle Presente. Pode-se entender que a figura de Marielle, como mulher e agente política do Estado, permite uma empatia das mulheres e reforça o papel de militância da vereadora, servindo de impulso para a luta das mulheres por igualdade e direitos.



Figura 14 - Protestos no Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 2019, em Recife, Mostra o Engajamento Feminino no Caso Marielle Franco

Ao tomar esta publicação como exemplo, verifica-se o caráter ativista tanto na imagem, que carrega o questionamento dos agentes executores do crime, quanto nas *hashtags*: #PelaVidaEPorDireitos e #MulheresUnidasContraBolsonaro. A menção do nome Jair Bolsonaro estar relacionada com Marielle é verificada várias vezes no âmbito do debate ativista feminino.

As *hashtags* #ForaBolsonaro e #ForaBozo remetem às declarações polêmicas de Jair Bolsonaro, que durante sua carreira pública fez comentários que motivou a manifestação dos internautas contra ele. Em um dos episódios, o político em uma discussão com a deputada Maria do Rosário, do Partido dos Trabalhadores, em 2003, disse que não a estupraria, porque ela não merecia: “Eu jamais ia estuprar você porque você não merece”.

No vídeo que está acessível no Youtube, o deputado argumenta a ostensiva como uma reação a ser chamado de estuprador por Maria do Rosário. Na ocasião, Jair Bolsonaro chega a empurrar a deputada que chama os seguranças³⁹. O deputado voltou a fazer a mesma afirmação na tribuna da Câmara dos Deputados em 2014.

Noutra situação, Jair Bolsonaro diz em um programa de televisão, SuperPop, em 2016, que “não empregaria” homens e mulheres com o mesmo salário. Ainda no mesmo programa, o político faz outros comentários que inferiorizam as mulheres⁴⁰. Anos antes, em 2014, em outra entrevista à veículos de comunicação, jornal Zero Hora, o então deputado disse que as mulheres deveriam receber menos, pois engravidam. Durante a campanha eleitoral, já como candidato à presidência, o parlamentar nega a declaração durante a sabatina dos candidatos no Jornal Nacional, da TV Globo.

Apesar de negar qualquer tipo de preconceito contras as mulheres, Bolsonaro, como candidato à Presidência, afirmou durante um evento no Clube Hebraico, no Rio de Janeiro em 2017, ter 4 filhos homens e a quinta, uma menina, foi em decorrência de uma “fraquejada” – termo foi utilizado em contexto de desempenho sexual: “Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher”⁴¹. As declarações do político logo repercutiram na imprensa e redes sociais, gerando a revolta do público feminino.

O despreço de parte das mulheres brasileiras e a indignação pelos comentários misóginos fizeram com que elas se organizassem em uma campanha contra o político durante as eleições de 2018. Um grupo de mulheres reunidas em uma página no Facebook criou um dos movimentos mais falados durante o período pré e pós-eleitoral no Brasil.

A página intitulada como “Mulheres unidas contra Bolsonaro”, que reúne cerca de três milhões de pessoas na rede social, endossou mensagens contra o político Jair Bolsonaro durante a corrida eleitoral. Conhecidas por *postagens* de apoio e luta pela igualdade de gênero, raça e orientação sexual, os membros do grupo criaram a #EleNao, fenómeno que ganhou notoriedade mundial após terem tido a página “*hackeada*” em setembro de 2018.

³⁹ Vídeo da discussão entre Jair Bolsonaro e Maria do Rosário pode ser acedido em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yRV98Im5zRs>>

⁴⁰ Entrevista de Jair Bolsonaro no programa Super Pop com a apresentadora Luciana Ximenes pode ser acedido em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AGd2h464Hvo>>

⁴¹ Notícia sobre o comentário de Bolsonaro pode ser acedido em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/>>

A tentativa de silenciar o grupo “Mulheres Unidas contra Bolsonaro” nas redes sociais, com o ataque *cibernético*, teve efeito contrário. A *hashtag* #EleNão no Twitter, de acordo com um levantamento da Fundação Getúlio Vargas⁴², mostrou que no dia 17 de setembro, dias após o roubo da página, foi usada de forma recorrente contra Jair Bolsonaro. Na pesquisa, a #EleNão foi utilizada 193,4 mil vezes e a #EleNunca outras 152 mil em todo o Brasil. O levantamento da fundação também mostra que a *hashtag* foi associada a críticas à Bolsonaro em temas ligados ao machismo, misoginia e homofobia.

O Dia Internacional da Mulher em 2019 rendeu críticas também ao deputado Rodrigo Amorim, do mesmo partido político que Jair Bolsonaro, o PSL. Em uma publicação no Facebook, o deputado faz uma homenagem ao dia das mulheres e destaca que 40% da equipe de funcionários dele é composta pelo sexo feminino. Na rede social, o parlamentar do Rio de Janeiro afirma que a data celebrativa “caiu em marasmo” devido ao “esquerdismo”, termo associado às ideologias de políticas progressistas.

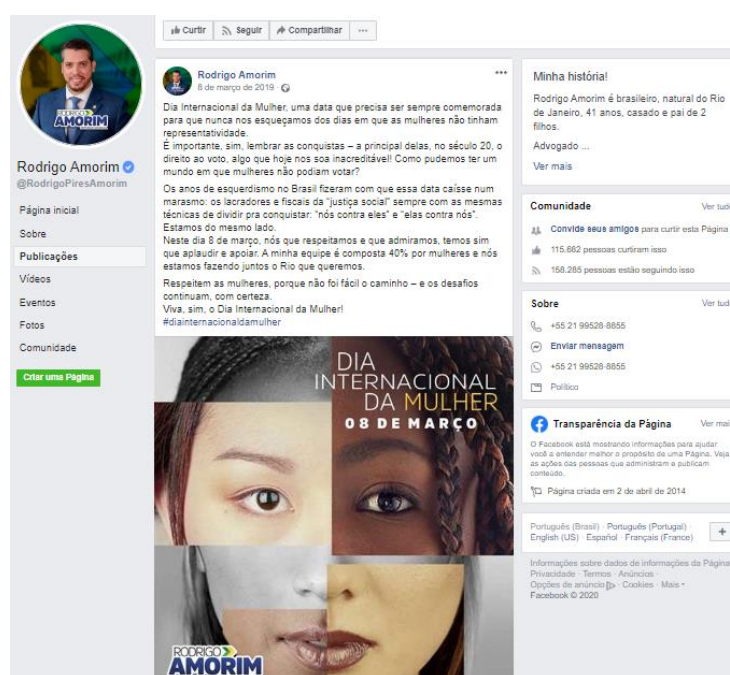


Figura 15 - Publicação do Deputado que Quebrou a Placa em Homenagem à Marielle Durante as Eleições de 2018. Ele é Criticado por Internautas ao Fazer um *Post* no Dia Internacional da Mulher

⁴² Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas, no Brasil, monitora temas relacionados à política entre outros temas nas redes sociais. Acedido em :< <http://dapp.fgv.br/robosredes-sociais-e-politica-no-brasil/>>.

As críticas ao deputado na Internet acontecem porque quando ainda era candidato à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Amorim retirou e quebrou uma placa não-oficial em homenagem à Marielle, que foi colocada sobre a placa que indica o nome da Praça Floriano, onde está a Câmara de Vereadores. Um dia após a retirada da placa, o então candidato sob ao palanque eleitoral, em Petrópolis, ao lado do candidato à deputado Federal Daniel Siqueira, também correligionário de Jair Bolsonaro, exhibe a placa partida ao meio. As reações dos internautas surgem na publicação do deputado como um protesto, tendo em vista o ato de desprezo pelo caso de feminicídio.

Entre os comentários dos *posts*, identificam-se pessoas que concordam com a atitude do político e outros que a condenava. Os utilizadores escreveram: “Não respeita a memória de uma, você não respeita nenhuma de nós! NUNCA ESTAREMOS DO MESMO LADO #Mariellepresente”, “Um homem que ironiza a execução de uma de nós, agora celebra o nosso dia. Não, meu querido, não estamos do mesmo lado. #Mariellevive” e “Guarde suas meia dúzias de palavras bonitas pra vc! Suas atitudes não condizem com o texto. Mariele Presente, sem homenagens falsas”.

Esse cenário demonstra a vinculação direta e o contexto ativista em que o caso Marielle é tratado pelos utilizadores. A resposta dos internautas com críticas ao deputado repercute o assassinato, incentiva o ativismo feminino e cria um padrão digital ativista, que é representado pelas *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente, como ilustram as mensagens acima.

A reação dos internautas ao comportamento dos partidários provocou a mobilização e atuação dos ativistas que consideram Marielle um símbolo de luta pelos direitos das mulheres. Em diferentes partes do Brasil, as pessoas se organizaram em atos em repúdio a atitude dos políticos e ergueram as placas em protestos nas ruas.



Figura 16 - Placa em Homenagem à Marielle Destruída por Candidatos do Partido PSL Gera Manifestações e Peças Ilustrativas nas Redes Sociais

O perfil “Design Ativista”, uma galeria digital, compartilha criações artísticas de *designers* que ilustram os debates nos movimentos ativistas. Neste episódio, o perfil publica uma imagem da placa reconstruída com a mensagem: “Vive Marielle Franco; Ninguém vai nos calar”. Na legenda, o grupo atribui aos créditos à artista com a mensagem: “Marielle vive dentro da gente. Vamos lutar com ela e por ela”. O simbolismo da placa no ciberespaço demonstra a repercussão dos assuntos que envolvem a vereadora, bem como a grande visibilidade nas redes sociais por meio da criação de conteúdo artístico e ativista.

Mulheres na Política

As *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente também têm a função de promover o debate sobre a comunidade feminina na política. O uso das *hashtags* reforça o caráter de manifestação e incentivo para as candidaturas femininas. Nas páginas das *tags* no Instagram, constata-se vídeos e mensagens de apoio às mulheres nas corridas eleitorais no país.

No banco de publicações associadas às *tags*, verifica-se que os *ciberativistas* replicam o conteúdo de artistas ou pessoas que abordam a questão das mulheres na política. Em um vídeo, a atriz e embaixadora nacional da ONU Mulheres, Camila Pitanga, com mais de 2 milhões de seguidores no Instagram, apoia a candidatura da chapa coletiva das mulheres do Movimento Trabalhadores Sem Terra (MTST), - pessoas que lutam pela reforma agrária e o direito à moradia previsto na Carta Magna -, nas próximas eleições para a Câmara de São Paulo. A relação afetiva que permeia o caso Marielle cria um laço com ações ativistas, como a do MTST, em batizar uma ocupação com o de Marielle Franco, na capital Recife.

No vídeo, Camila Pitanga diz que as mulheres têm de ocupar os espaços públicos e, principalmente, as entidades de poder em que são debatidas e tomadas as decisões que impactam a vida das mulheres. Ainda de acordo com a embaixadora da ONU Mulheres no Brasil, a participação das mulheres sem-teto trará visibilidade e atenção para as pautas que as comunidades carentes e movimentos sociais reivindicam por mudanças e assistência.



Figura 17 - Atriz e Embaixadora da ONU Mulher no Brasil, Camila Pitanga, Apoia a Candidatura da Chapa Coletiva de Mulheres para a Câmara Legislativa de São Paulo. O Vídeo foi Republicado e Associado às *Tags* Marielles

O *post* de Camila Pitanga foi publicado em uma página ativista, “É tempo de resistência”, com a sequência de várias *hashtags* que demonstram o contexto ativista, entre elas as de homenagem à Marielle (#MarielleVive), de apoio político (#LulaLivre, #HaddadPresidente), ligadas o movimento negro (#VidasNegrasImportam) e de ojeriza à Jair Bolsonaro (#EleNão, #EleJamais, #EleNunca).

A luta das mulheres pelo espaço na política brasileira ainda é algo que está distante de chegar aos níveis representativos dos homens nas câmaras legislativas do país. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral, apesar de as mulheres serem maioria no país, cerca de 77 milhões de eleitoras do total de 147.5 milhões de eleitores, somente 31.6%, 9.204 mulheres concorreram às eleições gerais em 2018.

Na Câmara dos Deputados, no mesmo ano, 77 mulheres assumiram o cargo de deputadas. Já em 2014, o número foi de 51. A participação nas assembleias legislativas também cresceu de 114 mulheres, em 2014, para 161, em 2018. No entanto, o número de senadoras da República permanece o mesmo desde 2010, 7 mulheres, o que representa 13% dos parlamentares.

Os números crescentes de candidatas mulheres e, conseqüentemente, eleitas também ocorrem em decorrência de uma série de medidas adotadas pelo tribunal, que impõe regras aos partidos políticos ao exigir uma cota para as candidaturas femininas, bem como um percentual financeiro para suportar as campanhas.

A morte de Marielle Franco, depois de 14 meses de assumir o mandato de vereadora, incentivou que mulheres negras se candidatarem e continuar o trabalho que a parlamentar desenvolvia. Após o feminicídio, quatro amigas de Marielle resolveram

defender o legado de Marielle e enfrentar as urnas. Foram eleitas para a Câmara Legislativa do Rio de Janeiro as 3 ex-assessoras de Marielle: Renata Souza, Mônica Francisco e Dani Monteiro. Para a Câmara dos Deputados quem assumiu uma posição foi Talíria Petrone. Todas eram correligionárias de Marielle, do PSOL. Em um post publicado no Twitter, a deputada Talíria diz que as amigas, deputadas estaduais, são “sementes” do legado da vereadora assassinada⁴³.

Nota-se o impacto e importância de Marielle para as candidaturas femininas. Apesar de a situação motivadora tenha sido trágica, esse cenário indica a vontade de mudança nas políticas públicas para as mulheres e esse sentimento é explicitado nas redes sociais, que interagem diretamente com seus eleitores. Assim, as *hashtags* de homenagem à Marielle ganham um caráter político-ativista.

#Marielle e #Malala: vivas e presentes

O envolvimento político de Marielle na luta pela igualdade remete também ao caso da ativista paquistanesa, Malala Yousafzai, que foi atacada aos 15 anos de idade pelo grupo terrorista Talibã. A feminista foi baleada na cabeça ao sair da escola por defender a oportunidade de educação às mulheres em seu país. Malala sobreviveu ao golpe e tornou-se símbolo da luta das mulheres em países de políticas e comportamentos misóginos. Em 2014, ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

A história das duas ativistas, uma viva e presente no mundo real e a outra nos espaços digitais e públicos, solidifica a participação de agentes e grupos ativistas no processo viral que se verifica com as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente.

Malala, em turnê pelo Brasil em julho de 2018, passou por várias cidades brasileiras, mas foi no Rio de Janeiro na Comunidade Tavares Bastos que ela deixou marcada sua admiração pelo legado da vereadora executada brutalmente. A ativista visitou um grupo de mulheres que desenvolvem desenhos de arte urbana com a pintura de muros em referência às causas femininas.

Na ocasião, a ativista paquistanesa pinta o rosto de Marielle em mural e relata a visita em sua conta no Twitter. O rosto de Malala integra o mural de rostos pintados juntamente com o de Marielle Franco e Maria da Penha, que foi vítima de violência

⁴³ Publicação da Deputada Talíria em que menciona os nomes das correligionárias do partido que venceram a eleições para as câmaras municipais e estaduais.

doméstica e teve uma lei federal batizado com seu nome. O evento foi transmitido em *live* no Instagram do grupo de mulheres *grafiteiras*, Rede Nami⁴⁴.

6.3 #Marielle: movimento da população negra

A abordagem dos utilizadores nas plataformas digitais no contexto do *ciberativismo* negro tem uma relação direta com o caso Marielle. A vereadora que pertenciam ao grupo social tinha como pauta as causas da comunidade que sofre com graves violações de direitos humanos e serviços básicos. Marielle Franco era engajada no combate dos problemas que está cercada a população negra no Brasil, como o racismo, o assédio, a desigualdade social, a violência policial e o genocídio dos jovens negros. Nesse sentido, vale ressaltar os índices que contextualizam a desigualdade no Brasil e como se relaciona com ativismo nas redes sociais por meio das *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente.

Condições Sanitárias

Os casos de desigualdade entre brancos e negros ainda são elevados no país. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019 ⁴⁵, o número de famílias brasileiras que vivem sem ao menos um serviço de saneamento básico está mais presente na comunidade negra. De acordo com o órgão, a reincidência deste tipo de situação é três vezes mais recorrente entre os negros do que entre os brancos. Em 2018, cerca de 69,4 milhões de pessoas negras foram atingidas por algum tipo de desserviço sanitário, já o retrato da situação entre os brancos é diminuído para menos da metade, com 25,01 milhões de pessoas brancas afetadas.

No ano de 2019, como informou o IBGE, foi registrado a falta de recolha de lixo nas residências onde habitavam pessoas negras, 12,5% contra 6% do registro nas casas onde viviam as pessoas brancas. Com relação a inexistência de abastecimento de água, aproximadamente 17% da situação foi aferida entre a população negra, contudo, entre os brancos, o índice foi de 11,5%. A ausência de uma rede de esgoto sanitário, por recolha

⁴⁴ Stories da visita de Malala pode ser acessado no Instagram do grupo de mulheres da Rede Nami em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17882347990246262/>>

⁴⁵ Dados divulgados pelos IBGE sobre as desigualdades no Brasil. O conteúdo pode ser acessado em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>

ou pluvial, teve o registo de 42,8% na população negra em contraste com 26,5% da população branca.

Ainda segundo o IBGE, a falta de acesso aos serviços básicos conferidos e de obrigação do Estado, faz com que os negros e pardos estejam em situações de vulnerabilidade. De acordo com o instituto, a comunidade negra está exposta a mais doenças do que os brancos, devido as condições sanitárias e de marginalização.

Violências e População Carcerária

Além do acesso a serviços básicos sanitários, o índice de violência e mortes à comunidade negra também ilustra a situação de fragilidade dos negros no Brasil. De acordo com os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2019⁴⁶, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 75 são negras. Entre o 2007 e 2017, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes foi de 43,1% de negros e 16% não negros. Segundo informações do relatório, a população jovem negra tem 2,7 mais chances de sofrerem violências letais do que os brancos.

O relatório revela ainda que entre 2017 e 2018, 75,4% das vítimas fatais em decorrência da intervenção policial eram pessoas negras. Os casos de mortes violentas de mulheres, em 2017, tiveram maior incidência na comunidade afrodescendente, 66% eram mulheres negras. Entre 2017 e 2018, 61% dos casos de feminicídio foram registados entre as mulheres negras e, durante o período de 2007 e 2017, houve um crescimento nos casos de mortes de mulheres negras, 29,9%, contra, 4,5% %, de mulheres não negras.

Os casos de violência sexual também entram na lista dos problemas sociais da comunidade negra. Cerca de 51% dos casos de estupro, entre 2017 e 2018, teve como vítimas as mulheres negras. Apesar de elas serem mais assediadas e agredidas nas ruas, - assédio: 41% negras, 36,7% pardas e 34, 9% brancas; agressões na rua: 32% negras e 23% brancas -, a busca por assistência e proteção é menor entre as mulheres negras; somente 21% das negras procuram ajuda do Estado contra 25% dos casos de registos de mulheres brancas, como demonstra o relatório.

A população carcerária no Brasil também é composta por mais negros do que brancos. Segundo levantamento do Ministério da Justiça, 61% dos detidos no país eram

⁴⁶ Infográfico do Fórum Brasileiro de Políticas Públicas de 2019 pode ser acedido em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/11/infografico-consistencia-negra-2019-FINAL_site.pdf>

pretos e pardos em junho de 2017, e os brancos, 34,38% dos reclusos. Ainda em conformidade com as informações, a maior parte dos detidos eram jovens negros e com baixa escolaridade, tendo maior incidência os crimes de roubo e tráfico de drogas⁴⁷.

Educação

Ao longo dos anos os negros têm tido mais acesso à educação, mas ainda continua em desvantagem se comparados com os brancos. Segundo os dados do IBGE, diminui o índice de analfabetismo nos últimos anos entre os pretos e pardos a partir dos 15 anos de idade. Em 2016, a taxa era de 9,8% e caiu para 9,1% em 2018. Contudo, o percentual ainda é muito alto comparado com os 3,9% de pessoas brancas analfabetas. O governo estabeleceu uma meta para acabar com o analfabetismo até 2024, como prevê o Plano Nacional de Educação.

Em contrapartida, são registados avanços no acesso à educação superior, de acordo com o levantamento do instituto. Pela primeira vez, os negros são maioria nas universidades públicas do país, com índice de 50,3% dos alunos negros. O número de negros a estudar também teve um aumento, passando de 50,5% em 2016 para 55,6% em 2018. O índice dos estudantes brancos foi de 78,8%.

Trabalho e Renda

Essa discrepância de homicídio entre as raças e acesso a serviços básicos mostra a situação de vulnerabilidade do grupo, que muitas vezes também tem menos oportunidades no mercado de trabalho do que as pessoas brancas. Com base na pesquisa do IBGE de 2019, sobre Desigualdade Sociais por Cor ou Raça no Brasil, o número de pessoas desempregadas foi maior entre os negros e pardos, com uma taxa de 64,2% da população em 2018.

A informalidade nas atividades remunerativas também afeta a qualidade das pessoas negras, principalmente, no que tange à garantia dos direitos trabalhistas. Segundo o instituto, foi registado o índice de 47,3% das pessoas pretas e pardas no mercado de trabalho informal. O percentual entre branco foi menor: 34,6%.

Consequentemente, com a informalidade no mercado de trabalho e o desemprego, outros problemas vem associados, por exemplo, a distribuição de renda. Segundo o

⁴⁷ Levantamento do Ministério da Justiça de 2014 sobre a composição da população carcerária pode ser acedido em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>>

instituto de pesquisa, o rendimento médio domiciliar de pretos e pardos foi de R\$ 934 em 2018, em comparação com os brancos, o valor é quase que o dobro, uma média de R\$ 1846, por domicílio.

Os índices de pobreza e extrema pobreza no Brasil ainda permanece em destaque na população negra. De acordo como IBGE, em 2018, 32,9% dos pretos e pardos viviam com menos de US\$ 5,50 por dia – valor médio adotado pelo Banco Mundial para indicar o nível de pobreza em países emergentes, como o Brasil. O percentual era de 15,4% entre os brancos. Com relação à extrema pobreza, - pessoas que vivem com menos de US\$ 1,90 por dia-, a taxa foi de 8,8% na população negra e 3,6% entre os brancos.

Representatividade nos Poderes

O instituto de pesquisa, no mesmo informativo sobre as desigualdades, aponta para o baixo índice de representantes nos órgãos dos poderes do Estado na comunidade negra. A começar pelo poder Legislativo, somente 24,4% dos deputados federais e 28,9% dos deputados estaduais, eleitos em 2018, são negros. A níveis municipais, as casas legislativas possuem o percentual de 42,1% de vereadores negros eleitos em 2016.

Contudo, não foi registrada somente a discrepância de ocupação de cargos legislativos, como aponta dados do Conselho Nacional de Justiça de 2014⁴⁸. De acordo com o órgão, em 2013, 1,4% dos magistrados que integravam os juizados eram pretos e 14,2% pardos. O número é exorbitante quando aferido entre a comunidade branca, 83,8%.

A discrepância é ainda maior nos Tribunais Superiores: Superior Tribunal de Justiça (STJ), Supremo Tribunal Federal (STF), Tribunal Superior do Trabalho (TST), Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Superior Tribunal Militar (STM), com a marca de 1,3% dos que declaram negros e 7,6% dos pardos. Na história do país, somente um ministro negro integrou o colegiado no STF, como o ministro Joaquim Barbosa, a indicação do ex-presidente Lula da Silva, em 2003.

O primeiro negro a chegar ao título de ministro foi o Dr. Carlos Alberto Reis de Paula, em 1998, no TST. Em seguida, o dr. Joaquim Barbosa, no STF. Em 2006, o Dr. Horácio Raymundo de Senna Pires assume uma posição no TST, e por fim, o dr. Benedito Gonçalves, em 2008. As mulheres negras ainda ficam fora do rol de ministros dos

⁴⁸ Dados sobre a desigualdade na ocupação de cargos no Poder Judiciários pode ser acedido em: <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/a-desigualdade-racial-no-judiciario-brasileiro/>>

Superiores Tribunais. O Conselho Nacional de Justiça estabeleceu uma regra que reserva parte das vagas dos concursos do Judiciário aos negros.

O Ativismo Negro Expressado em *Hashtag*

Diante desta realidade de desigualdade no país, Marielle Franco colocava-se à frente e denunciava os casos de violações contra jovens negros, bem como os abusos institucionalizados cometidos contra a população negra. Consequentemente, por querer uma mudança na realidade da população negra, é que os internautas ao utilizarem as *hashtags* de Marielle associam a parlamentar em assuntos que discutem genocídio negro, baixa representatividade no poder legislativo de homens e mulheres negras, a falta de acesso à educação e saneamento, a luta por igualdade de condições de emprego e salários e o combate ao racismo.

Nas redes sociais, é possível ver as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente ligadas aos temas de direitos humanos, como o da população negra. Essa realidade e similaridade entre a pauta Marielle e direitos dos negros, que é criada pelos *ciberativistas*, é verificada dentro da rede extraída pelo Instagram Scraper. Conforme demonstrado no capítulo de processamentos de dados, as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente estão associadas a temas relacionados ao debate ativista da comunidade negra.

Dentro do *grafo*, é possível identificar uma *tag* que expressa na grafia o contexto de ativismo negro, a #VidasNegrasImportam, que se conecta com quase todas as *hashtags* das redes, a exceção das *tags* #feminista e #photography. A função dentro da #VidasNegrasImportam é de receber informações das outras *hashtags*, o que demonstra uma particularidade. A interação desta *hashtag* pode ser compreendida como recetora de informações de temas voltados aos direitos humanos e uma *hashtag* secundária ou de apoio na utilização pelos internautas para atingir maior alcance de visualização e compartilhamento.

A *hashtag* #VidasNegrasImportam é uma versão abreviada da *hashtag* #BlackLivesMatter, que foi utilizada, segundo Rezapour (2018), pela população para expor a truculência policial estadunidense contra os negros. O autor ressalta dois pontos que fizeram esta *tag* ser *Top Trending* no Twitter: a primeira hipótese é a junção de movimentos *online* menores a movimentos maiores, que já tem uma atividade de expressão nas redes sociais; e a segunda, é a ligação de movimentos anteriores associadas às campanhas atuais.

Neste sentido, verifica-se um comportamento parecido no caso Marielle, quando os internautas associam #MarielleVive e #MariellePresente, que é uma campanha virtual de grande proporção e um volume massivo de informações, à outras *tags* que remetem às outras causas sociais. Assim, entende-se como os internautas buscam estratégias e conexões de assuntos em comum para melhorar o desempenho da publicação e também ter uma visibilidade maior, fazendo que as *tags* fiquem em pautas constantemente e, também, colocar em pauta o debate de assuntos principais e secundários.

Percebe-se com esse recorte analítico que as *hashtags* pesquisadas, #MarielleVive e #MariellePresente, trazem à tona o imbróglio de solução do crime, uma homenagem digital à vereadora e, vinculados a isso, as discussões de cunho ativista e de direitos humanos. Nesta perspectiva, confere a configuração que a *tag* #VidasNegrasImportam exerce no gráfico de redes ao somente receber informações de outras *hashtags*, ao invés de enviar, assim como as outras.

Ao acessar a página #VidasNegrasImportam no Instagram, nota-se que as publicações que estão no banco de informações remetem aos assuntos trazidos na contextualização, como relação ao genocídio negro. Verifica-se que os internautas usam esta *hashtag* para promover o debate da violência da política contra a população negra.



Figura 18 - Publicação de Internauta que Aborda a Questão das Mortes dos Negros no Brasil com o Uso da *Hashtag* #VidasNegrasImportam

A imagem é publicada na semana do Dia da Consciência Negra no Brasil, celebrado no dia 20 de novembro, e traz uma mensagem clara quanto aos casos de mortes que são mais incidentes entre os negros do que os brancos. Segundo dados do IBGE, a chance de um jovem negro ser assassinato é 2,7 vezes maior do que um branco. A questão

também remete a situação que é vista no país, em que 61% dos casos de ações da polícia terminam com a morte de negros.



Figura 19 - Utilizador Elenca Marielle como uma das Pessoas de Importância para o Movimento Negro com Uso das Tags #MarielleVive e #VidasNegrasImportam

A data de celebração em que é lembrada Zumbi dos Palmares, líder quilombola que coordenou as primeiras resistências contra a escravidão no Brasil, é associada à Marielle quando internautas fazem a ligação de pessoas importantes que lutam por direitos à população negra. No banco de informações que reúne as publicações da tag #VidasNegrasImportam, vê-se uma imagem em que remete a importância das mulheres para o movimento negro. Na imagem acima, verifica-se Marielle em conjunto com outras mulheres que travaram lutas em prol do povo negro. A legenda da publicação é entonada com um discurso de homenagens e, também, utiliza estratégias, como: “assista o vídeo no *link* na *bio*”, representa a forma de interação entre utilizadores e incentiva o gosto e o compartilhamento de outros internautas.

Perfis Produtores de Conteúdo Temático

A página da tag #VidasNegrasImportam reúne publicações que exprimem a reação dos internautas ao se depararem com situações e acontecimentos do quotidiano que relacionam a comunidade negra no Brasil. A participação de páginas dedicadas à temática impulsiona para que o conteúdo seja compartilhado por seus seguidores. A exemplo, o perfil no Instagram “Levanta Negro”, com quase 95 mil seguidores, utiliza a hashtag #VidasNegrasImportam numa imagem que repercute os últimos dados do IBGE

sobre as questões de desigualdade do Brasil, em especial as mortes dos negros. Numa publicação com uma imagem de cor de fundo preta e o questionamento: “qual o valor da vida de um negro”, é compartilhado por internautas seguidores da página, o que indica o papel de influência no processo viral de uma publicação.



Figura 20 - Internauta Compartilha *Post* de Perfil Ativista com Uso das *Tags* #repost e #VidasNegrasImportam, o que Mostra a Interatividade entre os Utilizadores

A identificação de compartilhamento de conteúdo que é praticado por seguidores de páginas temáticas, algumas vezes, trazem um padrão na legenda quando é divulgado no perfil pessoal do utilizador. A utilização da *hashtag* #repost e o endereço eletrônico da rede social possibilita fazer o rastreamento de onde parte o conteúdo e, consequentemente, facilita a identificação de perfis ativistas. Conforme mencionado, a *tag* #repost aparece no grafo de análise entre as que têm maior nível de proeminência, que exerce a função de auxiliar e indica publicações redistribuídas entre perfis.

Apesar de Costa-Moura (2014) afirmar que quando uma *hashtag* se torna viral nas redes sociais é difícil de identificar o responsável da publicação, verifica-se que os *ciberindivíduos* já utilizam a *hashtag* #repost para rotular que o conteúdo é de outra fonte e também a menção da conta de origem, como ilustra a Figura 14.

Outro perfil ativista com grande visibilidade, com base no número de seguidores, é o “Site Mundo Negro”. Com mais de 120 mil seguidores no Instagram, a página define-se com “uma mídia negra diferente” e conteúdo é pautado em notícias sobre personalidades negras, casos polêmicos de violações e divulgação de produções artísticas.

Em uma das publicações que envolve a página com o caso de Marielle, o perfil anuncia a entrevista com a deputada estadual, amiga e ex-assessora de Marielle, Renata Sousa, que assumiu o cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos na Câmara

dos Vereadores. O *post* exibe um trecho da entrevista e com o uso das *hashtags* #PretasNoTopo, #MariellePresente, #NegrosNaPolítia, #NegrosNoPoder, #Psol e #Alerj.



Figura 21 - Perfil de Notícias da Comunidade Negra Divulga Imagem da Deputada Estadual ao Lado de Marielle como um Registo Histórico de uma Mulher Negra Assumir a Comissão de Direitos Humanos na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

A ex-assessora, amiga de Marielle e deputada do PSol, Renata Souza, também tem grande participação no processo de disseminação de informações sobre o assassinato da vereadora e, também, a promoção das atividades que homenageiam Marielle Franco. Numa das situações em que Renata Souza fala sobre Marielle como mártires da sociedade contemporânea, a deputada participa de um evento promovido pela Casa Ninja Lisboa, núcleo do coletivo ativista Mídia Ninja, em que o tema era mulheres negras na política.

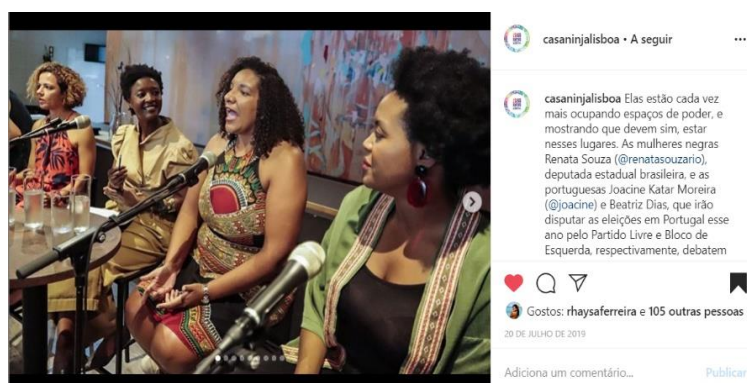


Figura 22 - Deputada Estadual Renata Souza Participa no Evento na Casa Ninja Lisboa para Discutir a Representatividade da Mulher Negra na Política. Parlamentar Palestrou ao Lado Joacine Katar e Beatriz Dias

A conversa que reuniu várias mulheres negras contou com a participação das políticas Joacine Katar Moreira e Beatriz Dias que, à época, eram candidatas pelo Partido Livre e Bloco de Esquerda, respetivamente. Durante o evento, Renata cita o trabalho que Marielle desenvolvia no Brasil em prol dos mais necessitados e dos grupos sociais que estão marginalizados e denunciou os casos de abuso policial.

Renata Souza, na altura que participou do evento na Casa Ninja Lisboa, em 20 de junho de 2019, fazia uma viagem pela Europa para denunciar o governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, do partido PSL, à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Organização dos Estados Americanos (OEA). A denúncia foi motivada após Witzel aparecer em um vídeo no helicóptero da política, em uma operação em Angra dos Reis, em maio de 2019, no Rio de Janeiro, durante uma operação policial. No vídeo o governador diz: “Vamos acabar com a bagunça!”⁴⁹. O helicóptero em que estava o governador metralhou uma tenda de plástico que era usada para orações religiosas⁵⁰.

#Marielle: Angela Davis e a repercussão

A morte de Marielle teve repercussão no ativismo negro a níveis mundiais e provocou a manifestação de pessoas influentes que lutam pelas causas do movimento feminista e negro. A socióloga e ativista Angela Davis é um exemplo que teve um processo importante para a repercussão do caso Marielle de forma internacional. A ativista estadunidense tem um longo trajeto na luta contra a desigualdade social e racial e temas feministas.

Angela Davis é professora e filósofa e durante a história de perseguição dos negros nos Estados Unidos, lutou para acabar com o racismo e outras formas de discriminação. A ativista ficou conhecida em 1970 ao integrar o Partido dos Panteras Negras, grupo que enfrentou os casos de abusos contra os negros, chegando a ter embates armados com a polícia, o que ocasionou a prisão de Davis a dado momento histórico.

A filósofa foi acusada de conspiração, sequestro e homicídio, - por ter uma arma registada em seu nome que foi usada para libertação de ativistas e resultou em mortes-, e

⁴⁹ Vídeo de operação militar em que aparece o governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, foi publicado no Facebook e pode ser acedido em:<<https://www.facebook.com/watch/?v=1095651437289100>>

⁵⁰ Reportagem da Folha de São Paulo que relata o depoimento de moradores que vivem na região sobre tiros que vieram do helicóptero que estava o governador. Pode ser acedido em:<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/helicoptero-com-witzel-a-bordo-atirou-em-lona-de-oracao-em-angra-dizem-moradores.shtml>>

sua prisão fez com que a população negra se organizasse em protestos de rua com pedidos de justiça e absolvição. O julgamento da ativista demorou 18 meses até sair a sentença de inocência.

No dia em que completou um ano da morte de Marielle Franco, 14/03/2019, acontecia na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, um simpósio internacional que reuniu acadêmicos e ativistas sob o tema: “Feminismo Negro nas Américas: Um tributo à ativista política Marielle Franco”, para debater as questões da luta por igualdade de gênero e racial. Na tribuna da Universidade, Angela Davis destaca a importância de Marielle para o movimento negro feminista e diz sentir-se triste por não ter tido a oportunidade de conhecer Marielle presencialmente. Angela afirma ainda que Marielle seria sua irmã camarada americana. Na ocasião, Davis defende que o “feminismo negro de Marielle Franco visava entender e transformar o mundo”.

Durante o simpósio, a ativista estadunidense lembrou que “ela (Marielle) continua sendo um farol de esperança para pessoas de todo o mundo que acreditam profundamente na possibilidade iminente de transformação radical no Brasil, nas Américas e em todo o planeta”. Angela Davis, que luta contra a violência policial estadunidense contra o povo negro, assim como Marielle Franco denunciava o caso do genocídio negro e a brutalidade policial, faz um apelo às ativistas feministas para que fiquem vigilantes ao trabalharem em múltiplas divisões, incluindo as que são governamentais ou não-governamentais com fins ativistas.

A palestra realizada na Universidade de Princeton contou com a participação da viúva Mônica Benício, que publicou uma foto no Instagram abraçada com a ativista estadunidense. A legenda da foto carrega um texto emotivo. Mônica relata ter aceitado o convite de Angela Davis para passarem juntas o dia em que completaria um ano da morte da vereadora. A viúva ainda expressa os momentos de dificuldade e dor que tem vivido e diz ter recebido apoio de “mulheres fortes” para participar de um memorial à Marielle.

Ainda no texto da publicação, a viúva Mônica descreve que Marielle tinha Angela Davis como sua inspiração, e conta que esse sentimento de afeto era tanto que havia uma imagem da ativista pintada na parede de casa. “A dor permaneceu, não foi diferente e nem poderia, mas ao lado de Angela por Marielle foi possível resignificar a dor”, a frase escrita por Mônica demonstra o caráter ativista que representou o primeiro ano da morte de Marielle.

No dia de lembrança, Marielle foi lembrada em vários lugares em protestos e passeatas, conforme agradeceu Mônica ao fim da mensagem no *post*: “Agradeço à *tds*

que ocuparam as ruas exigindo justiça por Marielle e Anderson. Seguimos perguntando: QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?! Não seremos interrompidas!!!”. A publicação com mais de 15 mil curtidas e 300 comentários acompanhou as *hashtags* #QuemMandouMatarMarielle, #EuSouPorqueNósSomos, #EuEstouComEla, #M2, #ADMV, #MarielleFranco, #AngelaDavis.



Figura 23 - Mônica Relata os Momentos Difíceis num *Post* e Agradece a Homenagem que foi Feita no Dia que Completou Um Ano da Morte de Marielle

Verifica-se que as *tags* #QuemMandouMatarMarielle e #MarielleFranco aparecem na rede que foi capturada pelo *software*. Neste sentido, as *hashtags* podem ser compreendidas como *hashtags* de cunho ativista quando são vinculadas a assuntos de lutas e conquistas de direitos das minorias sociais no Brasil.

A publicação de Mônica traz diferentes interações entre os utilizadores nas plataformas, visto nos comentários: o apoio emocional e virtual dos internautas; o suporte online em campanhas que gerem visibilidade a fim de chegar a justiça com o uso destas *hashtags*; e o engajamento de movimentos, coletivos e pessoas na discussão do tema da desigualdade e discriminação no país. Essa conexão entre Mônica e Davis marcada no digital, com o *post*, incentiva outras publicações nas redes sociais dos *ciberindivíduos*.

Angela Davis lembrou durante o discurso na Universidade de Princeton a frase que Marielle costumava dizer: “eu sou porque nós somos”. A repetição de um dizer adotado por Marielle em uma conferência internacional, dita por uma ativista reconhecida internacionalmente dentro do movimento negro, remete a força da frase que tem sido usada como slogan dentro do *ciberativismo* nas redes sociais, e que virou também

hashtag. A frase de Marielle é replicada em perfis ativistas e está relacionada à luta do povo negro por igualdade.



Figura 24 - Frase de Marielle Usada como Símbolo de Orgulho Negro
Compartilhado em Página de Ativismo Negro

A página de um coletivo ativista negro, intitulado como “Denegrindo”, é um exemplo de como a frase tem sido usada em contexto de orgulho e manifestação. A imagem de Marielle Franco, na Tribuna da Câmara dos Vereados no Rio de Janeiro, com uma blusa com ditos feministas: “diversas, mas não dispersas”, reforça o caráter de luta social que a vereadora defendia.

Ao dizer que: “vocalizar a luta nesse lugar do *ubuntu*. Eu sou porque nós somos. Uma identidade coletiva, um chamado a ocupar os espaços de poder”, Marielle remete à posse de negros em cargo públicos, como no poder Legislativo, para decidirem e criarem leis que garantam direitos iguais.

Verifica-se na publicação do coletivo que a palavra “*ubuntu*” com o *emoji* de um punho cerrado garante a compreensão do contexto ativista. A palavra “*ubuntu*” é de origem africana e, dentre vários significados, quer dizer: *uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas. Essa palavra também era utilizada por Nelson Mandela, que explica: “ubuntu não significa que uma pessoa não se preocupe com o seu progresso pessoal. A questão é: o meu progresso pessoal está ao serviço do progresso da minha comunidade? Isso é o mais importante na vida. E se uma pessoa conseguir viver assim, terá atingido algo muito importante e admirável”*.⁵¹

⁵¹ Vídeo no YouTube em que Mandela explica o significado da palavra *ubuntu* pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=RGFdkBI0TcI&feature=emb_logo>

Nota-se com esta publicação a mistura de informações que representa o caminho de luta por igualdade e respeito do povo negro em diferentes características. Vê-se que a composição da publicação está dotada de elementos visuais e textuais que permitem o entendimento ativista do conteúdo. A informação conferida na fotografia de Marielle Franco, na tribuna da Assembleia, com uma mensagem de orgulho racial e um chamado para atuação do povo negro, é um exemplo que remete ao ativismo feminista e negro. O turbante na cabeça e o emprego da palavra “*ubuntu*” alude a ancestralidade africana e a memória dos negros no país.

Outro elemento que traz a percepção do ativismo está no uso dos *emojis* de punho cerrado, que é entendido neste contexto como orgulho, do coração em cor preta e uma *emoji* de uma mulher negra, além do conjunto de *hashtags* que trazem na escrita palavras capazes de expressar o sentimento do utilizador ao fazer a publicação, como: #empoderamento, #blackpower, #blacklivesmatter e as *tags* de análise desta pesquisa, #MarielleVive e #MariellePresente .

A explicação de que os elementos gráficos representam uma forma de sentimento é baseada em Recuero (2012), que cita que os internautas fazem o uso de escrita falada ou oralizada, quando utilizam, por exemplo, caracteres especiais no teclado para formar desenhos que expressam tristeza :(, alegria :) , susto :0 , entre outros. Neste caso, não há o uso de caracteres, mas sim o uso de *hashtags*, que Recuero também afirma que é capaz de contextualizar e identificar o conteúdo da publicação na rede social.

O protagonismo de Angela Davis no caso Marielle Franco não terminou no evento na Universidade. A ativista esteve em 2019 de passagem por uma turnê no Brasil para divulgar o livro, “Uma autobiografia”. Em uma das ocasiões, Angela participa da abertura do 12^a Encontro de Cinema negro, e ao palestrar o assunto Marielle foi recorrente em seu discurso⁵². No evento, a ativista relembra o ativismo de Marielle e disse estar unida à família da vereadora para saber quem mandou matar Marielle e que a cidade do Rio de Janeiro é Marielle Franco.

A repercussão da visita da ativista no Brasil e o envolvimento de Angela Davis no caso Marielle incentiva a criação de conteúdos com uma abordagem temática à população negra, que é divulgada no Instagram com o uso das *tags* que remetem ao ativismo. Já na

⁵² Reportagem Portal G1 sobre a passagem de Angela Davis no Rio de Janeiro pode ser acedido em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/24/angela-davis-evoca-justica-para-marielle-franco-em-sua-primeira-passagem-pelo-rio.ghtml>>

cidade de São Paulo, Angela Davis volta a mencionar a importância da luta da vereadora para conquista a liberdade e contra o racismo.



Figura 25 - Post de Cunho Ativista com Imagem de Angela Davis a Citar o Trabalho de Marielle Contra o Racismo em São Paulo

A página ativista “Denegrindo”, por exemplo, publica uma imagem de Angela com aspas sobre o comentário da ativista sobre Marielle. Percebe-se, por meio de análise dos elementos da publicação, que o conteúdo é de contexto de empoderamento e suporte ativista aos negros, em especial, às mulheres negras que sofrem mais violações de seus direitos no Brasil. Assim, vê-se a influência para que a morte da vereadora continue em discussão mediática e nas redes sociais com a criação de conteúdo por parte dos utilizadores e perfis ativistas. Angela Davis, ao tomar posição no caso, torna-se impulsionadora de informações que ligam Marielle Franco e direitos da população negra.

O comentário politizado de Angela ao mencionar o presidente Jair Bolsonaro, sem citar o nome, e também a fala sobre a prisão do ex-presidente Lula durante o evento no Rio de Janeiro, faz ligação, sobretudo, entre Marielle, Bolsonaro e Lula, que recebem uma identidade digital por meio das *tags*, e como os assuntos que envolvem os três se interagem. Os dois personagens e adversários políticos, Jair Bolsonaro e Lula, aparecem a todo o momento vinculados aos assuntos de direitos humanos, por exemplo, com o uso das *tags* #ForaBolsonaro e #LulaLivre e as *hashtags* que citam os grupos sociais, #lgbt, #mulhers, #VidasNegrasImportam. De um lado, críticas à Bolsonaro, e do outro, Lula ao ser ovacionado.

A associação negativa de Bolsonaro nas publicações representam o descontentamento com o político em discussões sobre racismo e comunidade negra.

Ainda quando era candidato da República, o político mensura o peso corporal dos negros como se fosse animais, durante evento no Clube Hebraico, no Rio de Janeiro, onde o político fez outros comentários discriminatórios, já mencionado aqui.

Na ocasião, Bolsonaro diz ter visitado uma reserva quilombola e que “**o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas**. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais”. A Procuradoria Geral da República denunciou Bolsonaro ao STF por racismo, mas foi inocentado pelo colegiado sob a justificativa de “liberdade de expressão”.

Sobre as políticas afirmativas do governo de anos anterior, PT, o político critica a políticas de cota, que permitiu acesso dos negros, por exemplo, ao ensino superior e concursos públicos. Em entrevista à TV Cultura, no programa Roda a Vida, em 2018, Bolsonaro diz que o Brasil não tem dívida histórica com os afrodescendentes: “Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida”, afirmou. “O negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro”.

#MarielleVive e #MariellePresente: *hashtags* ativistas

Diante do exposto de situações, no qual as *tags* de pesquisas foram utilizadas em contextos políticos e assuntos ligados aos direitos dos grupos sociais vulneráveis, como mulher, negros e LGBTQI+, fundamenta a ideia de que estas marcas digitais no Instagram são *hashtags* ativistas, devido à associação e emprego em que elas são usadas pelos utilizadores.

Esse embasamento é defendido quando Rezapour (2018) afirma que a forma que os internautas têm a facilidade com *smartphones* e a Internet de criar uma forma de conversa, expor situações e exigir mudanças sociais por meio de suas redes sociais, utilizando o que chama de “*hashtag activism*”, ou em tradução livre, ativismo de *hashtag*.

De acordo com o conceito trazido por Yang (2016), o ativismo de *hashtag* é identificado pela quantidade massiva de publicações nas redes sociais com palavras ou frases ligadas ao elemento gráfico (#) com uma reivindicação social e política.

Desta forma, o autor defende que esse formato de conexão possibilita a criação de uma agência narrativa, onde é possível ver de que forma o conteúdo é narrado e o contexto social. As técnicas dos utilizadores tornam-se compreensíveis quando interpretadas em conjunto com elementos: a informação da imagem, o texto de legenda e o uso de *hashtags* e *emojis*.

Conforme demonstrado no capítulo 5, as *hashtags* enviam e recebem informações diversas em um plano geral, entretanto, ao reduzir o número de conexões e estabelecer uma hierarquia, como foi feito durante a modulação no Gephi, possibilita o entendimento da classificação de #MarielleVive e #MariellePresente como símbolo de ativismo nas redes sociais. O programa, ao elencar as 51 nós com maior nível de importância nas redes, separa as *hashtags* vinculadas com as de objeto de pesquisa, na qual é possível relacionar com o feminismo, movimento negro, LGBTQI+, arte e políticos.

Apesar do banco de informações ilustrar a composição diversa de assuntos que cercam as *tags*, nota-se que o uso delas tem sido usado como estratégia para divulgação de conteúdo *ciberativista*, o que corrobora com a explicação de Furini e Lima (2017). As autoras defendem que as *hashtags* promovem a divulgação e notoriedade de uma publicação, permitindo que o conteúdo associado à *hashtag* seja visualizado por outros utilizadores, sem ter havido alguma ligação entre os internautas anteriormente.

Assim, as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente representam dentro do *ciberespaço* um ambiente em que os internautas trocam informações sobre as temáticas expostas, promovem a mobilização e divulgação de conteúdo e conecta pessoas acerca do mesmo tema de interesse, o que possibilita a união de *ciberindivíduos*, que nunca interagiram antes, em prol de melhorias para os grupos sociais.

Capítulo VII: #MarielleVive e #MariellePresente: Os Influenciadores e o Uso Atemporal das *Hashtags*

7.1 – #Marielle: do tapete vermelho do Oscar às ruas de paredes pintadas

O caso Marielle Franco fez com que centenas de pessoas voltassem à atenção para os casos de violações de direitos humanos no Brasil, quando as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente foram vinculadas a conteúdos e *tags* que representam os grupos sociais vulneráveis: negros, mulheres e LGBTQI+. Entretanto, não foi somente neste campo ativista que a repercussão do caso teve expressão nas redes sociais. Artistas pronunciaram-se e peças de arte foram criadas como uma forma de homenagear Marielle, que foi vítima de feminicídio, após sair de um evento feminista no Rio de Janeiro, no dia 14 de março de 2019.

A notícia da morte vereadora chegou e repercutiu no mundo das celebridades brasileiras, que se manifestaram em seus perfis no Instagram. Uma das personalidades de importância na música popular brasileira, que tem um histórico de militância e passou por ocasiões de censura artística durante a ditadura militar, em 1964, é Caetano Veloso. O cantor e compositor brasileiro teve várias canções impedidas de serem gravadas durante o comando dos militares e era considerado “inimigo do governo”, devido às letras das músicas que criticavam o regime.

Caetano foi preso e viu a cabeça raspada no quartel do Exército de Marechal Deodoro, no Rio de Janeiro, por ter sido acusado de desrespeito ao hino nacional, juntamente com o amigo e parceiro musical Gilberto Gil. Após serem liberados, Veloso, Gil, Maria Betânia e Gal Costa partem para o exílio em Inglaterra, onde tiveram suas canções gravadas nos anos de 1970⁵³.

A relação de Veloso com a arte e as manifestações artísticas e políticas refletem a personalidade do cantor que passou por um período de perseguição no Brasil. Depois de ter visto pessoas sido presas, torturadas e mortas por promoverem atos contra o sistema ditatorial, Caetano usa sua rede social para lamentar a perda de Marielle e criticar mais um crime de feminicídio que tirou a vida de Marielle.

⁵³ A entrevista de Gilberto Gil com o jornalista Geneton Moraes Neto pode ser acedida em: <<http://g1.globo.com/platb/geneton/2011/02/06/cena-brasileira-presos-com-a-cabeca-raspada-gilberto-gil-recebe-na-cela-um-violao-de-um-sargento-em-seguida-uma-convocacao-quer-fazer-um-show-para-a-tropa/>>.

Caetano Veloso tem participação no processo de notoriedade da #MariellePresente ao homenagear à vereadora e usar a *tag*. Veloso, com mais de um milhão de seguidores na rede social, aparece cantando uma música de sua composição, “Estou Triste”, um dia após o assassinato da política.

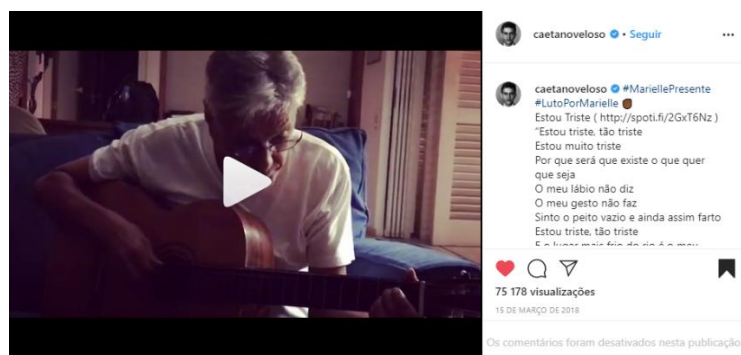


Figura 26 - Caetano Veloso faz Homenagem à Marielle no Seu Perfil no Instagram um Dia Após a Morte da Vereadora. O Cantor e Compositor Utiliza a *Hashtag* #MariellePresente

Na legenda do post, o cantor transcreve a letra da música “Estou triste” e utiliza as hashtags #MariellePresente e #LutoPorMarielle. A publicação tem mais de 75 mil curtidas e 500 comentários. Verifica-se que o cantor exerce uma participação significativa no processo de viralização da hashtag dado o nível de influência da personalidade artística e, também, pela quantidade de seguidores no perfil.

A rede social do cantor pode ser considerada um espaço virtual capaz de provocar a repetição e o engajamento de fãs em atividades online. Esse entendimento é amparado por Amaral et al., (2015) que avaliam que a criação, a apropriação e a reprodução de novos materiais têm características baseada nos seus respectivos ídolos, e que os fãs participam do processo de formulação e reformulação destes materiais.

Tendo em vista a importância de Veloso na cultura popular e, também, sua influência no mundo digital, por meio de sua página verificada, é condizente a explicação de que a *hashtag* #MariellePresente, que carrega o sentimento de perda do utilizador, é replicado por seguidores que possuem a mesma opinião do criador do *post*. Não se sabe quando e quem criou a marca digital, porém, ao verificar a data da publicação de Caetano

Veloso, um dia após a morte, entende-se o papel de destaque do cantor no processo viral de utilização da *hashtag*.

Após dois dias do crime, no dia 16 de março, o cantor realizou um *show* para angariar fundo para a reabertura da exposição do “QueerMuseu”, que teve suas apresentações interrompidas e vetadas pelos governos dos estados do Rio Grande do Sul, na capital Porto Alegre, e também no Rio de Janeiro⁵⁴. A polémica da exposição que retrata a cultura *queer* no Brasil, de teor artístico sobre sexualidade e religião, teve repercussão nas redes sociais e motivou a união dos artistas contra a atitude dos governos. O foco do evento que Caetano prestara a fazer em suporte a causa cultural também foi ocasião para homenagear Marielle Franco.

O compositor cantou ao lado de e Marisa Monte e Maria Gadu, que gritou ao entrar no palco o nome Marielle e Anderson. Marisa Monte já havia se pronunciado no Twitter sobre a morte da vereadora⁵⁵. As *hashtags* que usam o nome Marielle estiveram estampadas nas publicações de outros artistas que comentaram o caso nas redes sociais. Vê-se em publicações de celebridades a utilização da #MariellePresente, o que ilustra o processo viral da *tag* que é replicada entre a comunidade artística.



Figura 27 - Atores Fábio Assunção e Letícia Persiles Fazem Publicação no Instagram em Homenagem à Vereadora e Usam as Tags #MariellePresente, #MariellePresenteSempre e #MarielleFrancoPresente

⁵⁴ Reportagem da BBC Brasil sobre a polémica da exposição “QueerMuseu” pode ser acedida em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>>

⁵⁵ Tweet de Marisa Monte sobre o caso o assassinato de Marielle pode ser acedido em: <<https://twitter.com/marisamonte/status/974284787509809152>>

O ator Fábio Assunção, com 2 milhões de seguidores na plataforma, presta condolência à família com a legenda: “Marielle Franco, em nome da minha família, nosso respeito e reverência pela sua história e luta. Meu profundo sentimento à sua família. Hoje só pode ser o início de algo muito potente. #MarielleFrancoPresente”. Já a atriz e cantora atriz Letícia Persiles escreve em seu perfil para a audiência de 50,1 milhões de internautas: “Isso não pode estar acontecendo. #MariellePresente, #MariellePresenteSempre”.

Outras atrizes de grande visibilidade nas redes sociais também demonstram solidariedade aos familiares, como Glória Peres, que tem 4,6 milhões de seguidores no Instagram. Ao verificar a publicação da atriz, nota-se a quantidade de curtidas, 623 gostos, que a publicação recebeu em 4 minutos. Glória Peres descreve na publicação: “Quantos mais vão precisar para que essa guerra acabe. #MariellePresente”.



Figura 28 - Atrizes Glória Peres e Letícia Persiles Usam as Tags #MariellePresente para Expressarem Revolta e Convocar os Seguidores a Participarem de uma Passeata em Homenagem à Marielle

A atriz Samara Felippo, com um milhão de seguidores no Instagram, descreve-se em sua biografia como “feminista e antirracista”. Na publicação da artista, Samara evoca a participação dos internautas para se juntarem à passeata de protesto do assassinato de Marielle e Anderson, no Rio de Janeiro. O *post* recebeu 469 curtidas em 10 minutos, o que quantifica a capacidade de interação que o perfil tem com os seguidores. O cantor e

compositor Chico Buarque participou e discursou na marcha que foi até a Cinelândia, centro do Rio, com a vigília Marielle Presente e Anderson Presente⁵⁶.

Neste sentido, observa-se as técnicas de impulsionamento de campanhas *online* que buscam angariar maior participação popular nos protestos de rua. A sequência de manifestações que ocorreram no Brasil e exterior após a morte da vereadora é mensurada também pelas atividades e protestos nas redes sociais, quando os internautas utilizam as *tags* #Marielles nas fotos, vídeos e peças de ilustração artística nas plataformas digitais.

Dentro da rede de *hashtags* é possível identificar a relação de outro ator e produtor no caso Marielle. A *hashtag* #WagnerMoura aparece no grupo de cor cinza - *tag* de menor expressão no grafo - relacionada com as #MarielleVive e #MariellePresente. Wagner Moura é outra personalidade do mundo artístico que impulsionou a história de Marielle em terras estrangeiras quando divulgou o filme de sua direção, Marighella, falando sobre a similaridade entre o ativista político negro e Marielle, ambos assassinados. Em um vídeo, que foi publicado no perfil da viúva Mônica, o autor ressalta o problema da militarização, o racismo e também o genocídio do povo negro durante a apresentação do filme em Berlim.



Figura 29 - Diretor do Filme Marighella, Wagner Moura, Faz Associação do Ativista Negro Morto pelo Estado em 1969 com o Caso Marielle, Ambos Assassinados Dentro de um Carro

No vídeo Wagner Moura diz:

“O Brasil é um país racista. Marighella foi assassinado em 1969. Um homem negro, revolucionário, de esquerda. Ele foi assassinado pelo Estado dentro de um

⁵⁶ Notícia do Portal G1 sobre as manifestações de artistas no caso da morte de Marielle Franco pode ser acessada em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/morte-de-vereadora-ainda-repercute-em-atos-no-pais-e-no-exterior.html>>

carro há 50 anos. E 50 anos depois de Marighella, uma vereadora no Rio de Janeiro, também negra, de esquerda e defensora dos direitos humanos, foi assassinada dentro, provavelmente, também por agentes do Estado. A violência do Estado brasileiro cometida contra os revolucionários nos anos 60 é a mesma cometida nas favelas contra os negros. É a mesma coisa. Eles são estão torturando, matando. A polícia no Brasil não é treinada para proteger os cidadãos, é treinada para proteger o Estado. E o Estado escolhe quem são os inimigos.”

O filme Marighella retrata a história do ativista político negro que foi morto durante a ditadura militar em 1969. O caso, como menciona o diretor do filme, tem características semelhantes com a morte da vereadora Marielle Franco, ambos assassinados por ex-policiais militares em uma emboscada no trânsito da capital carioca. O longa metragem tinha sua estreia prevista para o dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, mas teve de ser adiado por conta da liberação do órgão de cinema do Brasil, Ancine.

A entidade reguladora de filmes no país criou medidas de controle para a liberação de produções artísticas, conforme tinha anunciado Bolsonaro. O presidente afirmou que, em caso de não haver “filtros”, o órgão seria extinto⁵⁷. A repercussão no meio artístico logo ecoa e vários artistas se mobilizaram em defesa da Ancine e a “não-censura” artística. Uma das pessoas que faz críticas ao governo instalado é Caetano Veloso. O cantor publica um vídeo no Instagram que parabeniza a produção de Petra Costa com o filme “Democracia Divergente”, que concorreu ao Óscar, um dos festivais mais importantes do cinema mundial.

No vídeo⁵⁸, Veloso diz que nunca viu tanto retrocesso no Brasil e que durante sua vida ele sempre lutou contra a censura e a brutalidade da ditadura militar na década de 1960. O cantor, sem citar o nome do Bolsonaro, diz que o governo brasileiro está a travar uma guerra contra as artes e artistas e, também, contra a Amazônia e os direitos humanos no geral. No final do discurso, Veloso faz a indicação do filme de Petra para entender a atual situação política brasileira.

Petra Costa, no Óscar de 2020, chegou à noite de gala com um papel escrito em que questionava: “quem mandou matar Marielle?”. A imagem da documentarista foi

⁵⁷ Reportagem do Portal G1 sobre a fala de Bolsonaro que ameaça de extinção do órgão regulador do cinema brasileiro pode ser acedida em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/07/19/se-nao-puder-ter-filtro-extinguiremos-a-ancine-declara-bolsonaro.ghtml>>

⁵⁸ Depoimento de Caetano Veloso sobre o filme “Democracia Divergente”, de Petra Costa, pode ser acedido em: <<https://www.instagram.com/p/B7vs7Vvlqk0/>>

compartilhada nas redes sociais com elogios, por exemplo, no perfil da Mídia Ninja. O post da Mídia Ninja, rede com um milhão de seguidores, recebeu mais cem mil curtidas em poucos dias. Na fotografia, a ativista indígena Sônia Guajajara que também esteve no evento, aparece com um cartaz com um pedido de atenção às causas indígenas no Brasil. Os índios lutam pela conservação e demarcações de terras na floresta Amazônica.



Figura 30 - Post da Mídia Ninja em Homenagem à Cineasta Petra que Teve o Documentário Indicado ao Oscar de 2020. Petra Aparece ao Lado da Ativista Indígena Sônia Guajajara

A questão indígena e ambiental no Brasil também ganhou repercussão mundial logo nos primeiros meses de governo de Bolsonaro devido o confronto entre ruralista e indígenas por terras, causando a morte de muitos deles e o desmatamento da floresta Amazônica. O presidente disse que durante seu mandato não iria demarcar as terras dos indígenas, o que causa a vulnerabilidade do grupo e da floresta⁵⁹.

A participação da cineasta em um dos maiores festivais de premiação de filmes com tal questionamento faz que o assunto continue em pauta e seja visto internacionalmente e, por consequência, é repercutido nas plataformas digitais. Petra traz no documentário um repertório da política brasileira que começa na instauração do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff até a vitória de Jair Bolsonaro à Presidência da República. O longa-metragem começa a contar a história nos bastidores da política com a instauração do impedimento de Dilma Rousseff de exercer a função de

⁵⁹ Reportagem Carta Capital sobre a declaração de Bolsonaro sobre a demarcação de terras indígenas pode ser acedida em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-enquanto-eu-for-presidente-nao-tem-demarcacao-de-terra-indigena/>>

chefe de Estado. O relato da cineasta relembra também a história de militância de Dilma e sua mãe durante a ditadura militar, ocasião que as duas foram presas e torturadas.

No Congresso Nacional, Dilma foi julgada por crimes de responsabilidade fiscal, tendo com base a prestação de conta que seu governo apresentou ao Tribunal de Contas da União, órgão que avalia a execução do plano e os gastos dos governos. À época o julgamento político foi capitaneado pelo deputado Eduardo Cunha que, logo meses depois, foi preso por corrupção na operação da Polícia Federal, a “Lava-Jato”.

Não foi somente no evento de gala do Oscar que Marielle Franco foi lembrada entre os famosos do cinema. Celebidades de Hollywood também tiveram envolvidos sob o mesmo questionamento no mistério dos mandantes do assassinato da política. O ator estadunidense Danny Glover aparece em um vídeo publicado no perfil da viúva Mônica, em que ele chama a vereadora de irmã e repete a frase: quem mandou matar Marielle? Na publicação a ativista LGBTQI+ utiliza as *hashtags* #QuemMandouMatarMarielle, #JustiçaParaMarielleEAnderson, #174diasSemEla.

#MariellePresente: nas artes de rua

A história de Marielle Franco serviu de inspiração para artistas internacionais que criaram obras de arte em sua homenagem, como é o caso do português Vhils. O artista que é conhecido por escupir murais de pessoas em diferentes lugares do mundo retratou na parede do Panorâmico de Monsanto, em Lisboa, o rosto de Marielle. A obra faz parte do acervo de peças do projeto “Brave Walls” da Anistia Internacional⁶⁰.

Vhils possui em sua página no Instagram 369 mil seguidores e a peça publicada em seu perfil teve mais de 14 mil curtidas. Na publicação, o criador da obra faz elogios à Marielle e ao trabalho que a vereadora desenvolvia no Brasil em prol dos menos favorecidos e dos direitos humanos. Vhils utiliza entre outras *hashtags* #MarielleFranco, #Marielle, #arte, #art e #repost. Essas *hashtags* são encontradas dentro das 51 *tags* com maior expressão do *grafo*. O uso destas *tags* mostra a ligação do caso de Marielle com as

⁶⁰ Entrevista de Vhils conferida ao Jornal Luso sobre o mural pode ser acedida em: < <https://www.dn.pt/cultura/vhils-homenageou-ativista-brasileira-marielle-franco-com-mural-em-lisboa--9887486.html>>

expressões artísticas e como as artes ganham repercussão nas plataformas. O comportamento de compartilhamento dos *ciberativistas* contribuem para que o conteúdo seja replicado, o que reforça o contexto ativista que pode ser interpretado pelo uso das *hashtags*.



Figura 31 - Mural com Rosto de Marielle Franco Criado pelo Artista Português Vhils.
A Fotografia da Obra foi Publicada no *Storie* de Madonna no Instagram

A obra do artista ganha maior visibilidade quando Madonna faz uma “*story*” com a obra de Vhils. A cantora Pop utilizou a *hashtag* #WorldofMadameX, que se refere à curta-metragem que mostra as inspirações de Madonna para a composição do novo álbum. Assim, entende-se que a cantora é uma influenciadora de discussões de causas sociais e políticas nas redes sociais.

A página da cantora é seguida por mais de 14 milhões de pessoas, o que evidencia os assuntos que são publicados em seu perfil. Em outra ocasião, Madonna demonstrou-se simpatizante com parte da população brasileira ao repudiar a candidatura de Bolsonaro durante as eleições de 2018. Numa *story*, Madonna utiliza a *hashtag* em inglês #NotHim ou #EleNão.

A figura de Marielle Franco também foi retratada por outros artistas visuais que produziram obras de arte em sua honra. Na capital Lisboa, o grafiteiro Raso BC (@raso_bc_1675)⁶¹ desenhou o rosto da vereadora em uma parede e, ao lado da imagem,

⁶¹ A obra do artista Raso BC pode ser acedida em: < <https://www.instagram.com/p/BqvWJGbAtSD/>>.

a pergunta: quem matou Marielle? O artista utiliza as *hashtags* como legenda, por exemplo, #MariellePresente, #MarielleFranco, #GrafittiArt, #Lisboa, #pontinha, #odivelas. Em outros pontos da capital lisboeta é possível encontrar a marca do legado Marielle por meio das manifestações artísticas.

O perfil Grupo Opini (@grupoopni) é outro exemplo da adesão de artistas nas homenagens, protestos e criação de arte que relembram o assassinato e a história de luta de Marielle Franco. Os graffitis do artista que estão espalhados por Lisboa ilustram importantes personalidades que promoveram e incentivaram as lutas por direitos e igualdade das pessoas negras. Em uma de suas peças, o artista, que possui mais de 18 mil seguidores no Instagram, expõe em sua página obras que criticam o genocídio negro e o racismo no Brasil.



Figura 32 - Pinturas do Artista em Muros de Lisboa Publicadas no Instagram
Retratam o Caso Marielle e as Mortes dos Negros no Brasil

Os *posts* das pinturas carregam legendas de cunho político e a linguagem em *hashtag* representa o contexto social e ativista que estão inseridos nas peças do artista. Na imagem à esquerda, em que Marielle é retratada ao lado de um garoto negro - morto por uma bala perdida vinda de armas de policiais durante confronto com traficantes em uma comunidade no Rio - vestidos com a camisa da seleção de futebol brasileira. O grafiteiro escreveu na descrição: “No país do futebol, da corrupção, genocídio, racismo e cinismo”. A publicação foi feita um dia após completar um ano da morte da vereadora com o uso da *hashtag* #MariellePresente.

Na segunda publicação, o artista descreve a pintura desenvolvida por ele e outros artistas identificados na publicação com o perfil no Instagram (@ignoreporfavor,

@lemmas e @pauloagostini). Percebe-se que parte do discurso do artista remete ao sentimento de luta e esperança por justiça, ativismo negro e admiração por Marielle Franco: “cabeça em chamas e com um vestido na cor da bandeira brasileira estampando o rosto de uma heroína, vítima da covardia e impunidade que está instalada desde a época do coronelismo [...] Temos de ter esperança, mas temos que resistir!! Arte preta para o povo!”.

O envolvimento dos portugueses no caso de Marielle demonstra a notoriedade do assunto debatido no campo político, artístico e social fora do Brasil. A Câmara de Lisboa aprovou em junho de 2019 um projeto para dar o nome da vereadora a uma rua da cidade. O gabinete do vereador de esquerda Manuel Grilo divulgou uma nota em que lembra a importância política de Marielle Franco ao citar a posição de destaque nas eleições de 2016 no Rio de Janeiro, com a marca de mais de 46 mil votos em sua primeira candidatura⁶².

A decisão da Câmara teve repercussão nos perfis dos internautas e páginas ativistas no Instagram. A base da Mídia Ninja em Lisboa publicou no perfil uma foto da vereadora com a decisão da Câmara. O *post* exibe uma fotografia do rosto de Marielle e a legenda é escrita em tom de celebração pela demonstração política em prol do caso⁶³. A Mídia Ninja tem sido propagadora de informação e produção de conteúdos à respeito do caso.

Na França, a vereadora assassinada também foi homenageada ao ter seu nome em um jardim que será construído junto à estação de trem parisiense Gare de l’Est. A decisão da comissão que aprova as nomeações de ruas da prefeitura de Paris foi em continuidade ao processo de implementação do projeto apresentado à Prefeitura em 2018⁶⁴. A prefeita da cidade, Anne Hidalgo, tem uma presença nas discussões sobre o caso da morte da vereadora nas redes sociais, tendo feito *tweets* em *microblog* com pedidos de investigação do crime.

⁶² Reportagem do Portal G1 sobre aprovação de projeto que homenageia Marielle Franco, dando seu nome a uma rua de Lisboa, pode ser acedida em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/26/lisboa-tera-rua-com-nome-de-marielle-franco.ghtml> >

⁶³ Publicação no Instagram da Casa Ninja Lisboa sobre decisão da Câmara de Lisboa pode ser acedida em: <<https://www.instagram.com/p/B0YpUuPHOh/>>

⁶⁴ Notícia sobre a nomeação de uma jardim com o nome de Marielle aprovado pela Prefeitura de Paris pode ser acedida em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/21/marielle-franco-vai-virar-nome-de-jardim-em-paris.ghtml>>

Na data da morte da vereadora, o prédio da prefeitura da cidade tinha pendurados nos portões cartazes com protestos e dedicatórias à Marielle. As demonstrações de afeto e revolta pelo crime são avistadas também nas paredes de prédios e muros na capital francesa. A página do artista francês no Instagram Sept (@sept_spray_paint) exibe uma pintura feita por ele no Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 2019, com as #MariellePresente e #8mars na legenda da fotografia⁶⁵.

Artistas de outras regiões da França deixaram suas rubricas nas paredes com imagens de Marielle Franco. Na cidade de Villeneuve-Saint-Georges, por exemplo, a artista PearlBuxa (@pearlbruxa) coloca em seu perfil a pintura que desenvolvia em homenagem à Marielle durante um festival.



Figura 33 - Pintura da Artista PearlBuxa Desenvolvida no Festival Pantheon The Message Publicada na sua Rede Social no Dia 18 de julho de 2018

Na descrição da foto, a pintora utiliza as *hashtags* #MarielleFranco, #graffiti, #art e #painting. Ao analisar o perfil da artista, nota-se que PearlBuxa cria desenhos que remetem as causas do feminismo e empoderamento das mulheres negras. As imagens dispostas na rede social da *grafiteira* ilustram as mulheres em suas diferentes formas de se expressarem na sociedade.

⁶⁵ Obra de Sept pode ser acedida no Instagram em: <https://www.instagram.com/p/Buvz_UbBArH/>

#MariellePresente: no desfile na Sapucaí

De volta ao Brasil, em uma das maiores festividades do país, Marielle Franco foi tema musical do enredo da escola de Samba da Mangueira, no Rio de Janeiro. O tributo à vereadora fez com que o grupo ganhasse a competição do Carnaval de 2019⁶⁶ ao abordarem a vulnerabilidade social dos negros e índios no país nos carros alegóricos. O grupo sambista destacou em sua apresentação pessoas que tiveram influência no desenvolvimento do país. Indígenas e a população negra foram lembrados na apresentação da escola que desfilou na Sapucaí sob a música “História para ninar gente grande”.

Neste caso, nota-se o tamanho das dimensões que o caso é tratado pela sociedade brasileira por meio das manifestações culturais. A Mangueira é uma das principais escolas do Rio de Janeiro e a figuração dos personagens do desfile conta com a presença e participação de outros famosos, o que provoca uma maior atenção da população local e internacional, tendo em vista que a festividade no Brasil recebe milhares de pessoas de vários países.

A menção de Marielle no enredo da escola foi sentida e manifestada pelos internautas, que comentam, compartilham e utilizam as *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive. Observa-se assim que o envolvimento de artistas e expressões artísticas incentivam e aquecem o debate acerca do tema nas redes sociais e, consequentemente, estimula o uso das *tags*.

⁶⁶ Reportagem do EL País pode ser acedida em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551902790_097820.html>



Figura 34 - Mônica Benício Repercute com o Uso da #QuemMandouMatarMarielle a Vitória da Mangueira que Teve como Enredo a Vereadora

O perfil da viúva Mônica é uma das páginas que repercute os assuntos que estão relacionados à Marielle e, no carnaval, a ativista usou o perfil para celebrar a vitória da escola de Samba. Na publicação, Mônica descreve sua emoção e utiliza a *hashtag* #QuemMandouMatarMarielle. O texto sob a fotografia menciona ainda o caso dos candidatos do PSL das últimas eleições, que quebraram a placa instalada na praça da Cinelândia em memória à Marielle.

Essas ações exemplificam o comportamento dos internautas diante das causas ativistas e atos de tributo aos mártires sociais e demonstram a relação sem fronteira das expressões artísticas nos espaços físicos das cidades e no ambiente *online*. Nota-se que os utilizadores comentam e repercutem assuntos em suas páginas de interação digital com uso de *hashtags* como uma forma de categorizar o assunto da publicação e replicar as tendências virais da *web*.

O engajamento dos criadores de artes, sendo eles famosos com milhares de fãs ou com um grupo pequeno de *followers*, mostra a interação dos espaços físicos e virtuais e as formas de linguagem desenvolvidas pelos utilizadores por meio de texto, caracteres especiais, *hashtags* e figuras no ambiente *online*. O caso Marielle, neste sentido, é representado em diferentes aspectos:

- Sociais: com a promoção de atos em prol dos direitos humanos;
- Artísticos: nas manifestações culturais e diversidade de expressões;

- E políticos: com a participação de outros agentes que politizam e cobram por justiça nos espaços políticos.

Logo, entende-se o papel de influenciadores digitais que exercem os internautas ao utilizarem suas redes sociais para a promoção de conteúdos com o emprego de *hashtags* para pressionar as autoridades para a resolução do caso, criar debates ativistas e produzir artes em ambientes físicos e digitais para demonstrar seus sentimentos.

Esse cenário é identificado dentro da rede de *hashtags* analisadas que, ao ser filtrada no *software* Gephi, possibilita que os assuntos discutidos nas redes sejam entendidos pela leitura da escrita da *tag* e as vinculações temáticas que são feitas pelos *ciberindivíduos*. As *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive estão conectadas direta e indiretamente com outras marcas que são capazes de interpretar o contexto artístico e ativista.

Dentro do *grafo*, verifica-se que os internautas utilizam as *tags* #arte, #art e #photography ao fazerem publicações que tem como objeto Marielle Franco. As #arte e #art juntas interagem com todas as outras *tags* do *grafo*, o que exemplifica a utilização em diferentes contextos que estão atrelados ao caso Marielle. No caso da #photography, a *tag* envia informações para #RioDeJaneiro, #socialismo, #resistencia, #rj, #SomosResistencia, #QuemMandouMatarMarielle e #PSol e é recetor de dados de 18 *tags*, entre elas: #MarielleFranco, #arte, #luta, #brasil, #amor, #feminismo, #lulalivre, #Marielle, #EleNão, #democracia, #lgbt, #MarielleFrancoPresente, #ForaBolsanaro, #lula, #EleNunca, #art, #brazil, #EleNao e #mulher.

7.2 - Uso das *Hashtags* e os Personagens Envolvidos na Promoção e Discussão do Assunto no Instagram

Durante a análise de conteúdo disponível nas galerias das *tags* #MarielleVive e #MariellePresente, percebe-se que o uso da *hashtag* não segue um padrão de utilização com relação ao tempo específico. Nota-se que as publicações ocorrem com o uso das *tags* de acordo com as situações que acontecem no país no campo da política e temas dos direitos humanos. O passar dos dias para identificar o mandante do crime é uma situação que incentiva os utilizadores a criarem formas no ciberespaço de manter o legado ativista

de Marielle vivo e, também, exigir medidas dos órgãos competentes para chegar até aos culpados, como exemplifica a #QuemMandouMatarMarielle.

Um dos períodos de destaque observados no Instagram, em que a *tag* foi utilizada com maior frequência, tem origem nas passeatas do Dia Internacional da Mulher, na qual Marielle foi lembrada como mais um caso de violência contra as mulheres no Brasil. Os utilizadores utilizam as *tags* #MariellePresente e #MarielleVive nas publicações nas redes sociais e nos cartazes impressos levantados nos protestos de rua, como pode ser verificado nos estudos de caso no capítulo anterior.

Na sequência, os utilizadores e perfis de sites de notícias e grupos ativistas organizaram atos em memória de Marielle, bem como protestos em diferentes lugares do Brasil e do exterior, conforme citado no capítulo 6. Como parte do memorial em honra aos mortos e as manifestações de pedido de justiça, os internautas das redes sociais utilizaram as *hashtags* #MariellePresente #MarielleVive e #MarielleFranco e #QuemMandouMatarMarielle entre outras para demonstrarem seus sentimentos. Os dados extraídos do Instagram revelam que, depois das *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive, a *tag* #QuemMandouMatarMarielle está entre as de maior destaque na comunidade, identificada no gráfico na cor roxa.

Constata-se duas hipóteses para que as *tags* continuem a ser usadas nas publicações do Instagram. A primeira remete ao uso das *tags* para pressionar as autoridades e a justiça no caso, sendo este mecanismo uma maneira de pautar os assuntos discutidos nas plataformas, o que pode ter um crescimento ou declínio da utilização das *tags* caso os outros envolvidos no assassinato fossem identificados. A segunda, explica-se pelo uso de cunho ativista, no qual a história de Marielle vira símbolo de lutas sociais. A fala da viúva Mônica: “justiça por Marielle não se encerra com o fim do inquérito policial” é replicada no perfil do Portal Brasil de Fato⁶⁷ e mostra que o assunto ainda será pautado nas redes sociais.

A frase “Quem mandou matar Marielle?” é vista durante os atos que ocorreram, por exemplo, no Rio de Janeiro em diferentes pontos da cidade. Em cartazes, murais e gritos de ordem, o *slogan* é retratado também em peças artísticas, o que mostra o forte laço destas tendências virais nas redes sociais com as expressões culturais. Dentro do

⁶⁷ Post do portal de notícias Brasil de Fato pode ser acessado no Instagram em: <<https://www.instagram.com/p/B0bN9JpFVtd/>>

caso passa a ter proporções maiores quando o nome do presidente Jair Bolsonaro é citado por uma testemunha.

O porteiro do prédio onde entraram os assassinos depois do crime é o mesmo em que familiares de Bolsonaro vive. No depoimento à polícia, o funcionário do condomínio disse que suspeitos pediram para ir à casa 58, propriedade de Bolsonaro. A partir disso, o perfil do portal Brasil de Fato faz várias publicações a respeito do caso e utiliza na legenda dos *posts* as *hashtags* em tributo à Marielle e tags com pedidos de justiça pelos mortos.



Figura 36 – Relação entre Acusados do Assassinato da Vereadora Marielle Franco e Bolsonaro Ganha Repercussão nas Redes Sociais e é Divulgado por Páginas e Utilizadores Ativistas.

A relação de Bolsonaro e o caso Marielle volta à tona nas redes sociais no âmbito da investigação criminal. Os internautas fazem publicações com questionamentos sobre o envolvimento de Bolsonaro e familiares no caso. A *hahstag* #QuemEstavanaCasa58 surge após o *tweet* da irmã de Marielle, Anielle Franco, em que ela questiona quem era a pessoa que estava na casa e autorizou a entrada dos criminosos no condomínio, conforme testemunhou o porteiro. Essa situação ilustra a relação política e policial do caso quando os internautas usam a *tag* para se referir a suspeita da família Bolsonaro no crime. No acervo digital das *hashtags* no Instagram é possível visualizar montagem de imagens que cria o círculo das pessoas que estão à volta do caso. Os *ciberindivíduos* produzem peças que fazem as ligações diretas do assassinato com o presidente.



Figura 37 - Utilizador faz Associação de Bolsonaro, Familiares e Amigos no Assassinato de Marielle Franco

Neste exemplo, o utilizador descreve a situação como um “quebra-cabeça” que já tem suas peças que faltavam para a identificação dos mandantes do assassinato e usa *hashtags* em homenagem à Marielle e repúdio à Bolsonaro, como a #EleNão. Aparecem na imagem os ex-policiais suspeitos do assassinato, Marielle Franco, Jair Bolsonaro e seus filhos, e o ex-policial e assessor do deputado Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz, suspeito de enriquecimento ilícito e envolvimento com atividades milicianas no Rio de Janeiro. Queiroz é apontado como amigo próximo de Jair Bolsonaro⁶⁸.

A relação de ex-policiais envolvidos em atividades criminosas com a família de Bolsonaro são elementos utilizados nas publicações dos utilizadores para associar Bolsonaro ao crime organizado que envolvem agentes do estado. A *hashtag* #CadêOQueiroz também aparece na lista de *tags* que estão vinculadas às #MariellePresente e #MarielleVive. Neste sentido, verifica-se que o nome Bolsonaro e seus conhecidos estão atrelados na rede social ao crime que findou a vida de Marielle.

#MariellePresente: a saudade registrada em tag

Os dias da morte da vereadora é contabilizado pelos internautas no Instagram. No perfil da viúva de Marielle é possível verificar que a tendência viral começa logo após a morte da vereadora, em que Mônica faz uma publicação com a *tag* #116DiasSemEla⁶⁹.

⁶⁸ Reportagem sobre Queiroz e a família Bolsonaro pode ser acedida em:<
<https://brasil.elpais.com/brasil/2019-12-18/fabricio-queiroz-ex-assessor-de-flavio-bolsonaro-e-alvo-de-operacao-no-rio.html>>

⁶⁹Publicação de Mônica que usa hashtag para contar os dias sem Marielle pode ser acedida em:
 <<https://www.instagram.com/p/Bk90LHGhzCQ/>>

Com o passar do tempo, a contagem da morte de Marielle motiva grupos, como o “*Design Ativistas*”, a produzirem e divulgarem ilustrações gráficas com os dias sem resposta do crime.

O perfil “*Design Ativista*” (@designativista) possui 161 mil seguidores e na biografia afirma: “o *design* a favor do que você acredita. Crie e use a *tag* #designativista”. Nota-se em uma análise do perfil que o grupo é um dos mobilizadores na plataforma que incentiva o uso de *tags* e torna a discussão dos temas que envolvem Marielle em evidência. As publicações dos ativistas *designers* fortalecem a hipótese que o assunto da morte da vereadora é retratado e impulsionado por meio da arte digital como uma técnica de ativismo *online*, conforme Alcântara (2015) que explica as 4 etapas dos atos *ciberativistas*. Em vários *posts* vê-se menções e desenhos que ilustram a história, a vida, a luta e a morte de Marielle.

Seguindo o movimento que tem início no perfil de Mônica, a página dos *designers* aposta na criação de desenhos digitais e colagens como maneira de tornar o caso visível e exigir por justiça de forma artística. Na data que completou 500 dias da morte, por exemplo, o grupo compartilhou uma série de desenhos de artistas com a *hashtag* #500DiasSemEla. Percebe-se assim que o grupo utiliza a técnica que faz uma sequência cronológica da morte da vereadora no Instagram com outras publicações, como ocorreu nos 366 dias após o feminicídio.

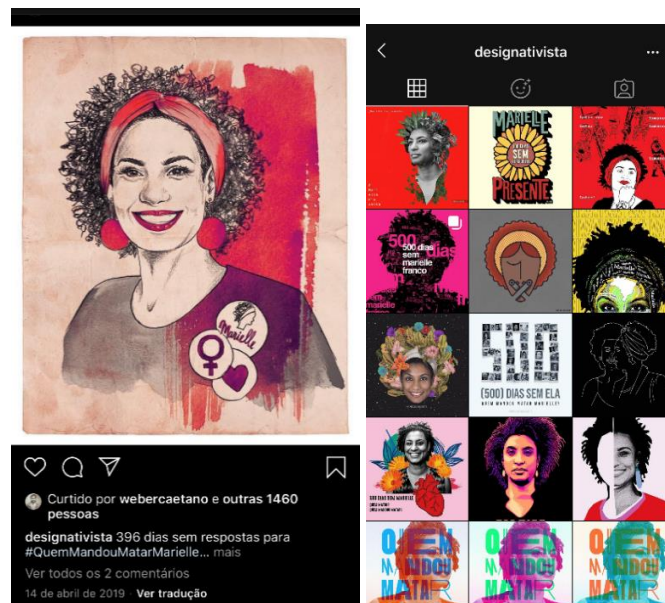


Figura 38 - Perfil Design Ativista faz Publicações Sequenciadas na Data que Completava os 500 Dias da Morte da Vereadora

Avalia-se com isso o engajamento do perfil nas causas ativistas no ciberespaço. A influência do grupo no caso Marielle no Instagram é refletida também no banco de dados desta pesquisa, quando a *tag* #designativista aparece vinculada com as *tags* #MariellePresente e #MarielleVive. Dentro do grafo, a *hashtag* que carrega o nome da página aparece conectada 156 vezes com outras *tags*, entre elas: #VidasNegrasImportam, #QuemMandouMatarMarielle, #EleNão, #racismo, #feminismo, #lgbt, #arte, #streetart etc.

As conexões das *tags* aferidas dentro do grafo corrobora para o entendimento de que o grupo é promotor e difusor de informações ativistas, por meio de ilustração, bem como os temas que estão associadas à imagem de Marielle Franco na plataforma. Neste sentido, fundamenta-se que a utilização das *tags* analisadas nesta pesquisa tem ramificações diversas e são passíveis de serem identificadas e estudadas por meio das técnicas de investigação dos métodos digitais.

Com o método, verifica-se as relações e interações das *tags* e quem são os mobilizadores o que, consequentemente, facilita a busca por estudos de casos na plataforma ao fazer a pesquisa das *tags* que estão relacionadas ao tema. Outros perfis também têm participações notáveis nos movimentos *online* que abordam as causas sociais e o caso Marielle Franco.

A rede social da Anistia Internacional do Brasil tem uma forte atividade *online* no processo de promoção e discussão do assunto, bem como produz e replica conteúdos que exigem investigações das autoridades para chegar aos mandantes. O grupo ainda promove e cria campanhas virais que evocam o uso de *hashtags* nas publicações dos utilizadores. O “tuittaço” com a tag #JustiçaPorMarielle no microblog é um exemplo de como os atos nas redes sociais são organizados estrategicamente ao passar um ano e seis meses do crime.

O *post* com a imagem de Marielle e uma legenda que pede a adesão de outros utilizadores no protesto *online* teve início às duas horas da tarde do dia 10 de setembro de 2019 e tinha o objetivo de pressionar as entidades do Estados por meio do uso da *hashtag* específica. A tag aparece no *grafo* de cor roxa e faz conexões com todas as 51 tags proeminentes que foram estudadas na pesquisa, contudo, essa marca digital não aparece no conjunto das tags relevantes dentro da comunidade roxa, devido ao filtro utilizado no Gephi, que estabelece uma hierarquia de importância medida pela quantidade de interações.



Figura 39 - Anistia Internacional no Brasil Promove no Perfil do Instagram o “tuittaço” com a Tag #JustiçaPorMarielle como uma Forma de Exigir Justiça

A publicação com quase três mil gostos é compreendida como um reflexo da participação dos utilizadores no movimento ativista online. Assim, verifica-se que as organizações dos atos nas redes sociais ocorrem de forma integrada como outras plataformas digitais. Os *ciberativistas*, neste caso, utilizam o Instagram, que tem características de uso diferentes do Twitter, – sendo o primeiro uma rede de interação por

meio de conteúdo audiovisual e a segundo um *microblog* de comentários limitados - para promover o movimento. O perfil da Anistia no Brasil tem 59.800 seguidores no Instagram e no Twitter mais 32.400. A audiência nas redes sociais da organização humanitária é de mais de 92 mil internautas, tendo como mensuração somente os dois perfis.

Considerando a quantidade de seguidores no Instagram, a página da Anistia é classificada como um grupo capaz de incentivar a discussão do caso Marielle na plataforma. A técnica de criação de campanhas *online* com o uso de *hashtags* demonstra a importância da ferramenta na promoção de conteúdos ativistas. Assim, a *hashtag* tem uma função importante na estratégia no *ciberativismo*, como explica Prudência (2014) ao ressaltar que o ativismo digital está relacionado a campanhas específicas, sendo a *hashtag* a marca das mobilizações.

7.3 – Outras Personalidades Políticas Associadas às *Tags* #MarielleVive e #MariellePresente

Conforme demonstrado nos outros tópicos da pesquisa, o caso Marielle Franco é abordado em diferentes perspectivas, sendo elas sociais, políticas e policiais. Observa-se com a recolha de dados que o assunto está cercado de personagens políticas que, de certa forma, estão atrelados com o andamento das investigações para descobrir quem foi o mandante do crime e outros meramente ligados por questões políticas-partidárias.

Os dados do Instagram ilustrados pelas *hashtags* apresentam nomes de políticos brasileiros que são mencionados e vinculados às *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive, como o ex-presidente Lula da Silva, o presidente Jair Bolsonaro e seus familiares parlamentares e o ex-juiz federal e ministro da Justiça, Sérgio Moro.

Lula da Silva

Vê-se nas redes de conexões de *tags* que o ex-presidente Lula da Silva tem uma importância dentro do grafo. Entre as *tags* de Lula que estão vinculadas as de Marielle estão: #LulaLivre, #LulaInocente, #LulaPresoPolitico e #LulaLivreJá. Essas *tags* aparecem dentro do grupo das 51 *hashtags* de proeminência após serem filtradas no Gephi. Sem o filtro, a variação de *tags* com a menção de Lula é ainda maior. As quatro *hashtags* estão conectadas com as *hashtags* da vereadora, bem como as *tags* que representam a comunidade *gay*, mulheres e negros.

Observa-se que as *tags* com o nome de Lula têm uma vinculação maior com os assuntos de cunho sociais do que propriamente com o assassinato de Marielle. É possível verificar na página do Instagram, que a recolha das publicações dos internautas com o uso de #MariellePresente e #MarielleVive, que os utilizadores empregam as *tags* de Marielle Franco com uma abordagem político-partidária, o que faz com que essas *tags* sejam marcas digitais de uso comum por parte dos ciberindivíduos com ideologias de esquerda, como exemplifica a #esquerda, #PSol, #PT e #socialismo. As *tags* de menção ao Lula relacionam-se com todas as 51 *hashtags*, o que corrobora para o entendimento do uso ativista e político das *tags*.

Ao analisar as páginas das *tags* #MarielleVive e #MariellePresente ao longo do processo de investigação desta pesquisa, nota-se que a condenação, prisão e libertação de Lula é comentada pelos internautas e identificadas com as *tags* de Marielle. A relação do

caso Marielle e Lula dá-se também pela participação de Mônica Benício que, publicamente, é a favor da libertação do ex-presidente por considerar fraudulento seu julgamento na Justiça Federal, que foi capitaneada pelo ex-magistrado Sérgio Moro.

Numa das suas publicações no Instagram, a ativista e viúva de Marielle aparece numa imagem com uma bandeira vermelha estampada com o rosto do ex-presidente e o texto “Lula Livre”, que é ilustrado também em *hashtag* no *post* da ativista. A proximidade de Mônica que, conforme demonstrado na pesquisa, pode ser entendida como uma mobilizadora social e promotora de conteúdo que envolve o caso da vereadora assassinada, faz com que os temas se cruzem nas redes sociais e, de certa forma, cria um elo entre os dois políticos que se dedicaram às lutas sociais e conquistas por direitos.



Figura 40 - Mônica Benício, Viúva de Marielle, Publica uma Fotografia no Seu Perfil no Instagram com a Bandeira de "Lula Livre", Vestida com uma Camiseta que Pergunta Quem é o Mandante do Assassinato da Vereadora

A associação de Lula com os debates de direitos humanos e de justiça social começa no seu primeiro governo, quando vence as eleições presidenciais em 2002. Lula é o primeiro presidente do país eleito de uma classe operária. Antes de assumir o posto de chefe do Executivo, o ex-presidente estava envolvido nas lutas sociais dos metalúrgicos em São Paulo.

O governo Lula, como explica no site do Instituto Lula⁷⁰, foi marcado por conquistas sociais, como os programas de redistribuição de renda com o Bolsa Família e

⁷⁰ Biografia do ex-presidente Lula da Silva pode ser acedia em:

linhas de crédito facilitado para a população de baixa renda. Na área educacional, o plano de ação do governo esteve centrado na criação de novas universidades e programas de acesso à educação, por exemplo, o ProUni (Programa Universidade para Todos). Lula também desenvolveu durante sua administração programas de moradias e infraestruturas, como Minha Casa Minha Vida, Luz para Todos e Programa de Aceleração do Crescimento. Ao fim do segundo mandato, Lula coordenou a campanha de Dilma Rousseff que o sucedeu no cargo.

Durante seu primeiro governo surgiram os primeiros escândalos de corrupção, que levou à prisão seu ministro da Casa Civil, acusado de articular pagamento de propina a deputados, caso que ficou conhecido como “Esquema do Mensalão”. À época, Lula declara-se inocente e continua o seu governo.

Anos depois, já noutra investigação de esquema de corrupção, o ex-presidente Lula foi acusado e condenado de receber propinas de empreiteiros, na forma de reformas no sítio de Atibaia, em São Paulo, e a oferta de apartamento triplex no Guarujá. Lula alega não ter recebido favores de empresários e não ser o dono destes bens. Segundo o Ministério Público, apesar de os imóveis não estarem registados em seu nome, Lula era o principal beneficiário dos locais⁷¹.

No caso de investigação conhecida como Lava-Jato, o ex-presidente foi condenado a 12 anos de prisão, mas teve a pena reduzida para 8 anos e 10 meses em recurso no Superior Tribunal de Justiça. Lula foi preso em abril de 2018 e solto 580 dias após a prisão. A trajetória política de Lula e seu governo é reconhecida por parte dos brasileiros com um dos melhores momentos para as classes desfavorecidas. A lembrança de seus eleitores e as acusações de corrupção fez com que parte dos internautas criassem *tags* que expressam a revolta com o resultado da sentença judicial, e por considerar o julgamento como político.

Nota-se dentro do círculo de *tags* que estão a volta de #MariellePresente e #MarielleVive, que as *hashtags* #LulaPresoPolítico, #LulaInocente e #LulaLivre expressam a opinião de milhares de utilizadores que acreditam no conluio político e judicial para levar o ex-presidente à cadeia. Centenas de *posts* que estão nas galerias de

<https://www.institutolula.org/biografia#ancora_03>.

⁷¹ Reportagem BBC sobre suposto envolvimento de Lula em casos de corrupção pode ser acedido em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49647499>>

publicações de #MariellePresente e #MarielleVive no Instagram são relacionadas com notícias sobre o ex-presidente Lula. Verifica-se na imagem abaixo, o internauta a celebrar a liberação de Lula da cadeia com a imagem de ex-presidente com a frase “Lula Livre” e a imagem de Marielle Franco sob “Marielle Vive”.



Figura 41 - Utilizador Celebra a Libertação de Lula com Imagens de Lula e Marielle Sob os Slogans Digitais "Lula Livre e Marielle Presente"

Verifica-se que parte dos internautas engajados nas campanhas nas redes sociais de memória e justiça por Marielle fazem uma associação entre os dois políticos. Porém, esse vínculo é renegado por outra parte dos utilizadores que não acreditam na inocência de Lula, mas estão envolvidos na pressão social por investigações que apontem os mandantes do crime. Esses dois cenários podem ser identificados na imagem acima, em que uma internauta interage com a publicação do autor do *post* e contesta a relação de Lula com a política assassinada. No comentário ela escreve: “Desculpe, Marielle Sim, sempre viverá, mas esse cara tem que ficar na cadeia. Sou apolítica, lésbica, feminista e consciente”.

Assim, entende-se que o movimento Marielle Franco na Internet é suportado também por internautas pró-Lula, por acreditar em sua inocência e sua trajetória política voltada para os menos favorecidos, que se assemelha à luta social de Marielle. Contudo, parte dos ciberindivíduos não relacionam os dois políticos e demonstra que o caso de Marielle não está ligada à situação política de Lula, desvinculando o assassinato da ativista com a comemoração da liberdade de Lula.

Sérgio Moro

O caso de investigação que envolveu políticos e empresários em um dos maiores escândalos de corrupção dentro da Estatal petroleira, Petrobras, é um dos temas ligados ao caso Marielle Franco no Instagram. O ex-juiz federal e ministro da Justiça do atual governo, Sérgio Moro, foi o responsável das sentenças de condenação de vários políticos e, inclusive, a do ex-presidente Lula, que foi condenado por corrupção em primeira e segunda instância judicial.

Contudo, o processo da Lava-Jato, devido a notoriedade das pessoas envolvidas, teve uma grande repercussão nas redes sociais. Os internautas comentam e publicam em seus perfis a cada nova delação premiada – acordo judicial que é ofertado aos acusados sob diminuição da pena em caso de colaboração, indicação e apresentação de provas que incriminam os responsáveis. As isenções das investigações são questionadas por políticos e também utilizadores.

Durante as fases do processo judicial, Moro libera escutas telefônicas como supostas provas de crimes de Lula e outros políticos. Sérgio Moro ganha fama entre parte da população e visibilidade nas redes sociais. Parte dos internautas criaram *tags* de suporte ao juiz, como: #EstamosComMoro. Entretanto, o outro lado, consternado com o julgamento político dentro do poder Judiciário, criaram também *hashtags* que expressam repúdio ao ex-juiz, como #ForaMoro, #Vaza-Jato.

Sérgio Moro recebeu o convite do presidente Jair Bolsonaro logo nos primeiros dias de governo. Na altura, o juiz já havia condenado Lula e durante o processo judicial, em que Lula e Moro estavam presentes em audiência, a defesa do ex-presidente e o magistrado travam discussões acaloradas. A ideia de que a condenação de Lula foi arquitetada com fins partidários é comentada nas redes sociais e as notícias que mostram a articulação de Moro e o Deltan Dallagnol, promotor do caso.



Figura 42 - Internauta Faz Publicação e Pede Compartilhamento do *Post* com a Notícia do Jornal NYT que Caracteriza Sérgio Moro como "Juiz Imoral"

O jornalista do The Intercept Brasil, Glenn Greenwald, publicou conversas entre o então juiz Moro e o promotor Dallagnol que eles aparecem trocando informações sobre o andamento do caso, o que levanta a suspeita da isonomia do magistrado no caso. No exemplo acima, os internautas incentivam o compartilhamento da notícia, em que retrata a suspeita de corrupção no julgamento de Lula no processo da Lava-Jato com o uso de *tags* contra Moro.

No grafo analisado, sem o filtro que elenca as marcas digitais por importâncias, as *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive estão relacionadas com as *tags* que citam o ex-juiz Moro, entre elas estão: #EuNãoConfioNoMoro, #ForaMoro, #ForaMoroGolpista, #ForaSergioMoro, #JuizMoro, #MinistroMoro, #MinistroSergioMoroNaCadeia, #Moro, #Moro171, #MoroBabaca, #MoroBandido, #MoroBundaMole, #MoroCaboEleitoral, #MoroCapacho, #MoroChefeDaQuadrilha, #MoroContinuaMentindo, #MoroCorrupto, #MoroCriminoso, #MoroDesonesto, #MoroEDellagnolNaCadeia, #MoroFujão, #MoroJuizFake, #MoroImoral, #MoroJuizLadrao, #MoroLadrão, #MoroMente, #MoroMiliciano, #MoroMinions, #VazaMoro, #SomosTodosMoro, #SergioMoroNaCadeia, #MoroTraidorDoBrasil, #MoroSuaCasaCaiu, #MoroPedePraSair, entre muitas outras.

A relação entre as *tags* de Moro e Marielle aparecem vinculadas, pois exprimem a repercussão dos casos que tem Bolsonaro e Lula como foco. Assim, as *hashtags* #MariellePresente e #MarielleVive, neste contexto, não têm relação com as lutas sociais ou a morte da vereadora, mas sim são marcas digitais que o objetivo de criticar o governo Bolsonaro e a decisão judicial que condenou Lula. Durante a análise dos acervos digitais

das *tags* no Instagram, averiguou-se que o que liga Sérgio Moro ao caso Marielle é Lula na maioria dos casos. Os utilizadores criam peças e conteúdos digitais que demonstram insatisfação com o governo e Sérgio Moro e utilizam as *tags* #MariellePresente e #MarielleVive.

Jair Bolsonaro

A menção de Bolsonaro é visualizada dentro do grafo em contextos diferentes. Como exemplificado no capítulo 6, as *hashtags* com menções a Bolsonaro estão associadas às *tags* de cunho ativista dos grupos sociais: LGBTQI+, mulheres e negros. Contudo, o presidente aparece no contexto policial logo após a prisão dos primeiros acusados, por ter relações pessoais com os investigados, quando a apuração e depoimento de testemunhas apontam para seu envolvimento.

Apesar de não terem provas concretas sobre a relação de Bolsonaro com o crime, os internautas fazem as ligações do quebra-cabeça em que o chefe do executivo é o integrante do crime arquitetado, conforme ilustra a imagem 10. Em meados de outubro de 2019, o porteiro do condomínio em depoimento à polícia disse que a voz da pessoa que atendeu o interfone da casa e liberou a entrada dos assassinos de Marielle no condomínio foi dada pelo “Sr. Jair”. Bolsonaro é dono da casa 58, local que os ex-policiais pediram para entrar depois de terem cometido o feminicídio.

O reflexo desta situação é apresentado nas redes sociais, por meio de *hashtags*, e faz com que o presidente também seja o foco do assunto no caso Marielle. Entre as *tags* analisadas que remetem a Bolsonaro, estão: #EleNao, #EleNão, #EleJamais, #ForaBolsonaro, #Bolsonaro, #EleNunca e #ForaBozo. Essas *tags* recebem e enviam informações de outras *tags*, o que mostra a dinâmica do uso das *tags* em diferentes contextos.

Assim, afere-se que as #MariellePresente e #MarielleVive são referidas ao Bolsonaro em três contextos:

- Político: as *tags* são utilizadas no contexto eleitoral, como visto nas Eleições de 2018, e representava o grupo de eleitores que repudiava a candidatura de Bolsonaro à Presidência da República nas redes sociais;

- Social: usadas para fazer críticas às declarações preconceituosas do político, conforme demonstrado no capítulo anterior, em que é citada as ocasiões em que Bolsonaro se manifestou de forma misógina, homofóbica e racista;

- Policial: quando os internautas associam as informações apuradas pelas entidades investigadoras e revelam proximidade de familiares do presidente aos policiais investigados no assassinato.

Conclusão

O assassinato de Marielle Franco em 14 de março de 2018 marcou e transformou as interações sociais por meio das novas plataformas digitais. O caso é verificado como mais uma forma de organização e relacionamento que é criado nas redes sociais, como o Instagram, para promover e divulgar discussões de cunho social, ativista e político.

Os internautas criaram *hashtags* em homenagem a vereadora, mas também, utilizam-nas para promover discussões sobre feminismo, direitos LGBTQI+ e população negra. Contudo, as *tags* também são utilizadas como meio de contestar e criticar o governo do presidente Jair Bolsonaro, pedir a prisão a Sérgio Moro e a libertação do ex-presidente Lula da Silva, como identificado na análise de dados.

Conforme defendem Gomes e Becker (2017), as novas mídias sociais possibilitaram a divulgação e convocações de atos sociais de maneira descentralizada, o que incentivou que utilizadores programassem manifestações em diferentes partes do mundo no dia em que completou um ano da morte de Marielle, conforme demonstrado nos capítulos anteriores. As publicações dos protestos de ruas foram registradas e publicadas no Instagram com as estampas: #MarielleViVe e #MariellePresente.

Se a Internet possibilitou quebrar as fronteiras do acesso à informação, as *hashtags* surgem como uma nova linguagem capaz de expressar emoções e catalogar conteúdos nas redes sociais, como pontua Costa-Moura (2014). A cerquilha neste contexto, como um elemento estudado pela Comunicação Mediada por Computador, segundo Baron (2002), constitui um símbolo gráfico incorporado na escrita com propósito de passar uma mensagem específica por meio de dispositivo digital.

Conferiu-se que o impulsionamento das *hashtags* teve recurso de diferentes grupos sociais e a adesão da comunidade artística que, ainda hoje, utilizam as *hashtags* para solicitar investigações do caso com a produção de pinturas em murais e ilustrações digitais por todo o mundo. As celebridades brasileiras também exercem um papel fundamental para que as *tags* continuem em evidência na rede social. Caetano Veloso, Petra Costa e Wagner Moura, por exemplo, foram personagens que aparecem envolvidos nas publicações e utilização das *hashtags* ao citar, em aparições públicas, a revolta pelo crime.

Avaliou-se que a adesão de novos membros e o suporte de utilizadores de outras campanhas de cunho social *online* unem-se com a função de serem aceleradores do processo viral das *tags* nas redes social, o que pode ser chamada de “*hashtags*”

auxiliadoras”. De acordo com Prudêncio (2014), os atuais repertórios ativistas estão vinculados a situações anteriores que se unifica para ganhar maior notoriedade.

Nesta ideia, constatou-se que #MarielleVive e #MariellePresente também contam com o apoio e adesão de utilizadores de outros movimentos digitais, como #VidasNegrasImportam, que na versão americana, #blacklivesmatter, como pontua Rezapour (2018), ajudou a fortalecer outras campanhas *online* de cunho antirracista no Estados Unidos. Em outra ocasião, verificou-se que a participação de internautas do movimento #EleNão, criado por um grupo de mulheres no Facebook, tem um vínculo com as *tags* de Marielle Franco. As duas ocasiões interligam-se nos temas de direitos das mulheres e rejeição ao presidente da República Jair Bolsonaro, conforme demonstrado nos dados da pesquisa. Não obstante, identificou-se também que as *tags* #LulaLivre e #ForaBozo estão relacionadas ao uso das *tags* de Marielle com uma abordagem política e com fins partidários.

Entre os pontos que se propôs investigar na dissertação, as *hashtags* analisadas foram pesquisadas no contexto ciberativista a fim de identificar padrões, organizações e as pautas que estão vinculadas a elas na rede social. Como destacam Alcântara (2015) e Canton (2011), as atividades de cunho ativista nas redes não constituem algo novo, porém, o movimento “Marielle Franco” nas redes sociais destaca-se pelas proporções de alcance na plataforma e como as *tags* “ganham vida” no espaço físico.

As páginas das *hashtags* no Instagram crescem diariamente e, durante o período de análise, viu-se que o conteúdo é publicado como uma reação aos acontecimentos da vida quotidiana, o que mostra a próxima relação do espaço e ciberespaço com uma característica atemporal. A quantidade massiva de informações que consta nos perfis é um desafio na pesquisa, contudo, as técnicas de investigação empíricas serviram de instrumentos para o alcançar as respostas da dissertação.

O processo de decodificação da informação, iniciada com a extração e modulação de dados, teve embasamento em Rogers (2016) e Omena (2019) que abordam sobre as metodologias dos Métodos Digitais. Os autores defendem que é possível extrair informações valiosas quando se unem métodos quantitativos e qualitativos. Diante disso, foi possível constatar três situações com a mapeamento das *tags* e a pesquisa na rede social. Viu-se que:

- O primeiro está relacionado aos utilizadores que aplicam as *tags* de forma militante, tendo visto a adesão de personalidade de grande representatividade de movimentos sociais no processo de discussão virtual do caso. Nesse grupo, vimos a

participação Angela Davis, que contribui para a discussão ativa do caso Marielle na Internet, quando promoveu homenagem à vereadora na Universidade de Princeton Estados Unidos, assim como, em sua visita ao Brasil, onde palestrou em conferências de direitos humanos sobre as violações de direitos e o genocídio da população negra no país. A entidade humanitária, Anistia Internacional Brasil, exerce forte pressão virtual às entidades para identificar os mandantes do crime e, também, denunciar os casos de violências dos grupos sociais aqui mencionados: feminicídio, LGBTfobia e extermínio da população jovem negra;

- No segundo cenário, vê-se a participação dos artistas e celebridades na viralização das *tags* com as publicações de ilustrações digitais, esculturas e pinturas que retratam a vida e o legado da vereadora. As manifestações artísticas no ambiente físico e virtual foram registradas no Instagram com as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente. No campo da música, Caetano Veloso é caracterizado como personalidade de destaque na rede social ao expressar condolências à família e revolta pelo assassinato com o uso de #MariellePresente, um dia depois de sua morte.

- O terceiro recorte é atribuído ao uso político partidário das *tags*. As #MarielleVive e #MariellePresente aparecem relacionadas a *trend* que surgiu com um grupo de mulheres no Facebook, como #EleNão, no período eleitoral. Os utilizadores replicam as repercussões das decisões do atual governo, sendo o símbolo de resistência e contraposição política as *tags* de Marielle. Nesse enfoque, analisou-se também que as *tags* de partidos políticos, como PT e PSol, conectam com as de Marielle. Nesse grupo, aparecem internautas a favor e contra o sistema socialista. A *tag* #socialismo é ilustrada na rede de ligação das *hashtags* da pesquisa.

Com base nisso, a pesquisa com a modulação de dados e investigação das *tags* na plataforma fundamenta a importância da *hashtag* como um recurso digital que pode ser utilizado como inspiração para a produção de conteúdos, mobilizações, discussões de assuntos específicos e de impacto social.

Assim, a cerquilha, conhecida também por cardinal, símbolo gráfico (#), torna-se “*hashtag*” no cenário digital como uma ferramenta de promoção de debate de assuntos de cunho sociopolítico capaz de mobilizar a interação dos personagens no mundo real, o que indica uma nova forma de comunicação com a linguagem “*hashtag*”. O caso Marielle Franco é visto como um exemplo da atuação, estratégia e mecanismo do ativismo digital por meio de tags no Instagram.

Com base na problemática que foi baseada esta dissertação, a pesquisa consegue responder de que maneira as *hashtags* que envolvem o caso Marielle Franco estão associadas às lutas pela igualdade e direitos humanos, de que forma os integrantes de grupos sociais, como negros, homossexuais e mulheres aderiram, compartilharam e criaram conteúdos associados ao elemento cerquilha como forma de passar uma mensagem política e exigir políticas públicas e, por fim, o impacto das celebridades no processo de adesão do movimento *online*.

Assim, as *hashtags* #MarielleVive e #MariellePresente enquadram-se no conceito trazido por Yang (2016) do ativismo de *hashtag*. Segundo o autor, esse tipo de *tag* é identificado pela quantidade massiva de publicações nas redes sociais com uma reivindicação social e política.

A tese contribui para a investigação da comunicação digital no âmbito social, bem como para as pesquisas de cunho empírico, ao acompanhar o processo virtual de formação de ideia e de grupos em prol de uma causa, fazendo uma reflexão do modo de interação entre utilizadores. Por conseguinte, o fator de relevância deste estudo está relacionado à apropriação de um elemento gráfico (#) usado em outros tipos de mídias analógicas e, que na Era Digital, ganha mais uma funcionalidade com enfoque sociológico e antropológico, como uma ferramenta para promoção e divulgação de temas ciberativistas.

Como ponto de partida, esta tese cria a oportunidade de estudar o ativismo de *hashtags* nas redes sociais como um meio de rastrear conteúdo de cunho social e político e, também, verificar como as *tags* ajudam no processo de divulgação de ilustrações digitais nas plataformas por meio de perfis ativistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abers, R.N., Silva, M. K, Tatagiba, L. (2018). *Movimentos sociais e políticas públicas: repensando atores e oportunidades políticas*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, (105), 15-46. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-015046/105>
- Adelman, M. B., Parks, M. R., & Albrecht, T. L. (1987). Albrecht & M. B. Adelman (Eds.). *Beyond close relationships: Support in weak ties*. In T. L., *Communicating social support* (pp. 126-147). Sage. Newbury Park, Califórnia.
- Alcântara, L. (2015). "*Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões*." Revista de arte, mídia e política, v.8, n.23, p. 73-97. São Paulo, Brasil. Acedido em <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22474/18888>
- Alcântara, L. (2016). *Ciberativismo e a Dimensão Comunicativa dos Movimentos Sociais: repertórios, organização e difusão*. Revista Política e Sociedade, v.15, n.34, p.315-338. Florianópolis, Brasil. Acedido em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15n34p315>>
- Alvarez, S. (1988). *Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia*. In: Stepan, A., ed. Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro.
- Alves, B.M; Pintanguy, J. (1981). O que é Feminismo- abril Cultura/Brasiliense - Coleção primeiros Passos. Brasil.
- Alzamora, C. G., Bicalho, G.A. L. (2016). *A representação do Impeachment Day mediada por hashtags no Twitter e no Facebook: semiose em redes híbridas*. Interin, vol. 21, núm. 2, pg. 100-121. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Amaral, A., Montardo, S. (2010). *Pesquisa em Cibercultura e Internet: Estudo exploratório comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos*. In: Anais do IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, Intercom. Acedido em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2639-1.pdf>.

- Arquilla, J., ronsfeld, D. (2000). *Swarming and the Future of Conflict*. USA: Rand Corporation, Office of the Secretary of Defense.
- Arquilla, J., ronfeldt, D. (1996). *The Advent of Netwar*. RAND Corporation. Estados Unidos.
- Bartkowiak, J.Z, Fonseca, T de A., Mattos, G.M; V.H. do C. (2017). *A Primavera Árabe e as Redes Sociais: O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia*. Caderno de Relações Internacionais, v. 10, n.1, 2017 66. PUC Rio de Janeiro, Brasil. Acedido em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30432/30432.PDFXXvmi=>
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo Sexo: a experiência vivida*. Volume2, 3.ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Brasil.
- Becker, V.T, gomes, A.A (2017). *Movimentos sociais em rede: ciberativismo e cidadania*. XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Redes e Território. Rio Grande do Sul, Brasil, Acedido em: <https://bit.ly/392h15p>
- Betto, F. (2001). *Marcas de batom*. Caros Amigos. Ano V, n. 54. São Paulo, Brasil.
- Bezerra, A.R; Sousa, A.D.P; Maia, L.P; Matias, L.A.C; Silva, L.B (2013). *Movimento LGBT: breve contexto histórico e o movimento na região do Cariri*. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social. Fortaleza, Brasil.
- Boyd, D.; Crawford, K. (2012). *Critical Questions For Big Data*, Information, Communication & Society, v.15, issue 5, pp. 662-679.
- Brasil (2017). Resolução de número 23.553/17. Tribunal Superior Eleitoral. Acedido em 25/12/2019 em:<<http://www.tse.jus.br/legislacao-tse/res/2017/RES235532017.html>>
- Bringel, B., Muñoz, E. (2010). *Dez anos de Seattle, o movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional*. Ciências Sociais Unisinos 46(1):28-36. Doi: 10.4013/csu.2010.46.1.04. Acedido em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/168/38
- Bruns, A., M, B., paul, A., & Münch, F. (2016). *Towards a typology of hashtag publics: a large-scale comparative study of user engagement across trending topics*. Communication Research and Practice, 2(1), 20–46.

- Cândido, M. A. (2018). *Dá Maré, vereadora fazia parte do 'bonde de intelectuais da favela'*. Reportagem do site Folha de São Paulo. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/feminista-negra-e-cria-da-mare-quem-foi-a-vereadora-marielle-franco.shtml>>
- Canton, P. (2011). *Social Media and the Arab Spring: an analysis of the strategic geopolitical Impact and the implications for the future*. Acedido em: https://wikileaks.org/gifiles/attach/37/37885_SocialMediaRoleCantonFINAL.pf
- Carneiro, J. D. (2018). *Mulher, negra, favelada, Marielle Franco foi de 'cria da Maré' a símbolo de novas lutas políticas no Rio*. Reportagem do site da BBC Brasil. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43423055>>
- Castells, M. (2013). *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Zahar. Rio de Janeiro, Brasil.
- CISNE, M. (2015). *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. Cortez. São Paulo, Brasil.
- Daniel, H. (2018). *AIDS no Brasil: a falência dos modelos*. DANIEL, H.; PARKER, R. (org.) *AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. 2ª edição, ABIA. Rio de Janeiro, Brasil.
- Da Silva, F. B., Jaccoud, L., & Beghin, N. (2005). *Políticas sociais no Brasil: participação social, conselhos e parcerias. Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo*. Brasília, Brasil.
- El Pais (2019). *Caso Marielle: O que se sabe até agora sobre o crime que completa um ano*. Reportagem do Jornal El Pais. Acedido no dia 12/10/2019 em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/12/politica/1552413743_367093.html>
- Ferrari, A. (2003) *Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Revista Brasileira de Educação. 2003

- Fragoso, S., Recuero, R., Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina. (Coleção Cibercultura).
- Furini, L, Lima, C. (2017). *Fora de Contexto: hipóteses sobre o uso de hashtags populares*. Vozes e Diálogo, Itajaí, v. 16, n.02, Brasil.
- Galvão, J. (2000). *Aids no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia*. Editora 34. São Paulo, Brasil.
- Gerrard, Y. (2018). *Beyond the hashtag: Circumventing content moderation on social media*. V. 20:12, pp. 4492-4511, Department of Sociological Studies. The University of Sheffield, Inglaterra. Acedido em: <<https://doi.org/10.1177/1461444818776611>>
- Gomes, N.G (2005). *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Parte I – Contextualização da Lei no10.639/03Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, Brasil. Acedido no dia 28/12/2019 em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000143283/PDF/143283por.pdf.multi>>
- Gonçalves, J., Leitão, L, Araújo, M., Teixeira, P. (2018). *Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio*. Reportagem do Portal de notícias G1. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>>.
- Gonçalves, J.R., Leitão, L., Araújo, M., Teixeira, P. (2018). *Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio*. Reportagem do site Portal G1. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>>
- Grossi, Miriam, Heilborn, Maria Luiza, RIAL, Carmen. (1998). *Entrevista com Joan Wallach Scott*. Revista Estudos Feministas. Vol.6, n.1/98.

- Heilborn, M. L. (2002). *Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade*. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, p. 73-92. Rio de Janeiro, Brasil.
- Hine, C. (2005). *Virtual Methods: issues in social research on the internet*. Oxford, New York: Berg.
- Hine, C. (2007). *Internet Research and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge*. P. 239-248. Acedido no dia 08/11/2016 em: <https://doi.org/10.1080/01972240591007553>
- Holanda, M., Amendola, G. (2018). Líder do MBL confirma ligação do grupo com páginas excluídas. Reportagem acedido no dia 12/10/2019 em: < <https://www.terra.com.br/noticias/lider-do-mbl-confirma-ligacao-do-grupo-com-paginas-excluidas-e-diz-que-acusacoes-sao-infundadas,5d8c882a3ec51b222cd32d72448d19018x9rxvrp.html>>
- Illingworth, N. (2016). *Content, Context, Reflexivity and the Qualitative Research Encounter: Telling Stories in the Virtual Realm*. *Sociological Research Online*, Volume 11, Issue 1, Universidade Stirling, Stirling, Escócia. Acedido no dia 08/11/2019 em: <http://www.socresonline.org.uk/11/1/illingworth.html>
- Jones, S. (1995). *"Understanding community in the information age."* In S. Jones (ed.), *Cybersociety: Computer-mediated Communication and Community*. Sage. Thousand Oaks, Califórnia.
- Jones, S. (1997). *Virtual Culture: Identify and Communication in Cybersociety*. Sage, London.
- Jones, S. (1998). *Cybersociety 2.0: Computer-mediated Communication and Community*, Sage. Pg. 10- 35. Thousand Oaks, CA.
- Juris, J. (2005). *The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements*. Volume: 597 issue: 1, page(s): 189-208. Acedido em: <<https://doi.org/10.1177/0002716204270338>>.

- Lasén, A., Albéniz, I. (2008). *Movimientos, “mobidas” y móviles, un análisis de las masas mediatizadas*. In: Sábada, I.; Gordo, A. (Orgs). *Cultura digital y movimientos sociales*. Madrid.
- Lievrouw, L.A. (2011). *Alternative and activist new media*. Polity Press.
- Lima, D., Oliveira, T. (2019). *MARIELLE PRESENTE!: As redes sociais no marco de um ano da morte da vereadora carioca*.
- Macgregor, G. (2007). Hine, C. (Ed.) *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*. Berg Publishers. Oxford, Inglaterra.
- Magalhães, M; Marôpo, L. (2016). *Investigação em comunicação digital: uma reflexão sobre métodos para a análise de redes sociais*. Revista Comunicando.
- Marres, N. (2016). Snee, H., Hine, C., Morey, Y., Roberts, S., Watson, H. (org.) *Digital Methods for Social Science: an interdisciplinary Guide to Research Innovation*. Palgrave Macmillan. Reino Unido.
<<https://books.google.ie/books?id=al3eCgAAQBAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>
- Mendes, L. (2010). *A história do movimento homossexual brasileiro*. Acedido no dia 20/12/2019 em:
<<https://lgbtt.blogspot.com/search?q=A+hist%C3%B3ria+do+movimento+homossexual+brasileiro>>
- Mendonça, H., Marreiro, F., (2018). *MBL e deputado propagam mentiras contra Marielle Franco em campanha difamatória*. Reportagem acedido no dia 12/10/2019 em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521318452_688519.html>
- Mesquita, L. (2018). *Reportagem da BBC News, publicada no site Portal G1*. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/os-ultimos-momentos-de-marielle-franco-antes-de-ser-morta-com-quatro-tiros-na-cabeca.ghtml>>
- Miguel, L.F; Biroli, F. (2014). *Feminismo e política: uma introdução*. Boitempo Editorial. São Paulo, Brasil.

- Nguyen, D. T., Alexander, J. Shields, R (eds). (1996). *"The coming of Cyberspacetime and the End of Polity"*, in Cultures of the Internet: Virtual Spaces, Real Histories, Living Bodies. London.
- Omena, J, Rosa, J. (2015). *Estudos no Facebook em Portugal: revisão sistemática dos métodos de investigação*. Acedido no dia 18/11/2019 em : <https://www.researchgate.net/publication/330535660_Estudos_no_Facebook_em_Portugal_revisao_sistematica_dos_metodos_de_investigacao>
- Omena, J (2019). *O que são métodos digitais?* (Prelo).
- Omena, J. (2020). *Digital Methods for Hashtags Engagement Research*. Social Media and Society, special issue: Studying Instagram beyond selfies.
- Ortiz, P.H.F. (2005). *Das montanhas mexicanas ao ciberespaço*. Estudos Avançados, 19(55), p. 173-186. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000300012>
- Passos, F. J (2016). A urgência de um processo de desconstrução do racismo institucional rumo a verdadeira democracia racial. Brasil. Acedido no dia 29/12/2019 em:< https://www.educafro.org.br/site/wp-content/uploads/2016/11/racismo_insitucional.pdf>
- Phillips, A. (1996). *Dealing with Difference: A Politics of Ideas, or a Politics of Presence?* In: BENHABIB, S. (ed). Democracy and Difference. Princeton: Princeton University.
- Pinto, C.R.J (2003). Uma história do feminismo no Brasil. Coleção História do Povo Brasileiro. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, Brasil.
- Pinto, C.R.J (2010). *Feminismo, história e poder*. Revista de Sociologia e Política, 18(36), 15-23. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>
- Prudêncio, K. (2015). *Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política*. Compolítica, 4(2), 87-110. Acedido em: <https://doi.org/https://doi.org/10.21878/compolitica.2014.4.2.69>

- Queiroz, E.F.C (2017). *Ciberativismo: A nova ferramenta dos movimentos sociais*. Revista Panorama, v.7, n-1, p. 2-5. Goiânia, Brasil. Acedido em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5574/3064>
- Recuero, R. (2012). *A Conversação como apropriação na Comunicação Mediada pelo Computador*, Brasil.
- Rheingold, H. (1993). *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. Reading, Massachussetts: Addison-Wesley.
- Rogers, A. e Nicolass, G. (1998) "*Understanding the Patter and Processes of Primary Care Use: A Combined Quantitative and Qualitative Approach*". Sociological Research Online, vol. 3, no. 4. Acedido no dia 11/11/2019 em: <<http://www.socresonline.org.uk/3/4/5.html>>
- Rogers, R. (2016). *O fim do virtual: os métodos digitais*. Lumina, 10(3). Acedido no dia 07/11/2019 em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2016.v10.21353>
- Shuler, D. (1996). *New Community Network*. New York. Addison - Wesley.
- Snee, H., Hine, C., Morey, Y., Roberts, S., Watson, H. (2016). *Digital Methods for Social Science: an interdisciplinary Guide to Research Inovation*. Palgrave Macmillan. Reino Unido. <<https://books.google.ie/books?id=al3eCgAAQBAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>
- Suhett, C.F. (2018). *No Twitter, deputado Fraga, da bancada da bala, ataca Marielle Franco*. Reportagem acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://www.metropoles.com/brasil/no-twitter-deputado-fraga-da-bancada-da-bala-ataca-marielle-franco/amp>>
- Ugarte, D. (2008). *O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 4(1), 169-172. EDIPUCRS. Porto Alegre, Brasil. Acedido em:< <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/97>>

- Vanzin, T., Palazzo, L.A.M. (2018). *Cibersociedade e novas tecnologias*. Erechim: Deviant.
- Venttoraso, L., Albuquerque, A. (2019). *PMs são presos sob suspeita de matar vereadora Marielle Franco*. Reportagem do Jornal Folha de São Paulo. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/pm-e-preso-por-suspeita-de-executar-marielle-franco.shtml>>
- Venturini, L. (2018). *O assassinato de Mariell Franco num Rio sob intervenção em 4 pontos centrais*. Reportagem do site Nexo. Acedido no dia 12/10/2019 em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/15/O-assassinato-de-Marielle-Franco-num-Rio-sob-interven%C3%A7%C3%A3o-em-4-pontos-centrais>>
- Walther, J. & Boyd, S. (2002). *Communication technology and society: Audience adoption and uses* (pp. 153-188).
- Wray, S. (1998). *Electronic Civil Disobedience and the World Wide Web of Hacktivism: a mapping of extraparlamentarian direct action net politics, 1998*.
- Yang, G. Narrative Agency in Hashtag Activism: The case of #BlackLivesMatter. *Media and Communication*, 2016, v.4, pg. 13-17. Acedido no dia 10/10/2019 em: < <https://www.studocu.com/en/u/3268503>>

Lista de Figuras

Figura 1 - Comunidades Identificadas por Cores e Relevância de Informação.

Figura 2 - Visualização dos Clusters Com e Sem os Nomes das *hashtags*.

Figura 3 - Aplicação do Filtro "*Topology*" na Escala "*Degree Range*" Reduz o Número das *Hashtags* para as 51 Mais Importantes.

Figura 4 - Ilustração das Comunidades por Cores.

Figura 5 - Os Pequenos Pontos a Amarelo Representam a Sexta Comunidade com Mais Interações na Rede, mas sem *Tags* de Proeminência.

Figura 6 - Apresentador Cristian Pior é Vítima de Ataque Homofóbico. Página no Instagram Utiliza a Imagem do Artista para Chamar a Atenção à Violência Contra Pessoas da Comunidade LGBTQI.

Figura 7 - Jair Bolsonaro Diz que Remédio para Tratamento do HIV Sai Caro para o Brasil

Figura 8 - Marielle Franco Homenageada na Parada Gay de São Paulo em 2018 com mais de Três Milhões de Pessoas.

Figura 9 - Campanha Divulgada no Perfil de Mônica Benício em Resposta à Tentativa de Retirada de Livro LGBTQI+ da Bienal no Rio de Janeiro.

Figura 10 - *Post* no Instagram da Anistia Internacional Brasil com a Bandeira LGBTQI+ na Parada do Orgulho em São Paulo em 2019 e Homenagem à Marielle Franco como Ativista.

Figura 11 - Anistia Produz Conteúdo em Homenagem à Marielle. Publicação é Replicada em Páginas Ativistas, o que Demonstra o Papel da Entidade no Processo de Viralização das *Hashtags*.

Figura 12 - Mônica Pede que Internautas Apoie o Projeto de Lei com a Assinatura de uma Petição *Online* para Criar o Dia Nacional das Defensora dos Direitos Humanos no Dia 14 de março.

Figura 13 - Mônica Benício Compartilha Publicação da Mídia Ninja Sobre a Decisão do STF em Tipificar a Homofobia como Racismo.

Figura 14 - Protestos no Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 2019, em Recife, Mostra o Engajamento Feminino no Caso Marielle Franco.

Figura 15 - Publicação do Deputado que Quebrou a Placa em Homenagem à Marielle Durante as Eleições de 2018. Ele é Criticado por Internautas ao Fazer um *Post* no Dia Internacional da Mulher.

Figura 16 - Placa em Homenagem à Marielle Destruída por Candidatos do Partido PSL Gera Manifestações e Peças Ilustrativas nas Redes Sociais.

Figura 17 - Atriz e Embaixadora da ONU Mulher no Brasil, Camila Pitanga, Apoia a Candidatura da Chapa Coletiva de Mulheres para a Câmara Legislativa de São Paulo. O Vídeo foi Republicado e Associado às *Tags* Marielles.

Figura 18 - Publicação de Internauta que Aborda a Questão das Mortes dos Negros no Brasil com o Uso da *Hashtag* #VidasNegrasImportam.

Figura 19 - Utilizador Elenca Marielle como uma das Pessoas de Importância para o Movimento Negro com Uso das *Tags* #MarielleVive e #VidasNegrasImportam.

Figura 20 - Internauta Compartilha *Post* de Perfil Ativista com Uso das *Tags* #repost e #VidasNegrasImportam, o que Mostra a Interatividade entre os Utilizadores.

Figura 21 - Perfil de Notícias da Comunidade Negra Divulga Imagem da Deputada Estadual ao Lado de Marielle como um Registro Histórico de uma Mulher Negra Assumir a Comissão de Direitos Humanos na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

Figura 22 - Deputada Estadual Renata Souza Participa no Evento na Casa Ninja Lisboa para Discutir a Representatividade da Mulher Negra na Política. Parlamentar Palestrou ao Lado Joacine Katar e Beatriz Dias.

Figura 23 - Mônica Relata os Momentos Difíceis num *Post* e Agradece a Homenagem que foi Feita no Dia que Completou Um Ano da Morte de Marielle.

Figura 24 - Frase de Marielle Usada como Símbolo de Orgulho Negro Compartilhado em Página de Ativismo Negro.

Figura 25 - *Post* de Cunho Ativista com Imagem de Angela Davis a Citar o Trabalho de Marielle Contra o Racismo em São Paulo.

Figura 26 - Caetano Veloso faz Homenagem à Marielle no Seu Perfil no Instagram um Dia Após a Morte da Vereadora. O Cantor e Compositor Utiliza a *Hashtag* #MariellePresente.

Figura 27 - Atores Fábio Assunção e Letícia Persiles Fazem Publicação no Instagram em Homenagem à Vereadora e Usam as *Tags* #MariellePresente, #MariellePresenteSempre e #MarielleFrancoPresente.

Figura 28 - Atrizes Glória Peres e Letícia Persiles Usam as *Tags* #MariellePresente para Expressarem Revolta e Convocar os Seguidores a Participarem de uma Passeata em Homenagem à Marielle.

Figura 29 - Diretor do Filme Marighella, Wagner Moura, Faz Associação do Ativista Negro Morto pelo Estado em 1969 com o Caso Marielle, Ambos Assassinados Dentro de um Carro.

Figura 30 - *Post* da Mídia Ninja em Homenagem à Cineasta Petra que Teve o Documentário Indicado ao Óscar de 2020. Petra Aparece ao Lado da Ativista Indígena Sônia Guajajara.

Figura 31 - Mural com Rosto de Marielle Franco Criado pelo Artista Português Vhils. A Fotografia da Obra foi Publicada no *Storie* de Madonna no Instagram.

Figura 32 - Pinturas do Artista em Muros de Lisboa Publicadas no Instagram Retratam o Caso Marielle e as Mortes dos Negros no Brasil.

Figura 33 - Pintura da Artista PearlBruxa Desenvolvida no Festival Pantheon The Message Publicada na sua Rede Social no Dia 18 de julho de 2018.

Figura 34 - Mônica Benício Repercute com o Uso da #QuemMandouMatarMarielle a Vitória da Mangueira que Teve como Enredo a Vereadora.

Figura 35– Página no Instagram Divulga os Lugares dos Protestos que Marcam 1 Anos da Morte da Vereadora e Transmite as Passeatas em Tempo Real na Rede Social.

Figura 36 – Relação entre Acusados do Assassinato da Vereadora Marielle Franco e Bolsonaro Ganha Repercussão nas Redes Sociais e é Divulgado por Páginas e Utilizadores Ativistas.

Figura 37 - Utilizador faz Associação de Bolsonaro, Familiares e Amigos no Assassinato de Marielle Franco.

Figura 38 - Perfil Design Ativista faz Publicações Sequenciadas na Data que Completava os 500 Dias da Morte da Vereadora.

Figura 39 - Anistia Internacional no Brasil Promove no Perfil do Instagram o “*tuittaço*” com a Tag #JustiçaPorMarielle como uma Forma de Exigir Justiça.

Figura 40 - Mônica Benício, Viúva de Marielle, Publica uma Fotografia no Seu Perfil no Instagram com a Bandeira de "Lula Livre", Vestida com uma Camiseta que Pergunta Quem é o Mandante do Assassinato da Vereadora.

Figura 41 – Utilizador Celebra a Libertação de Lula com Imagens de Lula e Marielle Sob os *Slogans* Digitais "Lula Livre e Marielle Presente".

Figura 42 – Internauta Faz Publicação e Pede Compartilhamento do *Post* com a Notícia do Jornal NYT que Caracteriza Sérgio Moro como "Juiz Imoral".